

UMA LOUCA NA MÁFIA

LIVRO 02

*Não podemos
fugir do passado*

AMANDA PEREIRA



UMA
LOUCA
NA
MÁFIA

LIVRO 02

© Copyright 2020 Amanda Pereira

Revisão: Artemia Souza

Diagramação: Tici Pontes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[Sobre a autora](#)



Tudo que Laura quer é viver a sua vida longe do pai.

Com seus dezessete anos ela foge dos maus tratos do seu pai e descobre o verdadeiro significado de amizade ao encontrar Isabella.

Paollo Salvatore é o consigliere da máfia italiana, um homem frio e arrogante, que acha que todos a sua volta têm que obedecê-lo, mas tudo muda quando conhece Laura, uma garota alegre que não está nem um pouco a fim de obedecê-lo em nada.

Duas pessoas completamente diferentes.

Ela, uma escritora que se faz de durona, mas no fundo é uma garota sonhadora e romântica.

Ele, um homem arrogante que não aceita um não como resposta.

Dois caminhos que se cruzam trazendo vários segredos do passado.

Laura vai fazer da vida de Paollo Salvatore um verdadeiro inferno.

Livro Dois: para entender a história é preciso ler o primeiro livro:
Uma nerd na máfia.

**Não recomendado para menores de dezoito anos, contém cenas de
violência, sexo e linguagem imprópria.**

PODE CONTER GATILHOS



Capítulo 1

Laura Genova

Um ano antes...

— Por favor, pai, eu não fiz nada.

Assim que termino de falar sinto o chicote cortar a minha pele e um grito de pura dor sai me fazendo chorar ainda mais. Poderia dizer que ele era um homem bom que ficou assim logo depois que a minha mãe morreu, mas estaria mentindo. A cada dia que passa ele fica pior.

O motivo da violência dessa vez foi porque eu estava conversando com um colega da escola e ele viu. A única explicação para tudo isso é que ele é um doente sádico que gosta de ver o sofrimento das pessoas, em especial o meu sofrimento.

Às vezes invejo a minha mãe. Ela morreu, mas pelo menos agora está em paz, não precisa mais sofrer na mão de um homem que só a humilhava e a espancava a cada oportunidade.

Sinto mais cinco vezes o chicote de encontro às minhas costas. Estou

tremendo de tanta dor, uma dor que me acompanha há um ano. Desde que a minha mãe se foi ele desconta toda a sua frustração em mim. Qualquer coisa que der errado é a mim que ele vai atrás.

Sinto o sangue escorrer. Enquanto ele não se cansar ele não vai parar.

— Isso é para você aprender, Laura. Quando eu falo que não quero você conversando com homem nenhum você me ouvir. Estamos entendidos?

Limpo o meu rosto tentando controlar as lágrimas que insistem em cair.

— Está me ouvindo?

— Sim, pai.

— Você vai ficar nesse quarto até eu mandar. —Bate a porta com força.

Quando sai me levanto e sento na cama. Os meus movimentos estão lentos e a minha respiração acelerada, fecho a minha mão em punho apertando bastante sentindo as minhas unhas machucarem a palma das mãos. O único sentimento que eu tenho é uma raiva que me consome, juro para mim mesma que essa vai ser a última vez que ele encosta a mão em mim.

Fico um pouco na cama até ter forças para me levantar, me seguro na cabeceira para ter impulso. As minhas costas ardem. Vou para o banheiro a passos lentos.

Retiro o meu sutiã e logo em seguida a calça. Fico debaixo do chuveiro e quando a água cai nas minhas costas fecho os olhos e cerro os dentes para não gritar de dor. Abro os olhos e vejo a água no chão se misturando com o meu sangue, fico lá por um tempo, então saio do box e pego uma toalha. Me seco evitando as costas, perto da pia tem uma caixa de primeiros socorros, a pego e levo para o quarto. A parte difícil é conseguir limpar os machucados.

Me viro de costas para o espelho de corpo inteiro, pego um algodão com álcool e tento passar em cada linha feita pelo chicote, as minhas costas estão com mais cicatrizes. Na sua visão ele me marca exatamente no meio das costas para as cicatrizes não serem vistas por ninguém, principalmente pelas pessoas do seu trabalho, ele é dono de uma boate.

Me deito de barriga para baixo tentando não fazer nenhum movimento e respiro profundamente tentando controlar a dor que estou sentindo agora. Só mais uma semana e estarei livre de tudo isso, estarei longe de você, pai.

Depois de uma semana presa no quarto ele finalmente me deixa sair e vou para a escola. *Me entupi* de remédios para ninguém perceber e logo que chego na corredor vejo a Débora, a única garota que converso aqui.

Tem um mês que estou planejando a minha fuga desse inferno de vida, tenho trazido pequenas quantidades de roupas e colocando no armário da escola. Já estou com uma bolsa preparada e uma pequena quantia que economizei.

— Por que você não veio nessa última semana?

— Estava doente.

— Mas você já melhorou?

— Já sim.

— Que bom, separei as matérias para você.

— Obrigada, Débora.

Tudo está planejando, me inscrevi para um intercâmbio cultural em Limerick na Irlanda e a passagem também já está comprada. Para todos lá me chamo Laura Denaro e assim vai ser por um bom tempo.

Vou para o vestiário e pego a minha bolsa. Visto uma blusa de moletom escura. Há um tempo descobri uma passagem pelo vestiário usada pelos alunos para matarem aula.

Saio já próximo do muro, subo nele e em menos de um minuto já estou do outro lado. Respiro profundamente e as minhas costas dão sinal que os machucados estão ali para me lembrar do motivo que estou fazendo isso.

Pego um ônibus e em meia hora depois já estou no aeroporto fazendo o check in.

Agora...

Já tem um ano que consegui fugir do meu pai e tenho certeza de que essa foi a melhor escolha que já fiz na vida. Jurei para mim mesma jamais deixar outro homem encostar um dedo em mim e essa promessa eu vou cumprir independente de um certo alguém que está me tirando do sério, mas ele vai perceber que está mexendo com a garota errada.



Capítulo 2

Laura Genova

Ter Isabella como amiga é a coisa mais importante para mim, o amor que sinto por ela e pelo bebê que ela está esperando é tão forte que chega a doer.

Pego as sacolas de lixo e as levo para fora do pub, as coloco na lata e quando vou me virar quase que tenho um ataque cardíaco.

— Você quase me matou de susto. — Coloco a mão no peito.

Vejo Paollo andando em minha direção. Oh homem arrogante do caralho!

— Pode ficar tranquila, quando eu te matar não será de susto.

— Nossa, Paollinho, o que é isso? Ainda está com raiva do tiro? Assim você me ofende, foi sem querer — falo na maior cara de pau.

— Como pode existir uma garota mais cínica que você?

— Sou única querido, deveria parar de guardar tanto ódio nesse coraçãozinho, isso faz mal. — Me viro para entrar, mas sou impedida quando sinto a sua mão no meu braço, me trazendo para perto. Coloco uma mão no seu peito tentando por uma distância entre nós.

— Você poderia me soltar? Nunca te dei liberdade para colocar essas suas patas em mim. — Ficamos nos encarando por um tempo. Quando me canso o empurro, mas ele não se move um centímetro. — Você só pode querer outro tiro, não tem outra explicação. Me solta, Paollo. — Cerro os dentes. — Agora!

Em vez de me soltar o tapado aperta ainda mais o meu braço. Seguro no seu dedo indicador, o viro para trás e ele me solta. O que dou graças a Deus.

— Para de ficar tentando me intimidar. É a última vez que aviso. — Saio de perto e vou para a porta.

— Você sabe que isso não acabou, não é?

— Não tem nada para acabar aqui, afinal nunca começou. — Entro no pub e logo vejo a Isa. Tento controlar os batimentos do meu coração.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Ok, então.

Vejo que ela não engoliu essa desculpa, mas fica na dela. Melhor assim.

Quando fiquei sabendo do passado da Isabella fiquei chocada, ela passou por muitas coisas ruins na vida. Só espero que seja feliz nem que para isso eu tenha que matar o Nicolai. Porque uma coisa eu digo, se ele não a tratar bem... ah, mas eu o mato!

— Também quero um uísque. — Me viro para ver Paollo sentado ao lado do Nicolai.

Coloco um sorriso falso no rosto.

— Claro. — Pego a garrafa de uísque e viro seu conteúdo no copo. Quando já está cheio levo para ele, dou outro sorriso e jogo todo o líquido na sua cara. Ver o seu olhar de ódio me faz tão feliz. A minha vontade é pular o balcão e matá- lo agora.

— Para, Laura, não vale a pena. — Isa segura o meu braço me impedindo de fazer o que eu quero.

— Se eu fosse você ouviria a sua amiga, se continuar a me desafiar vou ter que estragar seu lindo rosto. — Começo a sorrir para ele.

— Sério! .Sabe o que eu acho engraçado? Você fala demais para uma pessoa que levou um chute e um tiro de uma garota que você julga não saber se defender. Chega a ser cômico, você não acha? E tem outra, está esperando o que para tentar? Porque uma coisa eu te falo, você pode até tentar tentar, mas conseguir eu tenho certeza que não consegue.

O seu rosto fica mais vermelho ainda, de raiva. Nicolai segura o seu braço. Já estou cansada disso, a cada oportunidade ele me ofende. Estou me controlando para não voar em cima dele.

— Para, Laura, não vale a pena.

— Ele fica me ofendendo. Meu maior arrependimento foi não ter mirado na sua cabeça, agora eu vejo o meu erro.

— Calma, você não é assim — Isa fala.

— Eu sei, mas é muito difícil.

— Boa, Isabella, controle o seu cão.

— O único cão aqui é você. Vamos embora, Laura, já deu nossa hora.

Isa até tenta me dar uma carona, mas estou a fim de ficar um tempo sozinha.

Vou andando para casa. Uma brisa fresca bate no meu rosto e fecho

os olhos, tentando prolongar essa sensação de liberdade. Entro no apartamento e fecho a porta, caminhando em direção ao banheiro, onde retiro a minha roupa, entrando debaixo do chuveiro e ficando lá um bom tempo. Me visto com um dos meus pijamas preferidos e fico acordada por um um bom tempo, com imagens daquele infeliz me atormentando.

Consigo adormecer apenas às duas horas da manhã e para piorar a situação. as imagens de Paollo são substituídas pelas do meu pai. Gostaria de esquecer tudo que vivi com ele, mas é impossível. No fundo morro de medo de encontrá-lo novamente.



Hoje me despedi da Isa. Parece que o meu coração está se apertando mais e mais. Queria que ela ficasse perto de mim para sempre. É uma sensação horrível gostar de uma pessoa e ela ir morar em outro país. O meu único desejo é que consiga viver feliz ao lado do Nicolai.

Mesmo conversando com a Isabella todos os dias ainda me preocupo com ela, não estar próximo é um tormento sem fim. Cinco dias que ela se foi e a saudade continua a mesma, só aumenta ao passar do tempo.

Quando era mais nova sempre sonhei em ter uma amiga, mas a vida que levava era impossível. Não podia sair para nada e tudo piorou com a morte da minha mãe.



Hoje é sábado o pub sempre fica lotado, mas tirando uns clientes inconvenientes gosto de trabalhar aqui.

— E aí gostosa, que horas você sai ?

Não falei?

— E quem falou que eu saio daqui? — Chego perto dele como se fosse contar um segredo. — Não posso sair. A última vez que sai com um rapaz daqui, ele misteriosamente morreu, você acredita?

— Você está brincando, né.

— Tá louco, eu nunca brincaram com isso. — Antes dele responder , ouço uma voz já conhecida.

— Ela é louca, não se aproxima. Fiquei sabendo que até mordeu e deu um tiro em um homem uma vez. — O rapaz sai rápido em direção ao seu grupo.

— Nossa, Paollinho, se você ficar falando isso para todos, eles vão acabar acreditando, e tem outra eu nunca mordi ninguém.

— Para de se fazer de vítima, não combina com você.

— Magoou meu coração, assim fico magoada. — Coloco a mão no peito e balanço a cabeça.

— Que tal você deixar de ser cínica e me atender?

— Claro, Vossa Alteza, o que Vossa Senhoria deseja? — pergunto me curvando a sua frente.

— Uma dose de uísque.

— Claro! — Pegó a garrafa e sirvo uma dose. O entrego e vou atender outros clientes.

A sensação de estar sendo observada começa a me incomodar ainda mais. Me viro e o vejo olhando diretamente para mim.

Ignoro e continuo a atender os outros clientes, tentando não me irritar ainda mais com ele. Saio de trás do balcão e vou limpar a bagunça que um grupo de amigos fizeram. Retiro os copos e os coloco na pia. Pegó um pano e limpo a mesa. Sinto alguém se aproximar, me viro para ver uma moça.

— Onde fica o banheiro?

— Logo ali atrás. — Mostro a ela.

— Ah, ok —fala, mas continua me observando.

— Mais alguma coisa?

— Você poderia entregar esse bilhete para ele? — Ela mostra o Paollo.

— Eu não acho uma boa idéia.

— Por favor, fico sem graça de ir lá.

Penso um pouco, mas decidi ajudar.

— Pode deixar, eu entrego.

— Obrigada mesmo, moça.

Termino de limpar a mesa e chego perto dele.

— Oh, Paollinho. — Ele fecha a mão em punho e se vira para mim.

— Você acha que é quem para me chamar assim, hein?

— Você não sabia? Desculpa, prazer, Laura.

— O que você quer? — pergunta, apertando as têmporas.

Entrego o papel, ele o pega e olha para mim.

— Não quero o seu número de telefone.

— E quem te falou que era meu? Seu prepotente do inferno. — Meu rosto deve estar vermelho igual um pimentão de tanta raiva.

— É daquela moça que está sentada ali, seu idiota. — Me viro para sair, mas ele pega o meu braço e começa a me arrastar para fora do pub. As pessoas a nossa volta observam atentamente, mas não fazem nada.

Bando de frouxos!

Tá bom... Ele é um homem enorme e com esse terno ficar ainda mais assustador, mas mesmo assim. Não faço nada ainda. *Deixa só estarmos a sós que ele me paga.*

Sou empurrada em direção a parede e sinto o meu ombro reclamar do impacto, mas não demonstro.

— Já parou com o showzinho? Se você é um palhaço o problema é seu, mas tenho que trabalhar. — Dou um passo para o lado tentando sair de perto, mas sou impedida pelo seu braço.

Respiro fundo para não arrancar um dente da sua boca.

— O que você quer?

— Acho que já deixei claro para você, não fale comigo como acabou de fazer agora.

— Por que? Você vai fazer o que? — Sustento o seu olhar.

— Você que mesmo descobrir?

— Não tenho medo de você.

— Mas deveria, o único motivo de estar viva até agora é o seu relacionamento com a Isabella, se não fosse isso já estaria morta a muito tempo.

— Quero só ver você tentar. — Sinto um arrepio passar por todo o meu corpo quando um sorriso maligno é dado por ele. Tento controlar os batimentos do meu coração que a cada instante se intensificam ainda mais.

Quando ele vai responder um carro preto freia próximo a nós. Um velho barrigudo sai, acompanhado de cinco homens, um maior que o outro. Pensei que o meu coração estava acelerado, mas me enganei profundamente. Tento passar pelo Paollo, mas sou impedida.

— Me deixa passar.

— Cala a boca se não quiser morrer, porra!

— Cala a boca você, palhaço.

— Ora, ora. Se não é Paollo Salvatore em pessoa. A que devo a honra do braço direito do poderoso chefe da máfia italiana nos prestigiar com a sua presença em nossa cidade?

Observo atentamente, mas no fundo sei que esse diálogo está cheio de ameaças escondidas. O barrigudo caminha até estar a nossa frente.

Que saber ? Já chega dessa merda... Consigo passar pelo Paollo. Coloco as minhas mãos no bolso da calça e caminho tranquilamente em direção a entrada do beco, entretanto sou impedida quando dois homens que mais parecem armários param em minha frente.

— Onde você pensa que vai?

— Vou voltar ao trabalho, já perdi tempo demais com essa palhaçada aqui. — Me viro para o barrigudo e falo mostrando a cena.

— E quem te deixou sair?

— Desde quando preciso de uma autorização? E tem outra... o seu problema é com a cachinhos dourados ali. Se você for bater nele, não suja o chão, por favor. Obrigada. —Tento passar mais uma vez e nada.

— Manda esse troglodita sair da minha frente.

— Cala a boca, Laura.

— Vou repetir, já que é surdo. Cala a boca você.

— Que tal vocês dois ficarem quietos!

— O que você quer, George?

— Pensei que tinha se esquecido de mim.

— Nunca esqueço um rosto.

— Melhor assim, o seu patrão está nos devendo o carregamento de drogas. — Paollo começa a sorrir para ele.

— Que carregamento? O que você nos prometeu entregar há uma semana e até agora nada?

— Tivemos um atraso, mas ele foi enviado para o Nicolai, mas ele mandou de volta. Só sei que eu quero o meu dinheiro.

— Você já sabia que não esperamos por ninguém, não ia ser por você que começaríamos.

— Eu perdi muito dinheiro com a gracinha do seu chefe, não vou ficar no prejuízo.

— O problema é seu, não meu.

Ele sai de perto de Paollo e chega próximo a mim, segura na minha mão e tenta passar pelos homens a nossa frente.

— Saiam da frente. — O barrigudo anda até o carro, antes de fechar a porta e olha para os seguranças.

— Tragam os dois.

— Tragam os dois merda nenhuma, eu não vou com vocês. — Antes

mesmo de terminar a frase, vejo o Paollo retirar a arma da sua cintura e atirar nos que estavam à nossa frente.

Vejo o corpo sem vida caindo no chão, começo a tremer e a minha respiração se acelera ainda mais. Tento soltar a mão, mas não consigo. Sou empurrada e caio de bunda no chão. Ouço mais disparos e me arrasto em direção a parede, abaixando a cabeça. Sou tirada dos meus pensamentos quando ouço outro corpo cair. Quando levanto o olhar vejo Paollo caído, sangue escorrendo da sua cabeça.

Gostaria de não me preocupar com ele, mas não consigo. *Oh, coração mole do inferno!* Me aproximo e vejo que tem pulsação. *Graças a Deus!*

— Me solta, porra! — Sou levantada do chão pelos cabelos.

— Cala essa boquinha, sua piranha. — Dou uma cabeçada no seu rosto e ele coloca a mão no nariz que começa a sangrar. Dou um sorriso.

— Vaca! — Meu rosto se vira com o impacto da sua mão, fico tonta.

— Me deixem ir embora, não tenho nada a ver com isso. — Sinto uma forte dor na cabeça e apago.

Quando começo a retomar minha consciente percebo que minha boca está seca. Tento mexer as mãos, mas estas estão presas. Abro os meus olhos para logo ver em que merda eu estou. O lugar está com as paredes todas descascadas, com uma cor amarelada, mas que um dia foi branca. Olho de um lado para o outro tentando achar uma saída, tem uma janela na parede do

lado, forço as cordas que estão prendendo as minhas mãos; mas isso só faz com que os meus pulsos latejem de dor.

— Merda!

A porta se abre e um homem está trazendo o Paollo, que está machucado. Ele está usando apenas uma calça social. Ele é colocado na cadeira que está na minha frente. Os homens então amarram suas mãos para trás.

O homem sai nos deixando sozinhos. Olho para Paollo desacordado e então percebo o seu estado lastimável. O seu rosto está horrível. Há um hematoma na sua bochecha, seu olho direito está inchado e há vários cortes em seu peito. Mas de todos os ferimentos, o mais feio é um corte um pouco grande na lateral do seu corpo. Ele geme de dor.

Por que quero ajudá-lo? Se fosse o contrário tenho certeza que ele não me ajudaria. Mexo as minhas mãos sem parar, as cordas ficam um pouco mais folgadas.

— Paollo, acorda! Ei, anda logo! Acorda, merda! Isso é hora de tirar uma soneca? Acorda! Anda!

— Nem para me deixar sofrer em paz você consegue, né! Oh voz irritante do inferno. Cala a boca! — Ele tenta abrir os olhos, mas só consegue abrir um, pois o outro está muito inchado.

— Já está bom né! Já começou a ofender.

— Você é insuportável, garota.

— Eu sei disso, qual é o plano?

— Que plano?

— O plano para sairmos daqui, hora.

— O plano era nunca ser pego. Agora é esperar eles terminarem o serviço.

— Uma ova que vou morrer assim. Se você já desistiu o problema é seu, mas não vou desistir.

Ele tenta responder, mas é impedido quando começa a tossir sem parar. Ele está muito mal deve ter tomado uma surra daquelas.

— Porra, porra isso vai doer.

— Para de resmungar.

— Cala a boca! Tô tentando me soltar.

Um sorriso se forma nos seus lábios, de puro deboche.

Com a outra mão apertado o polegar até ouvir um craque do osso se deslocando, fecho os meus olhos e cerro os meus dentes tentando controlar

um grito que quer sair. Uma dor infeliz se alastra em minha mão, respiro fundo e consigo retirar as cordas.

— Onde você aprendeu isso?

— Por aí. — Pego o meu dedo e coloco no lugar, finalmente um alívio. Observo que os meus pulsos estão sangrando.

Me levanto e desamarro as cordas que estavam prendendo as mãos de Paollo. Ele tenta se levantar, mas acaba se sentando de novo.

— Você sabe quantos estão lá fora?

— Pelo menos uns três, com certeza.

— Merda!

Chego próximo da porta, tento ouvir algo, mas está tudo tranquilo, tranquilo demais para o meu gosto.

— Temos que sair daqui.

— Mentira, sério?

— Não estou vendo você ajudar em nada.

— Não estou em condições agora.

Retiro o avental que ainda estou usando, chego perto dele e coloco no

ferimento para tentar controlar o sangramento.

— Faça pressão vou tentar abrir a janela.

Tenho que dar um jeito de sair daqui, nem que seja a última coisa que eu faça.



Capítulo 3

Laura Genova

Chego perto da janela, tento abrir e não consigo. Forço mais duas vezes e nada.

— Mais que ódio, não estou conseguindo abrir. — Passo a mão pelo cabelo. Que frustração!

Paollo vem para perto de mim.

— Não acho bom você ficar forçando.

— Qual é a sua idéia então? De qualquer jeito vamos acabar morrendo aqui e tenho certeza que na sua vez, não vai ser nada agradável.

— Não precisa me dizer o óbvio.

— Precisa sim. Você não faz idéia do que eles vão fazer com você.

Ele chega perto da janela e empurra com bastante força. Na terceira tentativa ele consegue. Acabo suspirando de alívio. Observo que lá fora é um local bastante arborizado. Percebo que dois carros pretos estão próximos.

— A única chance é conseguir pegar um carro.

— Eu sei.

— Você acha que consegue andar até lá?

— Vai ser um pouco difícil, mas consigo.

— Ok, então. Vou primeiro e te ajudo.

Ele apenas balança a cabeça concordando comigo, passo uma perna pela janela e logo em seguida a outra. Me abaixo e olho para os dois lados. Graças a Deus, nada. No mínimo acharam que nunca conseguiríamos sair. Me levanto.

— Pode vir.

Logo em seguida ele sai e fica comigo, abaixado. De vez em quando o observo. Ele não está bem. A cada minuto que passa fica ainda mais branco, suor se acumula no seu rosto, o seu cabelo está grudado em uma mistura de suor e sangue.

— Vamos devagar.

— Ok.

Passamos próximo de uma árvore, logo à frente eu vejo um pedaço de

pau e o pego.

— O que foi?

— O que você vai fazer com isso?

— Se encontrarmos algum deles prefiro ter algo para me defender.

— Com um pedaço de pau?

— Não! Com uma metralhadora que está ali no chão, você não está vendo? Lógico que é com um pedaço de pau, gênio!

— Não estou com condições de ficar discutindo com você, Laura.

— Melhor mesmo, você sabe que estou certa.

Aperto a minha mão em volta do pedaço de pau, não é muito, mas pelo menos é alguma coisa. Chegamos próximo do carro, para logo ver um dos homens que estavam com o barrigudo, fumando um cigarro.

— Fica aqui.

— Não, vou lá te ajudar.

— Você vai mais atrapalhar do que ajudar, se você desmaiar eu não vou conseguir te carregar.

— Você não vai conseguir sozinha, Laura.

— Dei conta de você, por que não daria dele?

— Você sabe que em momento nenhum eu queria te machucar, se não fosse por isso você não teria conseguido nem metade.

— Esse é o seu ponto de vista?

— Não, é a realidade. Não bato em mulheres. Essa é a sua sorte, se fosse homem,... Ah, se fosse homem! Já estaria morta a muito tempo.

— Vamos deixar essa discussão para depois. Temos que sair daqui.

Ele abre a boca para responder, mas não fico para ouvir. Me abaixo ainda mais e vou contornando o carro. Observo cada passo que dou para não fazer nenhum barulho. Quando já estou na frente, espero ele se virar para acertar com tudo a cabeça do infeliz, um sorriso se forma de satisfação.

— E você conseguiu?

— É lógico que consegui.

— Só se esqueceu de uma coisa.

— O quê?

Ele vem em minha direção e dá um chute na arma do desgraçado.

— Quando a sua vida estiver em jogo, nunca dê as costas para o seu inimigo, essa pode ser a última coisa que você vai fazer, ele se abaixa e pega a arma.

— E por via das dúvidas sempre dê mais uma pancada na cabeça para o risco de se levantar, você não assiste filme não?

— Até ajudando é irritante.

— Olha quem fala.

Vou para o banco do motorista.

— Você sabe dirigir?

— Não. Estou sentada aqui porque é mais confortável. É lógico que sei dirigir.

Para falar a verdade só tive quatro aulas, mas acho que dou conta, eu acho. Afinal, é tudo igual.

— Ok então, de qualquer jeito não conseguiria sozinho.

— Que pena que não estou com o meu celular agora.

— Deixa de gracinha e vamos embora. Daqui a pouco vão perceber que não estamos mais naquele quarto.

Quando termina de falar ele faz uma careta de dor.

Viro a chave e o carro liga. Tomara que dê tudo certo estou louca para chegar em casa. Paro o carro para logo em seguida ver o Paollo sair apressado de dentro.

— Nunca... está me ouvindo? Nunca mais entro em um carro com você, onde foi que você tirou a carteira?

— Em momento nenhum te falei que tinha carteira, apenas disse que sabia dirigir.

— Me pergunto como uma coisinha como você ainda está viva até hoje, se eu que mal te conheço já quero te matar.

— Não se preocupa, é normal sentir isso em relação a mim, agora deixa de ser chato e vamos entrar.

— Por que estamos aqui? Temos que ir para o meu apartamento.

— E quero ver você explicar a falta de blusa e todos esses machucados por toda parte. E tem outra, se quiser ir sintase à vontade. Eu quero só tomar um banho e esquecer de tudo que aconteceu hoje, que por sinal é tudo culpa sua.

— Se você tivesse calado essa maldita boca, não teria te levado para aquele beco.

Saio do carro e bato a porta, chego próximo a ele.

— Por que é normal sair arrastando as pessoas quando bem quiser? Você, Paollo Salvatore, é um troglodita.

— E você Laura, é uma louca.

— Você não viu nem metade da minha loucura. Continue me irritando que logo você verá. E vamos logo entrar. Daqui a pouco amanhece e não estou a fim de ficar discutindo com você, principalmente aqui fora.

Não espero a sua resposta. Me afasto da calçada e me aproximo da entrada. Dou graças a Deus que não tenho muitos vizinhos. Me aproximo da porta e pego uma chave reserva que sempre deixo escondida em uma planta. A pego e abro a porta. Me viro para logo vê-lo se aproximando e acabo dando um sorriso de satisfação. Ele vem logo em seguida e espero ele passar para depois fechar a porta.

— Me empresta um telefone. Preciso comunicar ao Nicolai o que aconteceu.

— Primeiro, vamos cuidar desses ferimentos da sua barriga, depois você liga para quem quiser.

Ele não responde, apenas fica parado na minha frente.

— Vamos, vou pegar a maleta de primeiros socorros no banheiro.

Vem, se deita um pouco. — Sem pensar muito bem pego em sua mão e saio arrastando ele em direção ao quarto que foi da Isa.

— Pode deitar aqui. Já volto. — Saio do quarto e pego a maleta. Chego lá e vejo que ele se encostou na cabeceira da cama, a sua cara não está das melhores.

— Vou ter que dar pelo menos uns quatro pontos, você sabe né.

— Eu sei.

— Ok, então isso vai doer bastante.

— Pode ficar tranquila. Já passei por coisas bem piores que isso.

— Imagino. — Primeiro limpo o ferimento para logo em seguida dar os pontos. Em momento nenhum ele se queixa da dor. Me pego pensando no que ele já passou. Limpo todos os outros machucados e pego uma toalha quente para fazer uma compressa para o seu olho para ver se o inchaço diminui um pouco. Depois que termino, pego um remédio para a dor e o entrego. Ele não reclama, mas sei que deve estar doendo como o inferno.

Vou para a cozinha preparar uma sopa rápida e em menos de meia hora já está pronta. Chego no quarto e ele continua do mesmo jeito que deixei.

— Toma. Come alguma coisa. Vou estar no quarto ao lado. Qualquer coisa é só me chamar, ok.

— Não vou precisar de nada, pode ficar tranquila.

— Ok, então.

Nem um: Obrigado, Laura por ter salvado a minha vida. *Oh homem arrogante do caralho!*

Tomo um banho rápido e faço um curativo no meu pulso que está machucado e deito, mas não consigo dormir. Me levanto para ver como o infeliz está. Continua na mesma posição de antes, só que agora dormindo.

— Não vou precisar de nada... — resmungo e o ajeito para que possa dormir direito.

Saio do quarto e vou para o meu. Só depois que o dia amanhece que consigo dormir.



Capítulo 4

Paollo Sallvatore

"O seu pão será chumbo e sua água será sangue em caso de traição..."

Ter sido batizado na máfia com apenas treze anos não era o que eu queria. Na verdade, acho que nenhum garoto de treze anos gostaria de entrar para uma organização como a máfia italiana, uma organização tão rígida e antiga.

Mas não temos escolha, se você nasce na máfia você morre na máfia e espero que não seja pelas minhas mãos porque não terei pena alguma.

Abro os olhos para me lembrar de tudo que aconteceu. *Merda!* O meu abdômen está muito dolorido, mas pelo menos meu olho já está melhor, pois estou conseguindo abri-lo. As imagens de tudo que aconteceu ficam se repetindo várias e várias vezes.

Odeio admitir isso, mas devo a minha vida para Laura. Infelizmente isso é uma coisa que não gosto nem um pouco. Como dizia o meu pai: nunca deva favor para ninguém, eles sempre vão cobrar. E particularmente não estou a fim de ficar devendo nada a ninguém. Ainda mais para a Laura, uma

garota que tem feito da minha vida um verdadeiro inferno desde que a conheci.

Me levanto, entro no banheiro e lavo o meu rosto. O olho não está mais tão inchado, pelo menos isso. Amarro o meu cabelo e saio do banheiro. Vejo as horas e já passam das onze. Vou para a sala, pego o telefone e ligo para o meu segurança que já deve estar a minha procura. No segundo toque ele atende e o mando trazer umas peças de roupas.

Observo a sala onde tudo começou. Me pergunto como uma garota tão pequena pode trazer tanta dor de cabeça. Ela é a personificação do mal, não tem outra explicação para aquele filhote de satanás me irritar tanto.

Tenho que arranjar um jeito de pagar por tudo o que ela fez. Ando até o seu quarto e a porta está destrancada. Abro para logo vê-la dormindo tranquilamente. O seu cabelo ruivo está todo espalhado no travesseiro. Ela pode ser insuportável, mas tenho que admitir essa diaba é linda. Menos, lógico, quando abre a boca. Balanço a cabeça tentando parar de pensar na sua aparência. Fecho a porta e em menos de quinze minutos os meus seguranças chegam, saio e entro no carro.

— O que aconteceu com você ?

— Vamos dizer que tive uma noite muito agitada.

Ele me entrega as roupas e visto no carro mesmo. Por mais que não queira admitir ela está certa. Não teria como entrar no prédio sem ser visto. Entro no meu apartamento e vou direto para o banheiro. Tomo um banho

demorado e me visto com um dos meus ternos. Pego o meu celular e ligo para o Nicolai, narro tudo que aconteceu.

— Não quero que a Isabella fique sabendo, providencie isso.

— Vou falar com a Laura.

— Dê um fim naquele desgraçado, não quero pontas soltas e não se esqueça... sei o quanto a Laura é insuportável, mas não é para encostar um dedo nela.

— Eu sei disso, não vou fazer nada contra ela.

— Ok, então, nos vemos em breve.

— Amanhã mesmo volto para a Sicília.

— Nos vemos então.

Sem esperar resposta ele desliga. Organizo um grupo de sete homens e os mando encontrar o George, entretanto os meus soldados não encontram o infeliz em lugar nenhum, mas tenho informações que ele saiu do país. Uma hora vou achá-lo, com certeza.

Ligo para o chefe da editora Adelphi. Ele me deve um favor e está na hora de cobrar. Falo da Laura e do livro que ela mandou para várias editoras. Por sorte ela mandou para essa também. Comunico que quero que a sua editora lance seu livro, mas peço que meu nome nunca seja citado como

responsável, vou deixar como um trunfo que pretendo usar mais adiante.

Já são oito horas. Tenho que resolver meu último assunto com Laura e espero não vê-la por um bom tempo. Me dirijo ao seu apartamento, aperto a campainha três vezes e nada. Começo a ficar sem paciência — uma coisa que não tenho, aliás — principalmente com ela. Esmurro a porta até ela abrir. Quando a vejo percebo que estava no banho. O seu cabelo está todo molhado e a sua camiseta branca já começa a ficar transparente, mostrando claramente o seu sutiã rosa. Engulo em seco, tentando tirar essa imagem da minha cabeça. Foco no seu rosto, esse por sinal está com uma carranca de puro ódio.

— Posso saber quem morreu para você quase quebrar a minha porta outra vez? — fala cruzando os braços debaixo dos seios, fazendo com que eles fiquem mais levantados ainda. Tento focar mais uma vez no seu rosto, mas está cada vez mais difícil.

Não respondo, apenas entro sem ser convidado. Me sento no sofá e cruzo as pernas.

— Se senta, Laura, precisamos conversar.

— E quem te falou que tenho algo para falar com você?

— Se senta logo, porra... Tenho mais o que fazer do que ficar discutindo com uma adolescente mimada como você.

— Como é que é? Quem é a adolescente mimada aqui, hein? Cachinhos dourados?

Aperto as têmporas tentando controlar a imensa vontade de mostrar para essa garota quem eu sou. O monstro que habita em mim pede para sair a cada momento, principalmente quando estou com ela. Me levanto e ficamos cara a cara, a infeliz sustenta o meu olhar. Em momento nenhum baixa a cabeça, dou um sorriso. Ela me olha com um claro sinal de não estar entendendo nada. Hora de mostrar para ela que quem manda aqui sou eu, adoro domar uma fera e vejo que essa vou gostar ainda mais. Sem ter reação a empurro em direção a parede e a calo, selando nossos lábios.



Capítulo 5

Laura Genova

Minha respiração se acelera, a sua mão aperta a minha cintura firmemente e por mais que não queira, sinto um arrepio tomar conta de mim. Não estou acreditando que esse infeliz teve a audácia de me beijar. Tento me soltar, mas o peso do seu corpo me prende ainda mais na parede. Não consigo mexer a mão direita, mas a esquerda está livre e dou um soco na lateral do seu corpo, onde dei os pontos. Só assim ele me solta.

— Eu vou te matar, Paollo.

— Só se for de prazer, aí eu deixo.

Desgraçado! O infeliz está sorrindo para mim. Avanço em sua direção tentando desferir vários socos no seu peito, mas sou impedida quando ele segura os meus pulsos. Faço uma careta de dor e ele aperta mais, acabo sentindo uma fisdada onde está machucado .

— Me solta!

— Você que começou, custava só aproveitar? Não é todo dia que fico

com garotas como você.

— Vai se foder, palhaço! Ecocêntrico! Está se achando demais, você não é tudo isso.

— O pior é que sou isso e muito mais. Que tal eu te mostrar?

— Continue sonhando, talvez realize, idiota! Me solta, você está machucado o meu pulso. — Ele percebe que estou falando a verdade, olha para a minha mão e só aí ele me solta. Arrumo os curativos, mas uma mancha de sangue já se forma.

— Troglodita.

— Louca!

— Fala logo, o que você quer? Tenho mais o que fazer do que ficar discutindo com você.

— Não fale nada para a Isabella sobre o que aconteceu conosco.

— Não precisava vir aqui para isso. Você não conhece telefone não? E tem outra, nunca falaria nada para ela, principalmente sobre isso.

— Certas coisas gosto de falar pessoalmente e amanhã mesmo volto para a Sicília.

.

— Graças a Deus! Pensei que ia se mudar para cá.

Ele me olha com mais raiva e a minha reação é sorrir.

— Garota, você fala demais, cuidado, algum dia acaba sem a língua.

— Nossa, Paollinho, magoou meu coração. Apenas falo a verdade.

— Continue falando isso, talvez um dia você mesma acredite nas suas palavras.

— Muito engraçado, estou morrendo de rir. Agora que já falou pode ir embora —falo, mostrando a porta.

Ele vem em minha direção e dou um passo para trás tentando colocar uma distância entre nós.

— Pode parar aí, fica longe de mim.

— O que você tem tanto medo, hein...?

— De você com certeza não é.

— Já percebi isso, se não é de mim, de quem?

— Tá se achando psicólogo agora é? Tem como você ir embora? — Ele me observa por um tempo. Parece até que pode ver a minha alma. Por alguma razão estou mais incomodada do que o normal.

— Você quer saber? Não preciso disso. Afinal, você é só mais uma.

— Sou única, querido. Já deveria ter percebido isso. Se têm tantas mulheres assim o que você está fazendo aqui?

— Só vim te dar o recado.

— Vamos fingir que foi esse o motivo. Agora pode ir embora.

— Para de me mandar ir embora. A paciência que eu tinha com você acabou quando você me deu um tiro.

— Bons tempos, você não tem nada mais importante para fazer? — Ando até a porta para ver se ele desconfia.

— Tenho, adoro tirar a sua paciência. Do mesmo jeito que você faz comigo.

— Você é insuportável.

— Acrescenta irresistível, gostoso e bom de cama.

— Ah, tá bom. Prefiro prepotente, arrogante e que se acha. — Ele caminha para mais perto de mim e já me preparo para me defender, mas não acontece nada. Engulo em seco ao olhar para a sua expressão, não mostra nada. É como se ele não tivesse sentimento.

— Você poderia baixar essa barreira que colocou ao seu redor?

Porque se eu quiser destruo ela e você juntos.

— Antes você precisa chegar perto de mim, algo que não vai acontecer.

Ele dá outro sorriso, revelando duas covinha na lateral da sua bochecha. *Mas que merda!* Por que reparei nesse detalhe?

— Veremos. — E sai, me deixando com mais raiva ainda.

Por que estou reparando em tantos detalhes sobre ele? Acho que estou ficando louca, não tem outra explicação.



Capítulo 6

Laura Genova

Fico na cama até as dez. Imagens da noite de ontem ficam se repetindo sem parar. Sem pensar, aproximo a minha mão da boca e a acaricio. O calor dos seus lábios no meu, a pressão da sua mão na minha cintura. O meu rosto começa a esquentar e balanço a cabeça, tentando parar de pensar nisso.

— Mas que droga é essa? Por que estou pensando naquele troglodita metido a besta, ecocêntrico do inferno? — Me levanto e tomo um banho. Visto uma blusa de moletom escura e um short jeans, calço meu all star também na cor preta e deixo meu cabelo solto.

Quando termino de tomar meu café o celular toca, não reconheço o número, mas acabo atendendo, afinal pode ser importante.

— Alô.

— Alô, gostaria de falar com a senhorita Laura Denaro.

— É ela mesma.

— Bom dia, Laura, sou a secretária do senhor Gabriel Zás, da editora Adelphi e gostaria de te avisar que o seu livro foi selecionado para ser publicado. O senhor Gabriel gostaria de te conhecer pessoalmente, mas ele só terá horário na quarta a tarde. — Meu coração se acelera. A minha vontade é de sair gritando na rua de tanta felicidade.

— Nesta quarta ?

— Sim.

— É que eu moro em Limerick na Irlanda.

— Infelizmente ele só terá esse horário. A sua agenda para esse mês já está lotada, mas eu acho que você deveria aproveitar a oportunidade. Ele raramente marca horário com novos escritores. Isso é sinal de que realmente gostou da sua história.

— Mas é certo que o meu livro será lançado?

— Com certeza! Ele já me pediu para fazer o contrato e tenho certeza que você vai adorar as vantagens.

— É difícil largar tudo.

— Eu sei, mas é uma oportunidade única, não a deixe passar. Tenho certeza de que caso o faça se arrependerá no futuro.

Esse é meu sonho e finalmente está se realizando, afinal é tudo que eu

sempre quis, poder me sustentar escrevendo livros.

— Ok, pode confirmar.

— Que bom.

Depois disso anoto o seu nome, que por sinal é Luísa, o endereço e o número de telefone, tudo certinho. Para falar a verdade a minha mão está tremendo de tão nervosa que estou. Sento no sofá e fico ali um bom tempo até a minha ficha cair. Não acredito que meu livro vai ser publicado. Fecho os meus olhos e a única coisa que penso é que tenho que contar para a Isa, mas primeiro tenho que ir no pub conversar com seu Geraldo. Ele foi um anjo na minha vida e tenho que lhe agradecer por tudo e pedir desculpa por estar saindo de uma hora para outra, mas é preciso.



Já são cinco horas da tarde. A conversa com seu Geraldo me deixou mais emocionada do que pensei. O amor que sinto por ele só aumenta a cada instante que passa, ele entendeu e me desejou sorte nessa nova fase da minha vida.

Quando ligo para a Isa, choro igual a um bebê de tanta felicidade de poder estar com ela de novo. A saudade aumenta a cada dia e só quero abraçá-la e poder ficar próximo da nossa filha.

Consegui conversar com uma senhora que estava alugando um pequeno apartamento e pelas fotos parece que está tudo certo com o local. As

minhas coisas já estão empacotadas e a empresa de transporte que contratei já providenciou todo o transporte. O meu voo sai em breve. Pego a minha bagagem e me dirijo a plataforma de voo. Depois de uns minutos, finalmente consigo relaxar um pouco, mas a ansiedade de poder abraçar a Isa está a mil. Combinei de encontrá-la no dia seguinte pela manhã assim poderíamos ficar juntas até a hora da minha reunião com o senhor Gabriel.

Depois de umas três horas finalmente chego ao destino final. Pensei que não colocaria os pés aqui tão cedo, mas estava completamente enganada. Não quero pensar no meu pai, entretanto é impossível. Só de lembrar dele um frio se instala na minha espinha. Tento afastar esse sentimento ruim do meu coração. É só pensar que tudo vai dar certo e esquecer que um dia já tive pai. É a melhor escolha.

A senhora que está alugando o apartamento é um amor de pessoa. Ele ainda é menor do que imaginei. A sala só cabe um pequeno sofá, ao lado tem uma minúscula cozinha que é dividida com um balcão, mas por enquanto está perfeito. Fico até meia noite arrumando tudo, quando finalmente termino, me sento na cama e dou um longo suspiro.

— Amanhã finalizo tudo. Agora eu preciso de um banho urgente.

De banho tomado, me deito e acabo adormecendo pensando em encontrar a Isabella. Uma felicidade toma conta do meu coração e durmo tranquilamente com a esperança que tudo dê certo.

A reunião com o senhor Gabriel é as duas da tarde. Combinei de encontrar a Isa no seu apartamento as dez assim vamos poder ficar juntas por

um tempo.

Me arrumo, mas sem saber muito o que usar. Não gosto muito de vestido, mas achei mais apropriado. É um modelo que vai até o meu joelho. Coloco um sobretudo preto e um all star na cor creme. Deixo o meu cabelo solto e passo apenas um batom rosa claro. Pego a minha bolsa e ao sair fico uns minutos procurando um táxi e finalmente encontro.

As minhas mãos estão suando de tão nervosa que estou, só quero abraçar a Isa. O táxi para em um prédio enorme. Pago a corrida e fico um pouco lá fora, só observando a grandiosidade daquela estrutura. Sempre falei para mim mesma: se não fosse escritora com certeza seria arquiteta, que beleza de prédio.

Me dirijo à recepção. O senhor que fica lá foi muito atencioso e já sabia da minha visita. Entro no elevador e dou uma olhada na minha aparência. Tudo no lugar. Aperto a minha mão em punho de ansiedade, a expectativa de ver a Isa vai a mil. O elevador para e saio apressada.

Mentira! Saio correndo mesmo. Respiro fundo e aperto a campainha. Depois de uns dois minutos a porta abre.

Uma Isabella toda sorridente me recebe de braços abertos, não queria, mas meus olhos se enchem de lágrimas de tanta felicidade que estou sentindo agora.

— Isa, você não imagina a saudade que eu estava de você.

— Acho que meu coração vai sair pela boca, nunca mais vou ficar longe de você. — Ela me abraça. Uma felicidade tão grande toma conta de mim e deixo as lágrimas caírem. — Só tenho uma certeza nunca vou deixar ninguém te machucar, isso é uma promessa.



Capítulo 7

Laura Genova

— Você não faz idéia da saudade que senti de você e da nossa filha.
— Limpo as lágrimas que começam a cair.

— Te garanto que não vamos mais nos separar por nada nesse mundo. É uma promessa. Você não imagina a vontade que eu tinha de conversar com você todos os dias, falar ao telefone é horrível, mas vamos entrar Laura.

Entro e me deparo com uma sala enorme. *Putá que pariu, isso que é apartamento!* Me sento no sofá e fico observando o local. A minha boca está superaberta de tanta admiração.

— Aqui é tão lindo, fico imaginando como deve ser a vista a noite.

— É espetacular, tenho que admitir, mas pode ficar tranquila, você com certeza vai vê-lá.

— Não vou ser hipócrita de falar que não espero por isso, porque eu espero sim. E o poderoso chefe?

— Para, Laura! — Ela tenta manter a cara séria, mas não consegue e

explode em uma risada. — Pior é que esse apelido combina perfeitamente com ele.

— Não é? Também acho.

— Ele tenta ficar mais tempo comigo, mas às vezes não consegue, hoje mesmo iria ficar aqui para te receber comigo, mas teve que sair com o Paollo logo cedo.

Só de ouvir o seu nome um nervosismo fora do comum se instala no meu peito. Não estou gostando dessas sensações que a sua presença ou até mesmo a menção do seu nome estão me dando. Decido não falar o que aconteceu, não por ele ter me pedido — para falar a verdade ele me mandou — até parece que manda em algo, principalmente em mim. Mas porque não quero que a Isa fique preocupada à toa. Ela já tem muitas coisas para se preocupar.

— E a minha filha? Como que o nosso pedacinho do céu está?

— Está bem. Na semana que vem tenho uma consulta com o meu novo ginecologista e espero que ela continue saudável.

— E você, Isa, como está? E o seu pai?

— Ah... Laura, ele é um amor. Sempre pensei em como seria meu pai e tenho que admitir, me surpreendeu. Ele é tão atencioso. Me liga todos os dias para perguntar se preciso de algo. Saímos para almoçar ou simplesmente damos um passeio toda semana. É como um sonho.

— Você merece isso e muito mais. Ele está tentando se envolver na sua vida, que bom. E a bruxa da sua irmã?

— Você é ótima, sabia? Enfim, ela está do mesmo jeito. Se recusa a conversar comigo, mas no fundo entendo ela. Perdeu a mãe e de quebra o homem que seria seu futuro marido. E ainda ganhou uma meia irmã no processo.

— Azar o dela. Ela que está perdendo. Você é maravilhosa e uma hora ela perceberá. E se não perceber também, que ela se foda. Você não precisa dela para nada.

— Eu sei. Tenho uma novidade para você.

— O quê?

— Tivemos que marcar a data do casamento.

— Mas já, Isa? Pensei que seria depois que a nossa filha nascesse.

— Eu preferiria também, mas tem essa merda da família, da máfia e o conselho de capos achou melhor o casamento se realizar o mais rápido possível. E essas merdas todas.

— Você não precisa fazer o que eles mandam.

— Gostaria que isso fosse verdade, mas não é bem assim,

infelizmente faço parte disso agora. São tantas regras que te juro que se não amasse tanto o Nicolai seria impossível suportar tudo.

— E ainda tem o seu pai e todo esse drama com a sua irmã. É amiga não gostaria de estar na sua pele.

— Nossa! Obrigada, viu.

— De nada. Que data vocês marcaram?

— Para daqui a dez dias.

— E você acha que vai dar tempo de organizar tudo?

Ela chega perto de mim com aquele olhar de cachorro pidão e começa a acariciar o meu braço.

— Estou até vendo, o que você quer?

— Primeiro vou te convidar para ser a minha madrinha, segundo, você vai me ajudar a organizar. O que você acha?

— Eu acho que mesmo te amando, tenho uma grande vontade de te matar às vezes, mas pode ficar tranquila que irei te ajudar em tudo que precise.

— Eu também te amo, boba. E obrigada mesmo por estar fazendo isso.

— Você está doida? Vou adorar. Imagina as lojas e tudo mais que teremos que preparar? Sem contar a degustação dos doces e bolos, vai ser uma maravilha.

— Nisso eu tenho que concordar com você. E a sua reunião? É que horas?

— As duas. — Pego meu celular e me espanto. Já é meio dia e meio. O tempo passou depressa demais. — Merda, daqui a pouco tenho que ir.

— Vamos fazer o seguinte. Amanhã à tarde vamos e já olhamos as coisas para o casamento. O que você acha?

— Eu vou amar ficar mais tempo com vocês duas.

— Eu também, agora vamos, ainda dá tempo de você comer algo antes de você ir.

Tomamos um café no apartamento mesmo. Senti saudades de ficar assim com ela. Impressionante como me sinto bem ao seu lado. Quando dá uma da tarde vou embora, mas amanhã a vejo de novo e fico feliz na hora.

Estou na calçada esperando o táxi e nem percebo que alguém está ao meu lado. Olho para ver o infeliz do Paollo com o Nicolai, os dois parados me observando.

— Só pode ser brincadeira.

— Laura.

— Oi, Nicolai.

— Não vai me cumprimentar, Laurinnha?

— Oi, cachinhos dourados. — Um sorriso se forma no seu rosto e sem perceber acabo correspondendo.



Capítulo 8

Laura Genova

— Que bom que você vai morar aqui, a Isabella está muito feliz com essa notícia.

— Também estou muito feliz de ficar com ela e nossa filha.

— Sua filha? — fala levantando uma sobrancelha.

— Vamos deixar as coisas bem claras aqui, Nicolai, ela também é minha filha. — Ele apenas balança a cabeça e sorri.

— Ok, Laura, não vou discutir com você sobre isso. O importante é que a Isabella está muito feliz e é isso que importa. Tenho que ir agora, até mais. — Ele entra e o Paollo continua me olhando.

— O que foi?

— Você fica muito bonita de vestido, deveria de vestir mais assim.

— Está passando mal? Por que o elogio?

— É legal ver você parecendo uma mulher, de vez em quando.

— Isso, Paollo, vai testando a minha paciência. Daqui a pouco a minha mão vai parar na sua cara, o que você acha?

— Eu acho que a sua mão ficaria bem melhor em outra parte do meu corpo, o que você acha? — O seu sorriso arrogante só aumenta à medida que a nossa conversa se prolonga.

— Eu vou acabar sendo presa por te matar. É isso que eu acho, seu pervertido.

— Você não faz nem idéia do que eu gostaria de fazer com você, Laurinha, se soubesse já teria me matado a muito tempo. Onde você está indo?

— Mas você é folgado mesmo, hein?... Desde quando tenho que te dar satisfação da minha vida?

— Pelas minhas contas, a partir do momento que você me deu um tiro. Ou se esqueceu?

— Como iria esquecer, aquele dia foi ótimo. Pena que não mirei na sua cabeça.

— Qual? — pergunta, dando um sorriso de lado, revelando a merda da covinha.

— Você é muito infantil mesmo. Tento manter um diálogo com você, mas é impossível

— Você quer um diálogo decente? Que tal um jantar essa noite? Só eu e você?

Ele se aproxima ficando cara a cara comigo. Por que o meu coração está disparado? *Não, Laura! Se controle!*

— Não, muito obrigada.

— Sabia que esse jogo entre nós, só me deixa mais excitado de saber como vai terminar? — Ele aproxima os seus lábios do meu ouvido, me fazendo estremecer com os seus sussurros tão próximos da minha pele. — Espero que seja com você na minha cama, gemendo o meu nome a noite inteira. Quer sentir o meu pau nessa sua bocetinha gostosa? Meus lábios *lambendo ela* enquanto eu te faço gritar? É só você falar sim, que é exatamente isso que irei fazer com você.

— Vai sonhando, cachinhos dourados.

— A única coisa que estou sonhando ultimamente é com os seus lábios e imaginando como deve ser o sabor da sua boceta. — Engulo em seco.

— Deveria procurar uma ajuda, você não é normal, aprenda a ouvir um não.

— Pode ficar tranquila, vou fazer com que esse não vire um sim.

Me viro porque o meu táxi chega, mas antes, ele me puxa fazendo com que os nossos corpos fiquem colados.

— Entenda uma coisa, Laura, vou ter você na minha cama. Cedo ou tarde. É melhor já ir se acostumando com a ideia. A partir do momento que te vi, decidi que você seria minha.

— Continue sonhando, só assim mesmo para que isso aconteça. Eu não sou um objeto para ser sua. O dia que você perceber que nem todos fazem o que você quer, talvez, só talvez, a gente possa conversar sem que eu tenha pensamentos de te matar a cada frase que sai da sua boca. — Saio do seu aperto e entro no táxi.

O meu coração parece que vai sair pela boca de tão nervosa que estou. Suas palavras ficam se repetindo várias e várias vezes, o caminho todo. *Merda!* Gostaria de não me importar com o que ele fala, mas é impossível.

Tem uns dez minutos que estou aqui na sala de espera aguardando ser chamada, fico sentada tentando controlar a minha respiração. O encontro com o Paollo me deixou sem chão. Gostaria que ele não me afetasse dessa maneira, mas está cada vez mais difícil ficar perto dele e esconder que realmente suas palavras e sua presença mexem comigo.

— Senhorita, Laura, o senhor Gabriel já está te aguardando.

— Obrigada.

Ela me acompanha até a porta e a abre para mim. Entro em um escritório extremamente luxuoso e um homem está de costas. De uma hora para outra ele se vira e meu Deus, que homem é esse.

— Prazer em finalmente ter conhecer, Laura. Sou Gabriel Zás e adorei o livro que você escreveu.



Capítulo 9

Laura Genova

Fico observando-o um bom tempo. Não sou cega e diante de mim está um homem lindo.

— O prazer é meu.

— Sente-se. Precisamos entrar em um acordo sobre o seu livro.

Me sento e me pego observando-o novamente. Sua barba por fazer, a sua boca muito bem desenhada e os seus olhos incrivelmente azuis. Balanço a cabeça, tentando parar de pensar nisso.

— Primeiro, tenho que lhe pedir desculpas por não poder remarcar a reunião para outro dia. Sei que morava na Irlanda.

— Sem problemas, no final até que gostei. Tem uma pessoa muito especial que mora aqui, então ficou tudo bem.

— Que bom. Não sei se a minha secretária lhe avisou do contrato.

— Ela me falou por alto, não entramos em detalhes.

— Ok, estou com ele aqui. Dê uma olhada e me fale se tem algo que você queira mudar. — Pego o contrato de sua mão e começo a ler. Tento focar no que estou fazendo, mas eu não sei vocês, mas quando tem uma pessoa me observando, não consigo prestar muita atenção, então leio por alto.

— Teria algum problema se eu levasse para dar uma olhada em casa?

— Problema nenhum. É bom que leia com cuidado tudo que está escrito aí. Tem um ponto que gostaria de discutir com você. É sobre a quantidade de páginas.

— O que tem?

— Um livro de fantasia em si eu acho bom ter uma quantidade de páginas a mais, mas eu acho que teremos que dividi-lo em dois. Novecentas páginas é um livro muito grande. Por isso, proponho dividi-lo em dois. Seu livro tem muito potencial de vendas. Acho que é a melhor opção.

— Eu gosto muito de livros grandes, acabei me empolgando.

— Ele é muito bom mesmo, você quer manter esse mesmo título?

— Gostaria sim. Coroa de Sangue tem tudo a ver com a história e eu gosto dessa pegada do livro ter um príncipe, mas que esse príncipe seja o vilão, não o mocinho da história.

— Por quê? Você prefere os vilões.

— Não sei você, mas no meu ponto de vista as histórias dos vilões são sempre melhores. E tem aquela frase: todo vilão é herói na sua própria história. Então, sim, prefiro os vilões.

— Interessante.

— Se você diz.

— Ok então, Laura. Fica assim, você pode ler e mostrar para o seu advogado e tudo mais. Se tiver alguma dúvida entre em contato comigo. Ficarei feliz em tirar qualquer dúvida que você tenha. E para falar a verdade, gostaria que você fosse uma das nossas autoras. Seu livro tem um grande potencial e gostaria de fazer parte dessa história. Aqui está o meu cartão, qualquer dúvida pode me ligar ou mande uma mensagem.

— Muito obrigada, senhor Gabriel.

— Pode me chamar só de Gabriel. — Fico um pouco sem graça e o meu rosto começa a esquentar, com certeza deve estar super vermelho, ele percebe.

— Se você quiser, claro. — E dá um sorriso para mim que acabo correspondendo.

— Muito obrigada, Gabriel.

— A seu dispor, Laura.

Me levanto e ele faz o mesmo, me acompanha até a porta, abrindo-a para mim.

— Tchau.

— Espero que um seja até logo.

Saio da sua sala com o coração na mão. Estou tão feliz que finalmente vou ver o meu livro sendo publicado que a minha vontade é sair gritando e dançando feito uma doida, sem me importar com nada nem ninguém. Aperto aqueles papeis na minha mão firmemente como se isso pudesse confirmar que é real, que não estou sonhando, que o meu sonho está se tornando real e uma grande esperança de que tudo dê certo.

Depois de narrar tudo para a Isa, fico deitada na sofá lendo e relendo o contrato. As vantagens são muito boas e sem contar que o contrato inclui a segunda parte do livro. Pego o contrato e começo a rodar com ele no meio da sala, feliz como nunca pensei que me sentiria.

— Se for um sonho não me acorde, por favor. — Fico até tarde da noite acordada, imaginando tudo que pode acontecer comigo.

No outro dia acordo as nove da manhã, termino de arrumar as coisas e tomo um banho. Visto uma calça jeans preta e uma camiseta também na cor preta, completo o *look* com uma blusa de flanela xadrez. Amarro o meu cabelo em um rabo de cavalo, passo a minha maquiagem como sempre,

destacando os olhos e um batom na cor rosa, e pronto, estou pronta para encontrar a Isa no shopping para poder escolher o seu vestido de noiva.

Pego um táxi e em menos de vinte minutos chego. Fico em frente a grife de noivas, esperando. Já estou mandando uma mensagem para saber por que da demora quando a vejo andando. Um sorriso se forma no meu rosto, mas logo morre quando vejo quem está com ela. Me aproximo e ficamos cara a cara.

— Por que ele veio com você, Isa? — Ela fica totalmente sem graça.

— Desculpa, Laura. O Nicolai teve um compromisso e o Paollo veio no lugar dele.

O desgraçado começa a sorrir para mim.

— E não se esqueça, tenho que escolher um terno. — Ele me olha e dá mais um sorrisinho idiota. — Afinal, vou ser o padrinho.



Capítulo 10

Paollo Salvatore

Nunca pensei que estaria em uma loja de vestidos de noiva, mas aqui estou. Só pela oportunidade de mexer com a Laura isso vale ouro.

— Só pode ser brincadeira, não tem outra explicação, o que você está fazendo aqui, hein? Até parece que é para ajudar.

— Calma, Laurinha. Vim única e exclusivamente para ajudar a Isabella. Juro que não sei por que você está tão estressada. — Me aproximo ficando do seu lado. — Calma, meu amor estou aqui só para ajudar.

— Primeiro, sai de perto de mim. Segundo, amor é o caralho e terceiro, eu e você sabemos que não foi para isso que você veio.

— *Me fala*, Laura, o que eu vim fazer aqui, então? — Levanta uma sobrancelha.

— Você veio só para me encher o saco, seu palhaço. E Isa, por que tem que ser logo ele a ser o padrinho? — Ele se afasta de mim e um sorriso já se forma no seu rosto.

— É o noivo que escolhe o padrinho, não pude fazer nada.

— Nossa, Isabella. Até parece que você não me quer como padrinho.

— Paollo, a única coisa que quero, é que você e a Laura não se matem, mas acho bem difícil, já que vocês dois não colaboram.

— Eu? Ele que faz de tudo para me irritar, esse troglodita.

— A tá!... desculpa se você é uma louca.

— Louca é a sua mãe, cachinhos dourados.

— Sério? Antes mesmo de entrarmos na loja, vocês dois já vão se matar?

Laura acaba fazendo um pequeno bico, como uma criança mimada.

— Depois fala que sou eu o infantil. Vamos entrar e acabar com isso — falo e não espero a resposta das duas. Entro, me aproximo da atendente e ela começa a sorrir para mim.

— O que o senhor deseja?

— Estou aqui para escolher um terno para o casamento de um amigo, serei o padrinho.

— Parabéns, tenho vários vou te mostrar.

Quando ela vai se vira para poder pegar os ternos, as duas entram e começam a conversar com outra moça.

— Espere só um pouco, vou ajudar a noiva primeiro, depois escolho o terno.

Ela se vira e começa a observar as duas.

— Ah! laro.

Me aproximo, ficando ao lado da Laura.

— Você de novo, não tem mais o que fazer não?

— Já te falei, ultimamente estou adorando ficar próximo a você.

— Eu juro, Paollo, você não faz nem ideia da vontade que eu tenho de arrancar essa sua língua. — Observo que a Isabella foi experimentar um vestido, me deixando sozinho com ela.

— Já te falei, Laurinha, se você arrancar a minha língua, como irei chupar essa sua bocetinha gostosa? Além do mais, duvido que tenha coragem de fazer algum mal a alguém. Você não machucaria nem uma mosca, principalmente um ser humano.

— Continue achando isso, porque quando eu te pegar, ah... Paollo, quando eu te pegar não sobrarão nem ossos para contar a história.

— E eu já te falei, se for de prazer eu te deixo fazer quase tudo comigo.

— Sai de perto de mim.

A observo. Ela tenta esconder os seus sentimentos, mas é impossível. O seu rosto está vermelho, ou de vergonha, ou de raiva. Isso não a deixa mentir. Sei que a afeto do mesmo jeito que essa infeliz me afeta.

— Não! E cale a boca, daqui a pouco vamos ser expulsos daqui por conta dessa sua boca atrevida.

— Para de me mandar calar a boca, seu infeliz.

— Se não te conhecesse, Laura, juraria que você está mais nervosa do que o normal.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer, Laurinha, que você está se apaixonando por mim.

Ela começa a tossir sem parar, o que faz com que o meu sorriso aumente a cada segundo.

A atendente chega perto com um copo de água, ela toma quase tudo.

— Obrigada, moça.

— De nada. Precisa de mais alguma coisa?

— Não, estou bem, só uma crise de tosse. — Ela sai me deixando sozinho com ela.

— Mentirosa!

Ela abre a boca para responder, mas a Isabella sai toda sem jeito, vestida de noiva.

— O que você achou?

A Laura se aproxima, segurando a sua mão.

— Isa, você está tão bonita! Parece uma princesa.

Ela se aproxima de mim, me dando uma cotovelada nas costelas.

— Infeliz!

— Não é, Paollo? Ela não está linda?

— Tenho que admitir, Isabella, você está muito bonita.

— Ah... obrigada! Vou lá ver o outro.

— Você quer ajuda? — pergunta Laura tentando sair de perto de

mim. Isabella olha de mim para ela por uns segundos e dá um pequeno sorriso.

— Não precisa. Fica aqui vou lá me trocar. — Laura se senta derrotada, já eu, estou gostando ainda mais. Me sento do seu lado.

— Não me respondeu.

— Não tenho nada para te responder.

— Você tem certeza?

— Absoluta!

Observo o local, aqui onde estamos é separado só para a Isabella. A atendente está com ela me deixando sozinho com a Laura, hora de provar o meu ponto.

Sem ter reação, empurro ela deitando-a no sofá, coloco o peso da minha perna na sua impedindo de se mover. Conhecendo como a conheço, tenho certeza que se der alguma oportunidade, ela acertará uma joelhada bem no meu pau. Seguro as suas mãos para cima e me aproximo do lóbulo da sua orelha.

— O que você está fazendo, Paollo?

Dou uma pequena mordida lá, fazendo com que ela dê um pequeno grito de surpresa.

— Eu estava louco para fazer isso com você desde que te vi. Colo os meus lábios nos dela. A sua reação é a de se debater e tentar se afastar, mas depois de um tempo não vejo mais essa reação. Ela corresponde. Sinto a delicadeza dos seus lábios nos meus e solto as suas mãos. Ela entrelaça as mãos na minha nuca, fazendo com que nossos corpos fiquem mais juntos. Seguro na sua cintura trazendo-a mais para perto. Ela é tão pequena que parece que vai sumir nos meus braços.

— Estou interrompendo algo?

Ela se solta de mim, me olha com uma mistura de ódio e algo mais e se afasta segurando a mão da Isabella. Me joga no sofá e passo a mão pelos cabelos.

— Nossa, Laurinha. É bom saber que você também está afetada por mim como estou por você.



Capítulo 11

Laura Genova

Fecho os meus olhos, tentando controlar a minha respiração. Não estou acreditando que deixei que ele me beijasse. E pior ainda. Eu gostei. *Merda!*

— O que foi aquela cena entre você e o Paollo?

— Esquece! Prefiro nem lembrar.

— Me desculpa, Laura, mas é impossível, senti até o fogo aqui. — A boba até se abana para enfatizar a cena.

— Não teve fogo nenhum.

— Ah tá bom! Me engana que eu gosto. Vocês dois juntos são como fogo e gasolina, não podem ficar juntos que já tem uma explosão. E olha que não estou falando só das discussões.

— Para falar a verdade, também estou me perguntando porque correspondi ao seu beijo.

— Você gosta dele?

— Ele me irrita.

— Não foi essa a pergunta.

— Eu não sei. Quando estou com ele quero arrancar cada fio do seu cabelo, mas ao mesmo tempo quero beijá-lo. Eu não sei.

— Calma, Laura. Deixa as coisas acontecerem. Você vai descobrir o que sente, mas um conselho que te dou, não deixe que ele te use. No final é o seu coração que vai estar em jogo.

— Não vou deixar que ele chegue tão perto.

— Eu falei a mesma coisa e olha onde estamos — fala se olhando no espelho. — O que você achou desse?

— Ele é lindo. O caimento ficou perfeito.

O vestido não é tão rodado como o primeiro, pequenos cristais dão uma elegância a mais. Ele é um pouco solto na cintura, afinal ela já está entrando no sexto mês de gravidez e não pode ficar apertando a barriga.

— Você está tão linda, Isabella, você está feliz?

Ela se vira para mim e um sorriso bobo ilumina o seu rosto ainda

mais, meu coração se enche de felicidade.

— Nunca pensei que estaria tão feliz. Estou contando as dias para poder me casar com Nicolai.

— Que bom. Mudando de assunto. E a sua faculdade?

— Tive que trancá-la, mas depois que o bebê nascer vou transferir para cá.

— Você gosta tanto do que faz, ainda bem que vai continuar.

Ela se aproxima de mim como se fosse contar um segredo.

— Eu não parei de hackear, continuo fazendo a mesma coisa. Não consegui parar.

— E o Nicolai sabe disso? — Levanto uma sobrancelha.

— Não. Sei que ele vai me pedir para parar, mas não vou. Então não contei e nem pretendo contar.

— Você é a melhor.

— Agora mudando de assunto. Acho que esse é o vestido.

— Também acho.

Ela segura no meu ombro, me empurrando porta afora.

— Agora é sua vez. A minha madrinha precisa de um vestido digno de sua beleza — fala para a atendente que nos aguardava do lado de fora.

— Não preciso não.

— Precisa sim.

— Mas Isa. Essa loja é caríssima — sussurro próximo a ela.

— Laura, é um presente para você.

— Não posso aceitar.

Vejo a decepção no seu olhar.

— Por favor.

— Merda! Tá bom, mas sou eu que vou escolher.

— Com certeza, mas vou ajudar.

— Ok.

Ela sai toda saltitando, como uma criança que acaba de ganhar um doce. Balanço a cabeça rindo da cena.

— Boba.

Observo o local procurando por Paollo. Não quero acreditar que esteja a procura daqueles olhos verdes, mas estaria mentindo para mim mesma. Não demora e o vejo se olhando em um enorme espelho, ele está analisando o terno preto que está usando, um sorriso se forma no meu rosto. O desgraçado está lindo, parece que aquele terno foi feito sob medida. O seu cabelo, agora amarrado de mau jeito em cima da cabeça, dá aquele ar de sensualidade.

Não sei por quanto tempo fico encarando. De uma hora para outra ele se vira e me encara da mesma forma e a infeliz da covinha aparece de novo. O meu coração se acelera e meu rosto fica incrivelmente quente com o seu olhar. Em nenhum momento nossos olhos se desviam um do outro, é como se existisse somente nós dois naquele lugar.

Ele começa a andar em minha direção. A nossa nuvem se perde e eu balanço a cabeça tentando raciocinar direito. Não vou fugir como uma criança assustada. Aperto a minha mão em punho tentando controlar o nervosismo para que ele não perceba que está me afetando de uma maneira que pensei que ele nunca iria.

Ele chega perto de mim, a uma distância não muito segura. Minha mão coça de vontade de acariciar o seu rosto e saber se aquela barba é tão macia como parece.

— Por que você fugiu?

— Eu não fugi. — A minha voz sai mais rouca do que imaginava. Ele

levanta uma sobrancelha e sorri, balançando a cabeça.

— Qual é o nome, então? Porque tenho certeza que você saiu arrastando a Isabella quase correndo depois que eu te beijei.

A minha boca começa a tremer só de lembrar dos seus lábios nos meus.

— Vou repetir, não fugi. Você só me pegou desprevenida, só isso. A culpa é sua por ficar me agarrando quando você quer.

— Está me falando que não gostou?

— Sim.

Ele chega mais perto, fazendo com que eu sinta o seu perfume invadir o meu espaço, mas não me afasto. O encaro da mesma forma.

— Então te peço desculpas, deixa eu corrigi esse erro.

Não consigo nem processar as suas palavras. Quando ele me segura pela cintura me trazendo para perto, os meus seios se chocam contra o seu peitoral extremamente duro. A sua mão segura a minha nuca e ele sela os seus lábios nos meus. Gostaria de dizer que não correspondi, mas estaria mentindo. Seguro no seu ombro tentando conseguir uma firmeza maior porque as minhas pernas pareciam que tinha virado gelatina. As nossas bocas começam uma dança sensual única. A sua língua pede permissão para entrar e eu deixo. Estou perdida em seus lábios esquecendo de tudo e me foco

somente nele.

Levanto a minha mão e acaricio o seu rosto, finalmente sentindo a textura da sua barba, e como imaginei ela é macia. Paramos de nos beijar e fico só olhando para ele, ele faz o mesmo por um tempo, com uma expressão diferente. Um sorriso se forma no seu rosto.

— Acho que corrigi o meu erro, ou você vai mentir nesse também e me falar que não gostou? Posso estar enganado, coisa que raramente acontece, mas se não estivéssemos nessa loja tenho certeza que você já estaria gritando o meu nome, depois que eu fizesse você gozar de todas as formas possíveis na minha cama.

Como em um passe de magia o encanto se desfez, mas o que eu pensei? Que ele fosse um príncipe encantado? Grande engano. Ele me fez lembrar que era só isso, que eu seria apenas mais **uma na** sua cama, um sorriso de arrependimento se faz presente no meu rosto agora.

— Obrigada, Paollo. Por me lembrar o porquê de eu odiar homens como você. Pode ficar tranquilo, esse foi o primeiro beijo de verdade entre nós dois. E o último.

Me afasto dele e vou procurar Isabella. Não queria, mas acabei sentindo um aperto no peito de pura decepção. Isso é para que eu aprenda quem ele é. Afinal de contas, ele é um mafioso. Apenas um homem que quer mais uma mulher na sua cama, mas ele vai perceber que não sou qualquer uma.

Observo a Isabella com a moça que está nos atendendo, sorrindo sem parar, coloco um sorriso falso no rosto e me aproximo.

— E aí, encontrou algo? — Ela se vira e o seu sorriso morre.

— O que aconteceu?

— Nada. O que poderia acontecer em uma loja de noivas?

— Você está diferente, tem certeza que não aconteceu nada?

Não queria mentir para ela, mas não quero preocupá-la, apenas seguro em seu braço e começo a brincar.

— Deixa de ser boba, Isa, não aconteceu nada. Agora me mostre os vestidos que você escolheu.

— Ai, Laura, escolhi um mais lindo que o outro. — Pega vários vestidos e me leva para provar. No final acabo sorrindo verdadeiramente. Hoje é um dia muito especial para ela, não vou deixar o que aconteceu com o Paollo estragar.

— Olha esse. — Me mostra um vermelho todo de renda com uma fenda na lateral.

— Ele é bonito, mas não gosto das costas.

— Por quê?

Nunca contei para ela o que meu pai fazia comigo, um aperto há muito tempo esquecido volta com tudo me fazendo lembrar das torturas que passei ao seu lado. Gostaria de falar para ela que não posso usar vestido ou outra roupa que mostre as costas por conta das várias cicatrizes que estão presentes, mas me calo.

— Não gosto das costas nuas. Prefiro que sejam fechadas, mas não me oponho a ser justo ou com fendas nas pernas.

Ela me olha por um tempo, não sei se engoliu, mas torço para que ela não me pergunte mais nada.

— Ok, sem problemas. Que tal esse? — Agora ela me mostra um mais curto de seda, vermelho, todo rodado.

— Não acho que faça muito o meu estilo.

— É, tem razão.

— Por que escolheu quase todos na cor vermelha?

— Porque tenho certeza que você ficará linda com um vestido nessa cor, vai ressaltar ainda mais esse cabelo ruivo maravilhoso seu.

— Preferia um preto.

— Sabia que você escolheria essa cor também. Por isso esse — Me

mostra um todo colado de alças finas com pequenos cristais por todo ele e uma fenda na lateral que vai até o meio das minhas coxas.

— Ele é bonito.

— Vai lá e experimenta. — Pego o vestido da sua mão e entro para me trocar. Ele ficou lindo, abraçando todas as partes do meu corpo, saio para que a Isabella veja.

— Nossa, Laura ficou perfeito, o que você achou?

— Ele é lindo.

— Ok. Agora experimenta esse. — Me entrega um rosê todo decorado. Visto ele, mas não gostei. Ficou muito folgado na frente afinal, não tenho seios suficientes para encher aqueles decotes. Saio para logo em seguida ver a Isabella tentando controlar a vontade de rir.

— Pode rir, sei que está se segurando.

Ela explode em uma gargalhada. Tento ficar com raiva, mas acabo rindo com ela. Duas senhoras passam por nós e viram a cara, isso só faz eu e Isa rirmos ainda mais.

— Deixa eu pegar outro. — Limpo as lágrimas dos meus olhos.

— Experimenta esse. — Ela me entrega outro vermelho. Apenas o pego e vou me trocar.

Esse com certeza é perfeito, uma renda muito bonita ocupa o busto, que não tem um grande decote, mas que também não é todo fechado. As alças são caídas em cada ombro também de renda e a cintura é alta, bem definida, para depois cair em camadas de tule vermelho até se arrastar pelo chão. Uma fenda na lateral da minha perna deixa o vestido mais leve.

Quando ando me sinto como aquelas modelos entrando na passarela. Quando saio para mostrar a Isa, a fenda faz com que cada passo que eu dê, faça com que o tule voe ao meu redor. Nunca me senti tão bonita como agora.

Fico na frente da Isa esperando que ela fale o que achou, mas essa só me olha com sua boca levemente aberta.

— O que você achou?

— Com certeza é esse. Meu Deus, Laura, ficou perfeito.

— Eu também achei muito bonito.

— Estão está decidido. É esse — ela fala para a vendedora.

Saímos da loja felizes. Os vestidos serão entregues um dia antes da cerimônia. Vamos para o estacionamento para logo ver o Paollo parado do lado de um carro preto luxuoso.

— Acho que vou de táxi. Você se incomoda, Isa?

Ela olha de mim para ele por um tempo.

— Tem certeza? Você pode ir comigo.

— Deixa para próxima, o que você acha? Estou louca para ir em uma lanchonete com você e nos acabarmos de tanto comer besteira.

— Não me tente, Laura, você sabe que o meu ponto fraco é comida.

— Eu sei. — Dou um beijo na sua bochecha.

— Me liga assim que você chegar em casa, viu.

— Pode deixar, se cuida.

Apenas balanço a cabeça, concordando com ela. A vejo se aproxima do carro e ela fala algo para Paollo que levanta a cabeça e começa a olhar para mim. Por um leve tempo me perco nos seus olhos, mas ignoro completamente essa sensação estranha na boca e me viro, saindo dali e procurando um táxi. Não demora e vejo um. Faço sinal, entro e me sento, aprofundando no banco, digo o endereço para o taxista e começamos a nos mover.

Chego em casa exausta. Me deito na cama sem me importar que ainda estou de tênis. Fico lá por um tempo e acabo cochilando. Acordo assustada com o meu celular tocando. Atendo e fico conversando com a Isabella por um tempo. Confirmo que cheguei muito bem e desligo. Fico lá até pegar no sono novamente. Olhos verdes se fazem presentes nos meus sonhos, pela

primeira vez sonho com o Paollo.



Capítulo 12

Laura Genova

A semana passa depressa que nem vejo. Já assinei o contrato com a editora. A semana foi uma loucura eu e a Isabella ficamos escolhendo tudo para o seu casamento. Salão de festas, *buffet* e principalmente o bolo. Nunca comi tanto bolo como na degustação que uma confeitaria fez para nós. O engraçado foi ver a cara do Nicolai quando a Isa o fez experimentar diversos sabores. Estava na cara que ele não queria nem um pouco ficar, mas fez de tudo para que ela não percebesse. O que achei bonitinho da parte dele.

Agora estou aqui, no seu quarto esperando a maquiadora terminar a maquiagem da Isa. Já estou pronta há algum tempo. Ela está tão linda. O seu cabelo está todo cacheado e uma pequena tiara de flores brancas adorna seu penteado.

Depois de trinta minutos, ela já está pronta com seu vestido impecável e um sorriso enorme no rosto. Seguro nas suas mãos me aproximando dela.

— Você está incrível.

— Você também, Laura, está tão linda.

— Vamos, o carro já está esperando.

O Nicolai já está na igreja, saímos e já tem dois seguranças nos acompanhando. Já no carro vejo que a Isabella não para de apertar uma mão na outra, seguro mais uma vez em sua mão.

— Calma, vai dar tudo certo.

Ela sorri para mim e balança a cabeça. O percurso até a igreja é rápido e em menos de vinte minutos já estamos na porta.

— Vou lá avisar que você já está aqui. — Quando saio observo o Nicolai na portaria conversando com o Paollo e o pai da Isa.

— Ela já está aqui, pode ficar no seu lugar, Nicolai.

Ele me agradece e se dirige para o seu lugar. O pai da Isa fica na entrada, aguardando ela sair.

Paollo em nenhum momento tira os olhos de mim, o que causa um arrepio por todo o meu corpo.

— Você está incrivelmente linda, Laura.

Minhas bochechas começam a esquentar com seu elogio.

— Muito obrigada. Você também está muito bonito.

— Obrigado.

— Vou lá chamar a Isabella.

— Nos vemos daqui a pouco.

Não respondo, me viro e vou até o carro. Pego na mão da Isa ajudando-a a sair. Seguro a barra do seu vestido para não arrastar no chão.

Agora ela está do lado do seu pai, meu coração está tão cheio de felicidade que parece que vai explodir.

— Você está linda, filha.

Os olhos dela se enchem de lágrimas.

— Obrigada, pai.

Faço o sinal e a marcha nupcial começa, fico no meu lugar, ao lado do Paollo. O meu coração traidor insiste em bater mais depressa, falo para mim mesma que não é porque estou segurando no seu braço.

A igreja está cheia, para falar a verdade não conheço ninguém aqui, mas sei que são todos envolvidos com a máfia. Chegamos no altar e fico do lado esquerdo, Paollo fica ao lado do Nicolai.

Olho para frente no exato momento em que a Isa entra, o seu olhar se encontra com o do Nicolai. Um sorriso lindo surge no seu rosto que é logo

correspondido pelo seu noivo. O seu pai a entrega para ele e se senta aguardando a cerimônia começar. Me aproximo, pego o seu buquê e volto para o meu lugar.

A cerimônia é perfeita. Não queria, mas chorei muito vendo a felicidade da minha amiga. Espero do fundo do meu coração que tudo dê certo na sua nova vida.

Várias pessoas os parabenizam, outros já começam a entrar nos seus carros. A festa será realizada no salão de um hotel aqui no centro.

Me aproximo dela.

— Já está na hora, Isa vocês precisam ir.

— Você virá no carro conosco.

Abro a boca para responder, mas sou impedida por uma voz já conhecida.

— Não, ela vai comigo, vocês podem ir.

Eu e a Isabella trocamos olhares.

— Pode ir, daqui a pouco chego lá.

— Ok, então.

Eles se viram e saem.

— Vamos.

Não respondo, apenas o sigo. Não estou a fim de ficar discutindo com ele, ficamos no carro uns minutos sem falar nada, mas a paciência que eu tinha com ele logo acaba.

Dou um tapa na sua cabeça, ele me olha com um olhar mortal e começa a passa a mão no local.

— Não sei como me surpreendo com você. Tinha me esquecido que você é louca. Por que me bateu?

— Isso é para você aprender a não fazer as coisas sem me perguntar primeiro. Seu palhaço, em que momento te falei que iríamos juntos para a festa?

— Pensei que gostaria de ficar um tempo sozinha comigo.

Sorrio da sua audácia.

— Você é mesmo muito prepotente, pensou errado, cachinhos dourados.

— Vamos voltar ao começo e ficar discutindo toda hora?

— A minha vontade é arrancar pelo menos um olho seu, só de raiva.

Ele se aconchega ainda mais no banco e fica me encarando.

— O que foi?

— Você fica ainda mais linda com essa carinha de brava.

— Palhaço.

Ele se aproxima ficando cara a cara comigo.

— Linda.

Fico olhando um tempo para o seu rosto sem saber o que fazer, gostaria de não me sentir tão atraída por ele, como estou agora. Foco nos seus lábios por um instante. Balanço a cabeça tirando esses pensamentos.

— Chegamos, senhor.

Solto um suspiro de alívio.

— Ok.

Ele se vira para mim.

— Ainda não acabamos essa conversa.

O carro para e o Paollo sai, abre a porta para mim e estende a mão em

minha direção, esse gesto me pega desprevenida, a seguro e vamos andando em direção a entrada do hotel.

Chegando ao salão de festas encontro a Isa ao lado do Nicolai, conversando com um homem. Só nesse instante percebo que ainda estava de mãos dadas com ele. Me solto e ele se vira para mim e olha para a sua mão.

— Preciso ir agora, obrigada pela carona.

— Foi um prazer.

Vou em direção a Isa e a abraço.

— Você demorou, Laura. Aconteceu alguma coisa?

— Nada de mais.

— Laura.

Me viro para o homem ao lado do Nicolai, acabo levantando uma sobrancelha de surpresa.

— Gabriel?



Capítulo 13

Laura Genova

Ainda estou com a boca aberta de tão surpresa.

— Não sabia que você conhecia os noivos.

— Para falar a verdade, conheço só o Nicolai.

Observo o Nicolai que conversa com a Isa e me pergunto como eles se conheceram.

— Ah, que bom, está gostando da festa?

— Acabei de chegar, mas acho que essa festa tem tudo para ser a melhor que fui até hoje.

Levanto uma sobrancelha não fazendo ideia do porque ele acha isso. Depois de um tempo conversando com ele todos se sentam. Gabriel acaba se sentando à mesa dos noivos junto comigo, ficamos um bom tempo falando sobre livros e séries. Acabei descobrindo que o seu gosto para essas duas coisas é o mesmo que o meu.

— Isa, experimentou o bolo?

— Já é o terceiro pedaço — sorri.

— Sorte sua, o meu já é o quinto.

— Ele é o chefe da editora que vá publicar o seu livro?

— É. Ele conhece o Nicolai, o que eu acho superestranho.

— Pior que é mesmo, depois vou perguntar o Nicolai de onde eles se conhecem — sussurra.

— Ótima ideia.

— Gabriel, não sabia que você vinha.

Me viro ao mesmo tempo que o Gabriel se levanta para cumprimentar o Paollo. Fico olhando para essa cena bizarra na minha frente, os dois se sentam.

— Vocês se conhecem? — Coloco mais um pedaço de bolo na boca. Meu Deus, que delícia! Até fecho os olhos para aproveitar a sensação dessa maravilha.

— Nós fizemos faculdade juntos. — Quem fala é o Gabriel.

O bolo desce pelo buraco errado, começo a tossir sem parar, a Isa bate

nas minhas costas. Pego um copo com água e bebo em um gole.

— Pera aí, você fez faculdade?

— Tem como você tirar essa cara de surpresa do rosto?

— Desculpa, mas nunca pensei que você, logo você, fez faculdade.

— O que você quer dizer com esse logo você?

— Isso mesmo que você está pensando.

O seu olhar é mortal e Gabriel fica olhando de mim para o Paollo.

— Ele fez faculdade de direito. Eu e o Nicolai fizemos de administração.

— Então quer dizer que você é advogado?

— Sim, Laura, sou advogado.

— Interessante, nunca te veria como advogado.

Uma garota ruiva se aproxima da nossa mesa e sinto que Isabella fica tensa na hora.

— Meus parabéns, Nicolai, pelo seu casamento.

— Obrigado, Rebeca.

Ela olha para o Paollo e dá um leve sorriso.

— Quem é essa, Isabella?

— Uma garota que ficava com o Nicolai antes.

— E quem a convidou?

— Provavelmente veio como acompanhante de alguém.

— Não gostei dela.

— Bem-vinda ao clube.

Vejo o Nicolai falar algo no seu ouvido e os dois se levantam e saem.

Paollo levantou logo após Rebeca sair. Alguma coisa dentro de mim está falando que os dois estão juntos. Coloco esse pensamento de lado e me concentro no bolo a minha frente.

— Você gostaria de dançar comigo?

— Não sei dançar muito bem.

— Não me importo.

— Ok, então.

Ele se levanta e estende a mão para mim, com esse gesto acabo lembrando do *cachinhos dourados*. Seguro e vamos para o salão, já tem vários casais dançando uma música lenta.

A sua mão vai para a minha cintura, seguro no seu pescoço sentindo o seu cheiro de perfume caro.

— Não sabia que você conhecia a noiva.

— Você se lembra do motivo que te falei que tinha para ficar aqui?

— Sim.

— O motivo é ela, a Isabella é mais que uma amiga, ela é uma irmã.

— Que bom que você tem uma pessoa assim na sua vida.

— Também acho.

Ficamos em silêncio por um tempo, que é logo quebrado por ele.

— Preciso te falar uma coisa.

— O quê?

— Você com certeza é a mulher mas linda dessa festa.

Fico totalmente sem graça com sua afirmação.

— Você está brincando, né?

— Não, Laura, você é linda.

Não consigo nem responder, uma mão é colocada no meu ombro fazendo com que paremos na hora.

— Agora é minha vez.

Paollo está parado ao meu lado, com uma cara nada amigável.

— Não terminamos ainda.

— Com certeza já terminaram.

Fico observando a cena, sem nem acreditar nessa palhaçada. Decido me meter no meio antes que dê merda.

Me viro para o Gabriel.

— Pode ficar tranquilo, vou dançar essa música com ele, mas dançarei as outras com você. — Vejo um sorriso se formar no seu rosto, já o do Paollo é puro ódio.

— Te espero. — E se retira.

Paollo segura meu braço com mais força que o normal, fazendo com que o meu corpo se choque com o dele.

— Que palhaçada é essa, Paollo? — Ele não responde, apenas segura com força a minha cintura, tento colocar um pouco de distância entre nós.

— Não precisa ficar tão próximo — rosno entre os dentes.

— Preciso, já que você não pode ficar um minuto sozinha que já tem um homem com você.

— Vai se foder, não te devo satisfação.

— Sim você me deve, já que você, Laura, é minha.

Tento me soltar mais uma vez e nada.

— Tem como me soltar?

— Não, a nossa dança não acabou.

— Eu juro, Paollo só não te mato aqui porque é o casamento da Isa, se não fosse... ah, se não fosse...

Ele não responde, apenas deposita um beijo no meu pescoço, fazendo com que todos os pelos do meu corpo se arrepiem na hora.

— Por que você é assim, hein...?

— Não estou entendendo. Assim como?

— Você é a pessoa mais idiota que já conheci, para de agir como se tivesse algum direito sobre mim, porque você não tem.

— Laura, quero que preste bem atenção no que vou te falar agora, você é minha. Não quero que fique dançando com outro homem.

Tento me soltar mais uma vez.

— Escuta aqui, não sou sua e nem de ninguém, então dobre essa sua língua quando for falar uma merda dessas. Você acha o quê? Que vou ficar com medo de você só por que você é da máfia? Escuta aqui, Paollo, você não me conhece, não faz nem ideia do que sou capaz. Então vou deixar uma coisa bem clara para você. Não sou sua e eu danço com quem eu quiser e você não tem absolutamente nada a ver com isso.

— Ah, não tenho?

— Não tem. — Sustento o seu olhar.

— Quando você vai perceber, Laura, que quando quero uma coisa, eu consigo? Pode demorar, mas sempre consigo o que eu quero.

Apenas o encaro, a minha vontade agora é apenas apertar o seu pescoço com toda a força que possuo.

— Não sou uma coisa, sou uma pessoa e vai se acostumando com isso — falo apontando um dedo no seu peito. — Você não tem esse poder sobre mim.

— Se não tenho esse poder sobre você, deveria ir em um hospital porque o seu corpo me diz outra coisa.

Graças a Deus a música termina. Aperto os meus lábios com força e saio de perto dele. Não estou mais conseguindo permanecer no mesmo ambiente que ele, não quero admitir, mas o meu coração está acelerado. Falo para mim mesma que é apenas o ódio que sinto, da sua arrogância, mas, no fundo, bem lá, no fundo, sei que não é esse o motivo

Não vejo a Isabella em lugar algum, então decido ir ao banheiro, entro em uma cabine e fico lá um pouco, ouço alguém entrar e fico quieta.

— Até agora não consigo entender como um homem como o Nicolai pode se casar logo com aquela mulherzinha?

— Entra na fila, ele merecia alguém bem melhor do que uma coisinha sem sal como aquela Isabella.

— Isso eu tenho que admitir, não vejo nada de mais nela, até mesmo a Valentina tinha mais classe.

Aperto as minhas mãos em punho, uma raiva domina o meu corpo, só pode ser brincadeira, venho para cá em busca de sossego e agora isso.

Se acalme, Laura não faça nada, calma! Lembre-se, um, dois, três.
Respiro fundo.

— Ela é apenas uma piranha, pode ficar tranquila, Rebeca, tenho certeza que logo, logo ele vai te procurar.

Mando a calma ir para o quinto dos infernos, seguro em cada ponta do meu vestido o amarrando de lado, prendo o meu cabelo no alto da cabeça. Vamos ver se vão ter coragem de falar na minha cara.

Abro a porta e me aproximo das duas, uma é aquela mesma garota de mais cedo, já a outra não faço a menor ideia de quem seja.

— Quem é a piranha?

As duas se olham totalmente surpresas.

— Não estamos falando de você garota.

— Eu sei, só quero que repitam o que acabei de ouvir, me aproximo mais. Quem é a piranha?

— A piranha é a puta da sua amiga.

— Ah, é?

— Sim. Por quê? O que você vai fazer?

— Primeiro, vou dar uma surra bem dada em vocês duas, depois arrastar vocês até aquele salão e fazer cada uma pedir desculpas para a Isabella.

As duas começam a rir, sem ter reação seguro firmemente no cabelo da loira, ela se debate tentando se soltar.

— Solta ela, agora!

— Claro.

Fecho a minha mão em punho e acerto com tudo o nariz da tal Rebeca. Ela cai no chão segurando o nariz todo ensanguentado, presto tanta atenção nela que nem vejo quando a sua amiga acerta um tapa no meu rosto. Se eu já estava com raiva, agora estou parecendo um animal enjaulado. Seguro a sua mão virando-a para trás, puxando com tudo.

— Me solta, você vai quebrar o meu braço.

— Pode ficar tranquila, vou quebrar a sua cara primeiro, para quando se ver no espelho, lembrar de nunca mais abrir essa sua boca para falar mau da Isabella de novo. — Seguro com mais força, fazendo com que ela fique de joelhos na minha frente, a outra começa a se arrastar para a porta.

— Onde você pensa que vai?

— Você é louca, não faz nem ideia de quem somos filhas. Você já

está morta e nem sabe.

— Ah, é? — Seguro o braço da loira com mais força. — Você não me conhece, garota, se conhecesse saberia que não estou nem um pouco preocupada com isso.

Assim que termino de falar, a porta do banheiro se abre para revelar o Paollo com uma cara nada boa.

— Mas que merda você fez, Laura?



Capítulo 14

Paollo Salvatore

Imagens dela, naquele vestido vermelho, ficam se repetindo várias e várias vezes na minha cabeça. Não imaginei que ficaria mais linda do que já é. Preciso tê-la, não consigo mais ficar perto dela sem tocá-la ou simplesmente irritá-la.

Não sou assim, nunca precisei me empenhar a esse ponto só por uma mulher. O nosso jogo é perigoso e, ao mesmo tempo, extremamente atraente. A sua língua afiada me tira do sério, parece que sempre tem uma resposta para tudo. Ela se faz de durona, mas consigo ver que nem ela mesma consegue. Ela está atraída por mim do mesmo jeito que estou por ela, mas esconde esse sentimento. Vou fazer de tudo para tê-la, isso eu garanto.

Me aproximo do Gabriel, pois preciso ter uma conversa com ele.

— O nosso acordo era de você publicar o livro dela, e não dar em cima! — Ele me olha por um tempo. Conheço o Gabriel ele consegue ser ainda pior do que eu mesmo.

— Paollo, Paollo, não estou entendendo. Qual é a sua relação com a

Laura?

— Não é da sua conta, me responda.

— Não preciso te dar satisfação de nada, te devia uma favor, mas já paguei. Entretanto, tenho que admitir não imaginei que o livro dela fosse tão impressionante.

— Estou te avisando Gabriel fique longe dela, não costumo dar avisos, só estou fazendo isso pela pouca consideração que tinha por você.

— Entenda uma coisa, amigo, não vou ficar longe dela, só se ela pedir.

— O recado está dado.

Não espero ele terminar de responder, saio dali. Procuro por ela no salão e nada. Vejo a Isabella com o Nicolai na mesa, mas nem sinal de Laura. Para onde ela foi?

Caminho um pouco a sua procura e nada. Vejo uma movimentação estranha na porta do banheiro.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto para uma moça.

— Não sei, mas parece que está havendo uma briga aí dentro.

Imagens daquela infeliz vem em minha mente. Por que tenho quase

certeza que a Laura está no meio?

Abro a porta para constatar essa informação. A imagem na minha frente me deixa ainda mais irritado. A louca da Laura está segurando o braço da Luísa, que está de joelhos toda descabelada. Já a Rebeca está no chão tentando fazer parar o sangramento do seu nariz.

— Mas que merda você fez, Laura?

— Nada que seja da sua conta. Tem como você fechar essa porta? Ainda não acabei aqui.

Me aproximo tentando fazê-la soltar a garota.

— Solta ela.

— Não!

— Anda logo, solta. Você só se mete em confusão.

— Ah, cala a boca! Você não sabe nem o motivo e fica aí se metendo no que não é da sua conta, cachinhos dourados.

Respiro fundo e seguro no seu pulso.

— Não estou brincando, Laura, solta ela, agora! — Ela olha para mim por um tempo e faz um bico enorme, mas acaba soltando.

— Obrigada, Paollo.

— O que aconteceu aqui?

— Essa louca começou a nos bater sem nenhum motivo.

Nessa hora tenho que segurá-la para não atacar a Rebeca.

— Repete, sua vaca. Anda, estou esperando, vou quebrar pelo menos uns dois dentes da sua boca, para fazer companhia para esse nariz.

— Você me paga, garota, não sabe no que se meteu.

As duas saem me deixando sozinho com ela.

— Se acalme, porra! E me explique o porque de você estar espancando aquelas garotas.

— Por sua culpa não consegui terminar de bater nelas. Me solta, Paollo.

— Primeiro você vai me explicar o que aconteceu aqui. — A encosto na parede e ficamos assim por um tempo.

— Anda, estou esperando!

— Palhaço! Se você quer uma explicação te darei. Aquelas duas galinhas estavam falando mal da Isabella. Só ia dar uma liçãozinha nelas e

depois fazer com que elas pedissem desculpas para a Isa.

— Você está pior a cada dia, Laura. Que você é louca todos já sabemos, mas comece a pensar nas suas atitudes, uma daquelas garotas que você bateu é filha de um dos sub chefes.

— E eu com isso? Poderia ser filha da rainha da Inglaterra que eu não estaria nem aí. Ninguém fala mal da Isabella na minha frente.

— Você é impossível.

— E você se mete no que não é da sua conta. — Fico observando-a por um tempo. As suas bochechas estão vermelhas, o seu cabelo amarrado para cima com vários fios se soltando e o seu peito sobe e desce rapidamente.

Tê-la aqui tão próximo de mim, faz com que todos os meus demônios se manifestem na hora e ver a sua boca levemente aberta me deixa superexcitado.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— Você não faz nem ideia de como você me deixa louco. — Aproximo a minha boca da sua lentamente sem desviar os olhos dos dela, ela fica apenas me observando por um tempo. Os nossos lábios estão a centímetros de distância, ela olha bem dentro dos meus olhos e ficamos assim por um tempo. Solto a sua mão, para logo em seguida segurar na sua cintura firmemente. Os nossos corpos estão tão colados que consigo sentir os batimentos do seu coração que se aceleram ainda mais.

— Por que você faz isso?

— Não estou fazendo nada, Laura. — Me aproximo do lóbulo da sua orelha. — Nada do que eu realmente gostaria de fazer com você.

— Me solta!

— Você realmente quer que eu te solte? — falo próximo da sua boca. Ela não responde. Vejo isso como um não. Acabo com a nossa distância pressionando os meus lábios nos dela.

A sua mão segura o meu cabelo, fazendo com que nossos corpos se unam ainda mais. O que começou com um beijo calmo se transforma em uma guerra de sensações. Seguro em suas pernas levantando-as. Ela entrelaça as pernas na minha cintura. A pressiono ainda mais na parede, sentindo cada parte do seu corpo. As nossas bocas não se desgrudam em nenhum momento, o meu pau está dolorosamente duro só esperando para ser liberto. Aperto a sua bunda com força, fazendo com que ela solte um suspiro.

Começo a levantar o seu vestido lentamente, sentindo a sua pele macia e quente na minha mão. Pressiono seu seio esquerdo, mas de uma hora para outra ela segura a minha mão me impedindo de explorar o seu corpo. Laura olha bem dentro dos meus olhos e o que vejo é como se a chama do desejo fosse se apagando lentamente.

Ela sai de perto de mim, não sei o que fazer, isso nunca me aconteceu antes, se vira para o espelho e começa a arrumar o cabelo como se eu não

estivesse aqui. Me aproximo ficando do seu lado.

— O que aconteceu?

— Nada — ela responde sem ao menos me olhar.

— Como nada. Por que você parou?

Ela simplesmente não responde.

— Que merda, Laura. Responde, porra!

— O que você quer que eu responda, hein. Me fala!

— Quero que você admita que gostou, que você também está sentindo o mesmo que eu.

Ela abre a boca para responder, mas somos impedidos quando o pai da Rebeca entra com ela no banheiro.



Capítulo 15

Laura Genova

Eu preciso parar com isso, não consigo ficar próxima a ele sem que meu coração se acelere.

Por que tem que ser assim?

No fundo, gostaria que esse sentimento que está crescendo fosse diferente e sinceramente não faço ideia do que fazer.

Só de ver aquela galinha do lado daquele homem, a minha vontade é arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça.

— Senhor Salvatore.

— A que devo a honra, Senhor Castellano?

— A minha filha chegou a mim desse jeito — fala colocando a tal Rebeca na frente. — Ela me falou que foi essa garota do seu lado que fez isso com ela. Quero a cabeça dessa *maledeta* nas minhas mãos. Agora!

— Você quer?

Paollo se coloca na minha frente. O que ele está fazendo? Estou doida ou ele está me defendendo?

— Sim, quero, ou vou comunicar o que aconteceu aqui para o chefe, imediatamente!

O homem está com uma expressão de puro ódio e a vadia começa a sorrir, olhando diretamente para mim. Tento passar pelo Paollo, mas a sua mão me impede de prosseguir.

— Você fica quieta, Laura!

— Consigo resolver sozinha.

— Tem como você fechar essa sua boca, pelo menos uma vez quando eu te peço?

O encaro por uns minutos, ele não está brincando o seu rosto está completamente sério, apenas balanço a cabeça concordando com ele.

— Ela te falou o porquê?

— E precisa? Essa garota quebrou o nariz da minha filha, para mim a única saída é você resolver. Ou pode deixar que eu mesmo resolvo.

— Primeiro, você não manda em nada aqui, muito mesmo tem o

direito de me falar o que devo fazer. Segundo, pergunte a sua filha o motivo. — Ela fica calada e baixa a cabeça. — Como vejo que ela não vai te falar eu mesmo conto.

— Se não sabe, senhor Castellano, o nome dessa garota como você mesmo falou se chama Laura, ela é a madrinha de casamento da Isabella, mulher do Nicolai. Se eu fosse você apenas a agradeceria, porque se fosse outra pessoa apenas falaria para o Nicolai o que a sua filha estava falando no banheiro com sua amiga. Conhecendo o Nicolai como eu e você conhecemos, sua filha não sairia viva se ele soubesse que ela está difamando a sua esposa no dia do seu casamento.

Tá bom até eu mesma fiquei em choque com suas palavras.

— Isso é o que ela fala.

— Não, isso é o que irei afirmar para ele.

Fico um tempo olhando para ele e pela primeira vez fico completamente encantada com suas palavras.

— Você está ficando do lado dela?

— Com certeza. E tem mais um recado para você e principalmente para a sua filha. Ela é minha protegida, se vocês cogitaram por um momento apenas, em fazer qualquer coisa contra ela, primeiro matarei a sua família na sua frente, só depois disso você morrerá.

— Isso é uma ameaça?

— Por enquanto é apenas um aviso.

Ele segura a mão da filha arrastando-a porta afora. Me viro para ele.

— Por que você fez isso por mim?

Ele segura o meu rosto fazendo com que olhasse diretamente nos seus olhos .

— Por mais que você me ache um idiota, Laura, quero que se lembre dessas palavras. Não sei ao certo o que sinto por você, mais saiba que nunca deixarei que ninguém, absolutamente ninguém, encoste um dedo sequer em você, isso é uma promessa.

Não consigo me mover e muito menos responde a ele.

Gostaria tanto que isso que ele falou seja verdade, mas, ao mesmo tempo me pergunto, por quanto tempo? Sei que ele só está agindo assim para me conquistar, mas juro às vezes que a minha única vontade é me entregar de corpo e alma para esse sentimento que está crescendo mais e mais. Só que não consigo confiar em suas palavras. Sei que meu coração será o único em pedaços no final e também sei, infelizmente, que o que ele sente é apenas atração, nada mais que isso.

— Não faça uma promessa que você não poderá cumprir.

— Quando você vai perceber que não prometo nada em vão? Não deixarei ninguém te machucar.

— Mesmo se essa pessoa seja você?

— Por que você acha que irei te machucar?

— O pior, Paollo, é que tenho certeza. Você irá me machucar, uma hora ou outra.

Ele se aproxima ficando cara a cara comigo, mesmo tentando não desabar na sua frente, o meu coração se manifesta mais uma vez, só de sentir o seu cheiro, sua presença ou principalmente o seu toque.

— Você não pode adivinhar o futuro. Por que não deixa acontecer? Para de complicar as coisas, apenas viva o momento.

Poderia ser fácil assim. Na verdade, provavelmente sempre foi para ele, mas não posso me dar ao luxo de simplesmente deixar que aconteça. Não quero me arrepender de fazer uma coisa que tenho certeza que vai me destruir no final.

— Nem todas as pessoas podem viver o momento como você. As coisas não são tão fáceis para todos.

— Só por que tenho essa vida? Você acha que é fácil viver em uma organização como a máfia italiana? Sinto te informar, mas você não pode sair, se você nasce na máfia você morre nela, não tem meio-termo. Todos

temos problemas, Laura.

Ah, Paollo! Se você soubesse o que eu já passei, talvez, só talvez, você entenderia o porque sou assim.

— Por que eu sinto que você já viveu coisas horríveis?

Baixo a cabeça, imagens do meu pai ficam se repetindo várias e várias vezes.

— Todos temos um passado, mas para algumas pessoas ele não pode se esquecido.

— Você não sabe o que pode ou não acontecer entre nós. Por que não dá uma chance para descobrir?

Ele fala ainda mais próximo a mim, no fundo, mesmo não querendo admitir, sei que estou me apaixonando por ele, mas o medo que tenho é maior. Lá no fundo, morro de medo dele ser igual ao meu pai.

— Vou ser sincera com você, Paollo. Nesse tempo que te conheço, o único momento que você não demonstrou ser um arrogante egocêntrico mimado do caralho foi agora, não irei ser hipócrita de falar que você não mexe comigo porque sim, você mexe, mas não vou me envolver contigo. Você não aceita um não e para piorar acha que pode mandar na minha vida. Não aceito que ninguém me diga o que devo ou não fazer e infelizmente sei que você vai fazer isso. Uma hora, ou outra.

— Não estou te pedindo em casamento, Laura. Na verdade, não sei nem o que sinto por você. Só sei que, ao mesmo tempo em que quero te matar, sinto uma grande necessidade de te abraçar e não te soltar nunca. Mas coloque em sua cabeça. A promessa que te fiz é a mais pura verdade. Ninguém vai te machucar, isso eu garanto. O problema é que você está procurando um príncipe encantado e uma coisa posso te garantir, sou tudo, menos isso.

Não tenho mais palavras para descrever, posso estar errada, mas mesmo assim continuo a pensar a mesma coisa. Não nasci para obedecer homem nenhum, a experiência que tive com meu pai só prova isso.

Termino de me ajeitar no banheiro e saio a procura da Isa. A vejo na mesa. Me aproximo e sento ao seu lado.

— Onde você estava?

— No banheiro.

— Hum... você demorou.

— Acho que o bolo me deu uma dor de barriga.

— Também né, cinco pedaços.

— E você.

— O que tem?

— Você saiu e demorou bastante.

As suas bochechas ficam vermelhas na hora.

— Sério, Isa. — Começo a sorrir. — Adiantado a lua de mel?

— Para, Laura — fala me dando um tapinha nas costas.

— Você é uma safada — falo sussurrando no seu ouvido.

— Palhaça.

— Totalmente sua.

— Eu sei. — Ela segura na minha mão e aperta, às vezes fico pensando se mereço uma amiga como ela. Esse amor que sinto pela Isabella incrivelmente cresce a cada dia que passa.



Não vejo mais Paollo depois do que aconteceu conosco naquele banheiro. Danço mais uma música com o Gabriel. Ele tem se mostrado uma companhia bem agradável, tenho que admitir. Esse casamento foi especial em todos os sentidos, a felicidade da Isabella me deixa muito feliz. Logo depois, ela e o Nicolai vão embora. Eles vão ficar uma semana fora para a sua lua de mel. Vou morrer de saudades dela, mas também estou muito feliz.

A festa acabou e todos já estão indo embora e também saio, a procura de um táxi. Os meus pés estão me matando. Um carro para ao meu lado e já me preparo para dar um soco em quem quer que seja, porque com a sorte que tenho, pode ser um assalto. O vidro desce revelando o motorista.

— Gabriel?

— Laura, aceita uma carona?

— Vou pegar um táxi.

— Não precisa, eu te levo, entre.

Fico um pouco na dúvida, mas decido entrar.

— Qual é o seu endereço?

Falo o endereço para ele. A nossa viagem é regradada a conversas sobre livros e filmes, o que eu achei perfeito. Adoro falar sobre essas coisas e quando acho alguém que também goste, me sinto muito bem.

O carro para e me viro para ele.

— Obrigada pela carona, Gabriel.

— Foi um prazer.

— É melhor eu ir agora. — Seguro na porta, pronta para ir embora.

— Laura. — Me viro para ele.

— Oi.

— Gostaria de te convidar para jantar comigo, você aceita?

Afinal, por que não? Acho que estou precisando mesmo sair um pouco.

— Claro, me mande uma mensagem depois.

Ele sorri para mim e acabo retribuindo. Ele se aproxima mais e fico sem saber o que fazer. E sem esperar, ele me dá um beijo na bochecha.

— Boa noite.

— Para você também, Gabriel.

Saio do carro e vou para o meu apartamento. Pego a chave, abro a porta, entro e quando vou fechá-la sinto um impacto. Acabo dando um passo para trás. Paollo entra de uma vez e a fecha com força.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu juro que não te entendo, Laura. Você vem com aquele discurso todo, mas depois entra em um carro com ele e ficam lá se agarrando.

Sério? Tento controlar a raiva que sinto desse infeliz, mas a cada oportunidade que o vejo o meu único desejo é matá-lo.



Capítulo 16

Laura Genova

Tento sair de perto dele, mas sou impedida. Ele segura no meu braço me trazendo ao seu encontro. Coloco minha mão no seu peito tentando colocar um pouco de distância entre nós. Não adianta muito, com a sua outra mão ele segura na minha cintura me impedindo de continuar.

— Como você consegue ser assim, hein? Já te falei, não preciso te dar satisfação da minha vida.

— Acho que você que não entendeu, Laura. Eu já te avisei, você é minha, não vou deixar a minha mulher ficar no carro com outro homem. — Só pode ser brincadeira mesmo.

— Pode me contar, Paollo, não vou falar para ninguém. Quando você era criança os seus pais te deixaram cair quantas vezes para você ser assim, hein? Você tem algum problema psicológico?

— O meu único problema nesses últimos dias é você. Uma garota teimosa que acho que quando acorda, fica na cama pelo menos uma hora, imaginando em como me tirar do sério. Estou te avisando, Laura, fique longe do Gabriel, ele não é quem você está pensando.

— Mas é muito prepotente mesmo, deixa que decido isso, não você.

— Você se faz de durona, mas no final é apenas uma criança insegura procurando uma salvação neste mundo de merda que vivemos, mas sinto te informar, ele não é essa pessoa que você está fantasiando nessa sua cabecinha.

— E você é?

— Em momento nenhum desse tempo que te conheço te falei que era um príncipe ou um herói. Estou mais para um vilão das suas histórias, mas sempre te falei o que queria. Sempre deixei claro o que quero com você. Nunca te iludi mentido só para te levar para a cama, ao contrário de você que mesmo querendo o mesmo que eu, fica aí se fazendo de louca. Pode me chamar de tudo, mas nunca de falso, ao contrário dele, não preciso esconder quem eu realmente sou. Se você decidir ficar comigo no final, pode ter certeza que farei de tudo para provar que mesmo não gostando das mesmas coisas que você, sempre vou te ouvir e te ajudar.

A minha garganta se fecha e parece que desaprendi a respirar. O meu coração está batendo em um ritmo tão acelerado que estou até com medo de que ele possa parar a qualquer momento. Ele firma ainda mais a sua mão na minha cintura. Sinto como se ele tivesse com medo de me soltar, por que ele não entende? Duvido que tudo que ele disse seja verdade, mas por que os seus olhos me dizem ao contrário?

— Me solta, Paollo, por favor.

Por um momento apenas sinto que ele afrouxa o seu aperto, mas não dura muito tempo, o seu olhar tem um fogo capaz de consumir a minha alma em poucos minutos.

— Você vai ficar longe dele?

— Não.

Ele dá um sorriso diabólico para mim.

— Não queria fazer isso, mas não vejo outra escolha, vou matá-lo.

— Você vai o quê? — Meu coração acelera.

— Matarei ele e pronto, fim dessa discussão e desse problema. — Ele me solta e dá um passo em direção a porta.

Fico um minuto sem reação. Como uma pessoa decide simplesmente matar outra?

— Você é um DESGRAÇADO INFELIZ, PAOLLO! — Ele se vira e me encara com uma merda de sorriso irônico no rosto.

— Nunca te falei que era diferente.

— Como pode simplesmente falar que vai matar alguém assim?

— Já te avisei, você está me confundindo com o herói dessa história, entenda uma coisa, não vou deixar que você se envolva com ele. Pode ficar tranquila que no final irá me agradecer.

Fecho a minha mão em punho e me aproximo.

— Você acha que assim ficarei com você?

Ele me olha por um tempo.

— O que eu tenho certeza, Laura é que o que estou fazendo é te proteger de você mesma.

Acerto um tapa com toda a força que eu tenho no seu rosto, a minha respiração se acelera e a adrenalina corre solta nas minhas veias. Sinto que a qualquer momento vou matá-lo aqui mesmo.

— Sai daqui, agora!

Ele se vira para mim e dá alguns passos ficando cara a cara comigo.

— Pode ficar tranquila, vou descontar esse tapa quando eu estiver te fodendo de quatro. E já está avisada. Se eu descobrir que você está saindo com ele para qualquer coisa a não ser sobre o seu livro, eu vou matá-lo.

Ele sai batendo a porta com força, a tranco e me joga na cama, tentando entender o que aconteceu aqui. Como um ser humano pode ser assim? Mas ele se engana se acha que vou fazer o que ele quer.

— É, Paollo você já deveria ter percebido que não sou boa em receber ordens.

Se ele pensa que vai me intimidar está muito enganado. Aquele palhaço! Juro, às vezes penso que ele nasceu com o único propósito de atazanar a minha vida, não tem outra explicação.

Quando penso que finalmente vou conseguir ter paz ou simplesmente ter uma conversa com ele sem discutirmos a cada momento, fico imaginando formas de matá-lo, como agora.

Mando uma mensagem logo cedo para a Isabella, perguntando se ela chegou bem, recebo a sua confirmação. Mesmo sabendo que vou manter contato com ela nesses dias da sua lua de mel, ainda assim fico com saudades.

Fico mais um pouco na cama sem nenhuma vontade de me levantar, fico ouvindo as suas palavras se repetirem várias e várias vezes. *Saiba que eu não vou deixar ninguém, absolutamente ninguém encostar um dedo em você, isso é uma promessa.*

Aprendi da maneira mais dura, que nunca se deve acreditar em promessas. No final a única pessoa em quem confio a vida é a Isabella e mesmo assim não me sinto bem o suficiente para contar sobre o meu passado, mas tenho certeza que ela sabe que escondi algo. Ela respeita isso. Acho que por isso que a admiro a cada dia que passa.

Me levanto, tomo um banho bem demorado, termino e visto uma calça jeans, uma blusa de moletom com o tema de Game of Thrones — presente da Isabella— e um tênis All Star preto. Faço uma trança lateral e pronto, decido sair um pouco, quem sabe pegar um cineminha. Seria ótimo! Saio de casa, passo em uma cafeteria, compro um café e saio feliz da vida.

O dia está nublado e um vento frio deixa o clima ainda melhor. Hoje seria um ótimo dia para ficar com a Isa comendo pipoca e assistindo a uma série, igual fazíamos antes. Balanço a cabeça tentando não pensar nisso, pego um táxi e em menos de trinta minutos chego ao *shopping*.

Um filme de terror está em cartaz e decido assistir ele mesmo. Compro o ingresso, um balde enorme de pipoca e um refrigerante. Me sento na última fileira, a sessão está vazia.

— Ótimo, finalmente vou ter um pouco de paz.

A felicidade é tanta que aproveito que a sala está totalmente escura, coloco as minhas pernas em cima do banco a frente. Dou um longo suspiro de felicidade.

— Finalmente, paz.

Mas sabe quando as coisas estão dando muito certo e você desconfia? Pois esse sentimento não está me deixando desfrutar desse momento só meu? Mas decido ignorar. Encho minha mão de pipoca e coloca na boca.

— Aproveitando o filme, Laura?

A merda da pipoca desce rasgando. Tento me sentar direito. Começo a tentar dar tapas nas minhas costas, mas não consigo alcançar.

— Me fala como você consegue ser tão desastrada, hein?

Não consigo nem responder, meu único pensamento é como esse filhote de Satanás me encontrou aqui.

Ele dá uns tapas nas minhas costas, depois disso consigo respirar normalmente. Bebo um gole de refrigerante, limpo as lágrimas dos meus olhos. *Que inferno!* Quase morri engasgada.

— Posso saber de que buraco você saiu, projeto de Satanás?

— Se eu sou o Satanás, você está mais para o próprio inferno — fala se sentando do meu lado. Fico só observando como uma pessoa consegue ser tão sem noção. Puxo o seu cabelo só de ódio, mas a minha vontade é pegar uma faca e arrancar a pele desse infeliz com ele ainda vivo.

— Posso saber o que você está fazendo aqui?

— Vim assistir ao filme com você.

— Sério? Penso que você não vai conseguir me surpreender, mas vejo que estava completamente enganada, quem te convidou hein...? Projeto do mal.

— Não sabia que tinha que receber convite para um cinema.

— O cinema não, mas para ficar do meu lado, com certeza.

— Deixa de ser insuportável, o mundo não gira ao seu redor.

— Ah, não? Então o que você está fazendo aqui comigo?

Ele me ignora.

— Estamos no cinema, não faça barulho.

— Já estou imaginando o noticiário da sua morte.

— Pode ficar tranquila, não vou morrer sem fazer você gozar pelo menos umas dez vezes.

— Sério, como você consegue ser tão tarado, deveria procurar ajuda isso não é normal.

Ele fica uns segundos me observando, tento focar no filme, mas com ele ao meu lado é impossível.

— Por que toda vez que falo sobre sexo você fica assim?

— Você acha que é normal uma pessoa fica falando sobre sexo igual a você?

— Sim, afinal me fale uma coisa que seja melhor que isso?

Fico calada, como posso afirmar isso se eu nunca fiz? Mas esse detalhe não interessa para ele.

— Só cala a boca que quero assistir ao filme.

Ele não fala mais nada ,o que dou graças a Deus. Não estou conseguindo prestar atenção na merda do filme. Aperto a minha mão com força. O meu coração se acelera e sinto uma necessidade fora do comum de tocá-lo. Respiro profundamente tentando esquecer isso.

— Como você está?

— Por que a pergunta — falo sem olhar para ele.

— Porque Isabella vai ficar uma semana longe, imagino que deva estar com saudades.

— Um pouco, mas tenho que me acostumar, ela está casada agora, não podemos ficar tão juntas.

— Você gosta tanto dela assim?

Me viro para poder olhar diretamente para os seus olhos.

— Daria a minha vida pela dela, sem pensar duas vezes; isso responde a sua pergunta?

— Pode ficar tranquila, o Nicolai nunca deixaria que nada acontecesse com ela, do mesmo jeito que não vou deixar que nada aconteça com você.

— Se você está falando.

— Sim, estou afirmando isso, afinal nunca deixarei que toquem no que é meu.

— Estava demorando — falo indignada. — Não sou sua.

— Sim, você é.

Me levanto para sair de perto dele. Dou um passo, mas sou impedida. Ele segura na minha cintura me puxando para o seu colo. Pega na minha nuca, aproximando ao máximo a sua boca da minha.

— Entenda de uma vez, Laura. Você é minha.

Ele me beija. Tento me soltar no começo, mas depois não faço mais isso, seguro firmemente o seu pescoço, aproximando ao máximo a sua boca da minha. Subo a minha mão enfiando levemente os dedos em seu cabelo, sentindo a maciez e suavidade dos fios. O chamo de cachinhos dourados, mas acho o seu cabelo lindo. Ele para o beijo e olha diretamente dentro dos meus olhos.

— Você está me deixando completamente louco por você.

Não respondo apenas quero sentir os seus lábios nos meus e assim
faço.



Capítulo 17

Paollo Salvatore

Assim que sai do meu apartamento, dei uma ordem para o meu soldado. O mandei ficar de olho na Laura vinte e quatro horas por dia. Quero saber absolutamente tudo que ela for fazer e principalmente com quem ela se encontrar.

Me sento no sofá e fico um tempo só pensando no que fazer com o Gabriel. Sei que ele não vai me obedecer, a Laura então do jeito que ela é, bem capaz de se encontrar com ele só para ir contra o que eu falo. Só de lembrar do seu nome, o meu pau fica duro na hora. O meu único pensamento é em tê-la na minha cama e ele não está me deixando em paz.

Merda, por que ela é tão difícil? Esse joguinho entre nós dois me deixa mais doido e com um tesão que se acumula a cada dia que passa. Me levanto e tomo um banho demorado. Pego uma dose de uísque e viro de uma só vez. O seu gosto amargo se instala na minha boca. Me deito do jeito que eu gosto, completamente nu, pego no sono imaginando ela aqui comigo.

Logo cedo recebo uma mensagem do meu soldado, me falando do relatório de tudo que aconteceu com Laura. Já são dez horas e ainda não decidi se mato ou não o Castellano. A sua petulância me deixou com um ódio

tão grande que o único motivo de não tê-lo matado naquele banheiro foi a Laura. Mais tarde recebo outra mensagem me avisando que ela estava indo ao cinema.

— Interessante, acho que vou assistir a um filme. — Acabo sorrindo só de imaginar a sua cara quando me ver.

Impressionante, é só estar no mesmo ambiente que ela para que comecemos a discutir, mas algo dentro de mim, diz que não é esse o verdadeiro motivo. Tê-la em meus braços está se tornando uma necessidade fora do comum. As suas mãos acariciam o meu cabelo, me levando ao limite paro o beijo e olho diretamente para ela.

— Você está me deixando completamente louco por você. Gostaria de estar mentido, mas é a mais pura verdade. — Ela não responde apenas me beija mais uma vez.

Seguro na sua cintura me aproximando ao máximo do seu corpo e ela se move no meu colo, fazendo com que o meu pau fique ainda mais duro. Inclino o seu rosto para poder beijar o seu pescoço. Explorar o seu corpo com os meus lábios, é tudo que eu mais anseio em fazer. A sua boca se abre soltando pequenos suspiros.

Paro o que estou fazendo e fico observação o seu rosto. O peito se move rapidamente revelando o que eu já sabia, ela está se segurando ao máximo, mas sei que quer o mesmo que eu.

— Eu não vou fazer nada que você não queira, Laura, mas irei te

provocar até você querer.

Ela fica me olhando por um tempo, fecha os olhos e me encara mais uma vez. Era como se estivesse travando uma batalha contra ela mesma.

— O que eu sou para você afinal, Paollo?

Fico um pouco surpreso pela sua pergunta.

— Por quê? Você quer um status para o que está acontecendo entre nós.

— Não, só quero saber o que você realmente quer de mim?

— Eu quero tudo de você, Laura, desde o seu corpo até o seu coração.

Depois que essas palavras foram ditas pensei que fossem da boca para fora, mas percebi que é a mais pura verdade. Pelo tempo que a conheço já deu para perceber que não terei nada dela se eu realmente não falar o que quero e nesse momento, o que eu mais quero é essa mulher que está na minha frente, me olhando de um jeito que está acabando com o pouco de juízo que eu tenho.

— O meu corpo, eu sei que você quer, mas o meu coração você vai ter que conquistar.

— Isso é um sim? — falo levantando uma sobrancelha.

— Não, isso é apenas uma chance que você vai ter de me mostrar que não é isso que demonstra para todos.

— O que eu demonstro para todos?

— Que você é um metido, arrogante, machista e troglodita.

— Tem certeza de que falou tudo? — falo sorrindo para ela.

— Pode ficar tranquilo, tem mais, depois eu te falo.

— Então vai ter um depois?

— Se não nos matarmos primeiro.

Me aproximo do lóbulo da sua orelha.

— Já te falei o jeito que quero que você me mate.

— E eu já te falei que você é um tarado.

Dou uma pequena mordida ali.

— É, você já falou. — Dou mais um beijo no seu pescoço. — Você aceita almoçar comigo?

— Agora?

— Sim. — Ela fica um tempo em silêncio.

— Por que não vamos mais devagar

— Isso é o mais devagar que consigo. Vou ser sincero, quando estou próximo a você, sinto uma grande necessidade de te tocar em cada parte do seu corpo. Fazer sexo com você a noite inteira até que você não consiga mover nem um músculo sequer. Te possuir de todas as formas possíveis que seu corpo aguente, então sim isso é o mais devagar que consigo, mas pode ficar tranquila, eu sei que você não quer fazer sexo comigo, pelo menos agora. Vou respeitar sua escolha, mas sinto te informar, acho que você não vai conseguir se segurar como você acha. Mas você não me respondeu.

— Ok, Paollo, eu aceito almoçar com você.

Um sorriso já se forma no meu rosto, dou mais um beijo nos seus lábios sentindo o sabor único dos seus beijos.

Sáímos do cinema e almoçamos ali no shopping mesmo. Queria levá-la para um restaurante melhor, mas ela queria ali e quando ela coloca alguma coisa naquela cabecinha, nem mesmo eu consigo fazer com que ela mude de ideia.

Tenho que admitir, a minha manhã terminou de um jeito que não esperava, mas estou gostando de ficar com ela. Estamos no carro já há uns cinco minutos e ela não falou nada ainda. O que eu tenho que admitir que é super estranho, principalmente vindo dela.

— O que você tem?

— Nada, por que a pergunta?

— Você está calada, e você nunca fica calada.

— Para falar a verdade já estou tão acostumada de brigarmos quando estou com você que agora não sei o que fazer — fala e dá um pequeno sorriso para mim. Nunca fui de ficar reparando nesses detalhes em uma mulher, mas a cada minuto que passo com ela, fico ainda mais encantado com seu jeito e com esses pequenos detalhes que aos poucos demonstra para mim.

Me aproximo ficando mais próximo, ela apenas me olha. Passo o braço nos seus ombros e me aproximo ainda mais.

— Pode ficar tranquila, aos poucos vamos conseguir.

— Para onde estamos indo? — fala observando a janela.

— Vou te levar até a minha casa.

Ela na hora levantar o olhar para mim.

— O que iremos fazer na sua casa, Paollo ?

— Pode ficar calma. Só vamos passar lá para pegar uma coisa que comprei para você.

Ela me olha desconfiada.

— Muda essa cara, Laura. É apenas um presente, tenho certeza que você vai gostar.

— Não tenho essa certeza, porque nesse exato momento estou pensando seriamente em te jogar desse carro.

— Se você não tivesse pensamentos em me matar a cada duas horas, não seria você.

Ela não responde, apenas sorri para mim.



Capítulo 18

Laura Genova

Espero que tudo dê certo, por mais que eu fique negando, sei que estou apaixonada por ele. É a primeira vez na minha vida que me dou uma chance de ser feliz. O meu coração já foi destruído tantas vezes pelo meu pai, que tive que catar cada pedacinho e não quero fazer isso novamente. Na verdade, não sei se tenho mais forças para fazer isso novamente, mas também sei que não posso viver assim com medo de tudo ao meu redor. Acho que por isso estou me dando essa chance e esperando que não dê nada errado no final.

— Não precisava comprar nada para mim.

— Você nem sabe o que é ainda, te garanto que precisava sim.

Me viro para ele.

— Não gosto muito de receber presentes.

— Tenho certeza que desse você vai gostar.

— Ok então, Paollo, não vou discutir com você agora.

Ficamos no seu carro por mais uns vinte minutos e percebo que estamos em uma região da Sicília que nunca estive. O carro passa por diversas casas e estaria mentindo se falasse simples casas, porque estão mais para mansões mesmo.

Paramos em frente a um portão enorme. Logo ele se abre revelando um jardim. Passamos por uma fonte — sério, uma fonte — nunca estive em uma casa que tivesse uma. Só tinha visto em filmes e novelas. Tento não demonstrar o meu espanto, mas está cada vez mais difícil. Afinal a casa dele é linda, estou me sentindo uma completa estranha agora.

Ele sai do carro, logo em seguida abre a porta para mim, ele já tinha feito isso antes, mas não deixa de me surpreender.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Somente eu e os empregados.

Já estamos chegando na porta e me viro para ele.

— Para que uma casa desse tamanho, se só você vive nela?

— Essa casa era dos meus pais, quando o meu pai morreu, minha mãe se mudou para viver a sua vida longe de tudo o que a fazia lembrar dele, inclusive a casa.

— Por que você continuou aqui?

— Não tenho motivos para sair, eu cresci aqui e será aqui que meus filhos viverão.

Decido não falar mais nada, entramos em uma sala toda branca com uma escada enorme no meio. Fico um minuto olhando para o lustre no teto. Não tenho certeza, mas acho que seja de cristal. a decoração é de uma delicadeza que tenho certeza que não tem um dedo sequer do Paollo nisso. Porque ele é tudo, menos delicado, principalmente para uma decoração desse tipo.

Saio de perto dele e vou observar melhor um quadro enorme que está na parede. O quadro tem flores de todas as cores, sinto a presença do Paollo imediatamente próximo a mim.

— Você gostou? — Sinto um arrepio na minha nuca. Tento focar mais uma vez no quadro.

— É bonito. Quem decorou a casa?

— A minha mãe, ela é decoradora.

— Percebi, tem um toque feminino em toda parte.

— Toda vez que ela se cansa, vem aqui para mudar a decoração.

— Aqui é muito bonito.

— Não tanto quanto você. — Ele deposita um beijo no meu pescoço. Mais um arrepio. Por mais que eu tente me controlar é impossível que isso aconteça, estando tão próximo a ele.

— Não viemos aqui apenas para pegar o que você comprou para mim?

— Sim, mas primeiro vou te beijar até gravar o seu gosto na minha mente.

A sua mão segura a minha cintura me virando para ficar frente a frente com ele. O meu coração nesse momento já está disparado só de estar tão próximo.

— Você não faz nem ideia de tudo que tenho em mente para fazer com você.

Não respondo, a única coisa que quero é que ele me beije.

Ele aproxima a mão do meu rosto, passando delicadamente.

— Você é linda, não me canso de olhar para você, nenhuma pintura desse mundo chegar aos seus pés.

Não demora para sentir os seus lábios nos meus. A maciez da sua boca na minha me leva ao limite de tudo. Ficamos assim por um tempo apenas sentindo um ao outro.

— É melhor pararmos — falo próximo aos seus lábios.

— Estou tão viciado em você, Laura, que a única coisa que não quero fazer agora é parar.

Nos beijamos mais uma vez. Sinto a sua mão no meu quadril, apertando-o. Ele levanta um pouco a blusa que estou usando, sinto a sua mão quente na minha pele, mas o impeço de continuar. Ele apenas para de me beijar e fica me olhando.

— O que foi? Não iria mais longe que isso, só queria sentir a sua pele, sem nenhuma pano para atrapalhar.

No fundo, gostaria de sentir a sua mão na minha pele, mas não consigo. Sei que se ele fizer isso, principalmente nas minhas costas, vai sentir as cicatrizes e não estou pronta para que ele saiba sobre isso ainda.

— Eu sei, mas estamos aqui tem algum tempo e você não me deu o presente. — É uma mentira, mas é melhor assim.

Ele me observa por um tempo, não sei se engoliu ou não, mas espero que sim.

— Vamos — segura minha mão e me leva para as escadas.

— Para onde?

— Pegar o seu presente.

— Onde?

— No meu quarto. — Paro na hora.

— Não preciso ir, fico aqui na sala e você vai lá e pega.

— Deixa de ser boba, Laura, não vai acontecer nada e tem outra, antes que eu fizesse qualquer coisa com você, tenho certeza que você me mataria antes mesmo de tentar.

— Ainda bem que você sabe.

Continuamos a subir as escadas. No segundo andar tem o mesmo estilo de decoração. Paramos em uma porta de uma madeira bem escura, ele a abre para mim e é como se eu tivesse saído do filme de Alice no País das Maravilhas para ir no do Drácula. O quarto tem uma cama enorme com lençóis pretos, as paredes são todas na cor marrom, uma televisão enorme na frente da cama e nada, absolutamente nada, fora do lugar.

— Aqui é totalmente diferente do resto da casa.

— Não sou tão fã de cores claras e minha mãe sabe disso. Acho que esse é o verdadeiro motivo dela ter feito essa decoração na casa, só para me irritar.

— Pelo menos o seu quarto é diferente.

— É, pelo menos isso. Se senta, vou pegar o presente.

— Ok. — Ele entra em uma porta ao lado e tenho quase certeza que é o closet. Me sento na beirada da sua cama esperando-o. Não demora e ele volta. Chega perto de mim, me entrega uma caixa e fica me observando retirar o laço de cima. Abro a caixa e as minhas mãos começam a tremer na hora.

— Isso é o que estou pensando? — Fico encarando e ele sorri para mim.

— Espero que sim. Você gostou?

— Como você sabia que sou apaixonada pela Jane Austen? — falo ainda segurando um dos primeiros livros lançados. Não sei nem o que fazer, os meus dedos passam por toda a capa do livro Orgulho e Preconceito.

— Primeiro, me fala se você gostou.

— Eu amei, sério, amei mesmo.

— Que bom, Laura. E respondendo a sua pergunta, foi a Isabella que me falou da sua paixão pelos livros dessa autora.

Me levanto e fico na sua frente.

— Obrigada pelo presente, eu realmente adorei.

— Valeu a pena, só de ver esse sorriso lindo no seu rosto. — Ele se aproxima depositando um beijo no meu rosto, me aproximo ainda mais e o abraço forte. Ele corresponde ficando assim comigo por um tempo. Fecho os meus olhos e fico só sentindo o seu cheiro, o meu coração se enche de felicidade de estar com ele aqui.



Capítulo 19

Laura Genova

Ficamos assim sem falar absolutamente nada. Sentir o calor do seu corpo tão próximo ao meu está se tornando mais viciante a cada minuto.

— Fica aqui comigo hoje?

Me afasto dele e o encaro por um tempo.

— Já ficamos a manhã toda juntos.

— Eu sei, mas vou ser sincero. Você está se tornando uma droga, um vício a cada dia que passa, uma necessidade fora do comum.

Não sei se ouvir isso de alguém é bom ou ruim. Nunca tinha ouvido antes. Não sei o que responder, só sei que o meu coração sempre se acelera quando estou na sua presença.

— Você sabe que não vai acontecer nada entre nós, não é?

— Laura, pela primeira vez, não quero sexo com você, apenas quero ficar na sua presença, pode escolher o que quer fazer.

Me pergunto se isso é real, se está mesmo acontecendo ou se é fruto da minha imaginação. Como pode uma pessoa mudar tanto assim? Ou afinal, sempre foi assim, mas não demonstra?

— Está falando sério?

Ele me beija mais uma vez.

— Muito sério.

Então por que não consigo simplesmente acreditar em suas palavras? Por que tem uma voz dentro de mim, sussurrando para não acreditar? Mas eu quero acreditar, não sei se consigo mais viver com medo de tudo ao meu redor.

— Você aceitaria qualquer coisa? — falo levantando uma sobrancelha

— Qualquer coisa.

— Até mesmo ficar assistindo televisão?

Ele me olha por um tempo e dá um sorriso.

— Vou confessar que é a primeira vez que fico com uma mulher no meu quarto e ela me diz isso, mas respondendo a sua pergunta, sim gostaria.

Juro que pensei que ele se negaria, mas estou gostando dessa nova

versão do Paollo. Me sento em sua cama, ele se aproxima ficando do meu lado.

— Vem cá.

Me aproximo e ele passa um braço no meu ombro, me trazendo para mais perto.

— Você está com fome?

— Não.

— Se quiser qualquer coisa me fale que mandarei alguém trazer aqui.

Ficamos na sua casa a tarde toda e em nenhum momento ele tenta se aproveitar da situação, mas ficar assim tão próximo a ele está fazendo com que eu levante várias questões e a principal é... Será que ele continuará agindo assim?



Mais tarde ele me leva para casa e fico conversando com a Isa por vários minutos. A boba até me mandou várias fotos, o que eu achei muito legal da parte dela.

No outro dia, fico em casa e dou uma faxina no apartamento. Paollo me mandou uma mensagem pedindo desculpa, mas não daria para almoçar comigo hoje porque surgiu um problema, mando uma mensagem avisando

que está tudo bem.

O meu telefone toca e atendo.

— Laura?

— Gabriel!

— Tudo bem?

— Sim e com você.

— Melhor agora que ouvi a sua voz. — Acabo ficando totalmente sem graça. — Hoje terá a inauguração de uma boate de um amigo, gostaria de saber se você quer ir comigo. Poderíamos aproveitar e falar do lançamento do seu livro, o que você acha?

— Em uma boate? Não poderia ser em outro lugar?

— Infelizmente não, a minha agenda está lotada por dez dias, só terei essa noite de folga e tenho que ir nessa inauguração.

O que eu faço? Estou gostando do que está acontecendo entre mim e o Paollo, mas, por outro lado o meu livro é o sonho da minha vida se realizando. Ele tem que entender, tenho uma vida antes dele.

— Que horas?

— Começa às nove.

Olho as horas e agora é oito da noite.

— Ok, pode me buscar daqui a uma hora.

— Que bom, daqui a pouco nos vemos.

Nos despedimos e decido tomar um banho. Sei que o Paollo não gostará de saber disso, mas ele sabe que não aceito ordens de ninguém. O Gabriel não tem nada a ver com isso, ele pode até tentar, mas sei que o único que está em meu pensamento é o Paollo.

Me visto com uma calça preta, camiseta folgada branca e uma jaqueta também na cor preta. Ia escolher um tênis, mas decido por uma bota cano baixo com o salto baixo. Amarro todo o meu cabelo para cima e o prendo em um rabo de cavalo. Me observo no espelho.

— Nada mau. — O meu cabelo mesmo amarrado dessa forma ainda fica na metade das costas, já passou da hora de ir ao salão.

Faço a mesma maquiagem de sempre e pronto. Não gosto muito de bolsas, a sorte é que a jaqueta já tem bastante bolso.

Nove e dez recebo uma mensagem do Gabriel avisando que já chegou, saio do apartamento e o tranco. Ele está do lado de fora do carro mexendo em seu celular, para e fica me observando.

— Me fala, como consegue ficar ainda mais linda?

— Obrigada, Gabriel.

Ele abre a porta para mim, me sento e coloco o cinto. Ficamos no carro conversando um pouco, o Gabriel é muito educado. Será que o Paollo falou a verdade? Em momento nenhum ele demonstrou ser o que ele fala.

Chegamos a uma parte da Sicília muito movimentada, ele para e saímos.

Uma fila enorme já se forma na entrada, mas passamos direto e entramos para logo sermos recebidos por uma música bastante alta. Ele chega próximo ao meu ouvido.

— Vamos para uma parte mais tranquila. — Apenas balanço a cabeça concordando com ele, por alguma razão não gostei quando ele chegou mais perto, era como se tivesse algo errado.

Passamos por muitas pessoas e nos sentamos mais afastados. Essa parte é mais silenciosa, Gabriel me apresenta um homem mais velho, o amigo que ele tinha falado mais cedo.

— Você que beber alguma coisa?

— Pode ser um coquetel.

— Espera um pouco. — Ele vai em direção ao bar e fico observando

o local. Tenho que admitir, aqui é muito bonito. A riqueza está em cada detalhe. Aqui não é uma boate que qualquer um consegue entrar. Gabriel volta e senta ao meu lado, entregando-me a bebida.

— Obrigada.

Ele apenas balança a cabeça e dá um gole em sua bebida.

— Que delícia.

— Ela é muito boa mesmo, sabia que você iria gostar.

— O que você queria falar sobre o lançamento?

— Ah, já ia me esquecendo. Já temos a capa e estamos terminando a diagramação, a capa enviei para o seu email. Depois você olha e me fala se gostou.

— Sério, já está tão adiantado assim?

— Pedi rapidez, acho que até o final desse mês já estará pronto.

O meu coração se enche de orgulho, fico tão feliz com essa notícia.

— Estava pensando em fazer o lançamento em uma livraria aqui no centro, o que você acha?

— Acho perfeito.

Ficamos conversando por mais uns trinta minutos.

— Gostaria de te perguntar uma coisa.

— Pode perguntar.

— Você e o Paollo estão saindo?

— Por que a pergunta?

— O jeito que ele olha para você e claro, a ordem que ele me deu de ficar longe.

— Ele te deu uma ordem?

— Sim, mas não costumo ouvir ordem de outras pessoas, conheço o Paollo, ele é uma pessoa **super possessiva** quando se trata do que é dele.

— Não estou sabendo que sou de alguém.

— Então está livre? — fala segurando a minha mão.

— Estou livre, mas não quero ficar com ninguém por enquanto — respondi retirando a sua mão da minha.

— Sou paciente e por você, consigo esperar.

Essa conversa já está indo longe demais.

— Eu vou ao banheiro. — Não espero ele responder, apenas me levanto e saio de perto dele. Merda, estou com um pressentimento que vou me arrepender amargamente de ter vindo nessa boate.

Pergunto a uma moça onde fica o banheiro e ela me fala. Me esforço para passar por muitas pessoas, aqui está ficando cada vez mais cheio. Quando finalmente consigo chegar, tem uma fila enorme.

— Merda. — Me encosto na parede e fico lá esperando.

— Com licença, moça.

Me viro para ver um rapaz de no máximo vinte e dois anos me olhando.

— Oi.

— Desculpa incomodar, mas só tem esse banheiro aqui? A minha namorada está querendo usar e ela está muito apertada.

— Parece que sim, não vi outro.

— Que merda, ok, obrigado, moça.

— De nada.

— Tem algo no seu ombro.

Me viro para ver o que é e sinto uma picada no meu pescoço. Me viro para ele, que está com um sorriso no rosto, coloco a mão no meu pescoço.

— O que você fez? — Estou ficando tonta. Sinto que a qualquer momento vou desmaiar, seguro na parede tentando me equilibrar e nada. Ele segura os meus braços me trazendo ao seu encontro.

— Me solta.

— Calma gatinha, juro que você vai gostar do que vou fazer com você.

Sinto o seu hálito no meu rosto, que só faz com que meu estômago se revire ainda mais. Baixo a cabeça. Não consigo nem responder.

— O que ela tem? — Ouço uma voz feminina e não consigo falar. Uma angústia toma conta de mim, uma impotência se alastra por toda a minha alma.

— Ela é minha namorada, um doce de pessoa, mas não sabe beber. Você sabe onde fica outra porta para sair? Não quero passar com ela desse jeito pela porta da frente.

— Tem aquela ali, mas ela dá para o beco, só tenha cuidado, lá é muito escuro e não é bom ficar lá por muito tempo.

Ouçó toda a conversa, mas não consigo falar nada, um medo tomar conta de mim, a única reação que consigo é derramar lágrimas.

Ele me arrasta, tento não seguir em frente, mas não consigo. Ele coloca a minha cabeça no seu ombro, o percurso todo ele fica falando o que vai fazer comigo, quero gritar me defender, mas não consigo fazer nada. A sua mão aperta a minha cintura com força.

— Você vai adorar o que vou fazer com você, vou te comer de todas as formas possíveis, te usar para tudo que quero e no final te matarei.

Ele abre uma porta e um vento gelado bate no meu rosto, o que combina perfeitamente com o frio da minha alma agora.

— Acho que não vou esperar até chegarmos no meu carro, irei começar agora e terminar lá.

Sou empurrada em direção a uma parede, tento colocar a mão no seu peito tentando impedi-lo de se aproximar, mas não consigo. Ele segura a minha mão virando-a para trás e um grito baixo sai da minha boca.

— Fica quietinha, não quero estragar o seu rosto. — Sou jogada no chão e lágrimas embaçam a minha visão.

— Para, por favor, para.

— Por que pararia? Estou gostando muito disso. — Ele tenta me beijar, mas viro o rosto. Entretanto, ele pega no meu maxilar apertando e

tenta me beijar novamente. Mordo a sua boca tentando me defender. Ele me solta e solto um suspiro que é logo silenciado quando sinto um soco na minha barriga. Me curvo tentando colocar um pouco de ar nos meus pulmões.

— Você gosta de violência sua vadia, então terá. — Ele dá dois tapas no meu rosto. Já perdi a esperança. A única coisa que quero é poder me desligar do que está acontecendo comigo aqui.

A sua mão segura o botão da minha calça, tentando abri-la, apenas fecho os meus olhos. No entanto, de uma hora para outra, sinto que ele é tirado de cima de mim. Consigo respirar novamente. Ouço barulhos baixos e tenho quase certeza que são tiros. Não consigo abrir os olhos, por mais que eu tente não consigo.

Mãos seguram a minha cabeça e sinto um cheiro bom.

— Calma, meu amor, estou aqui, ninguém fará nada com você.

Abro os meus olhos e vejo o Paollo. Acabo dando um pequeno sorriso.

— Paollo.

— Você ainda vai me matar de tanta preocupação, Laura, vou te levar para casa.



Capítulo 20

Paollo Salvatore

O meu dia está uma merda, desde que acordei, tudo, absolutamente tudo, deu errado. Tinha marcado com a Laura de almoçar com ela hoje e nem isso consegui. Para terminar tive que fazer uma reunião de emergência com todos os capos, a respeito de um carregamento de drogas que não chegou ao porto.

— Como não chegou, você confirmou a saída dele de Lisboa? — pergunto para o Rafael

— Confirmei, mas o Leonor não sabe o que aconteceu.

— Ah... ele não sabe?

— Não.

Bato com força na mesa fazendo com que vários deles se mexam nas suas cadeiras.

— Você vai atrás dele hoje mesmo, só volte quando souber onde está

essa merda de carregamento. — Ele apenas balança a cabeça, aperto a têmpora esquerda tentando controlar a minha dor de cabeça

— Mais alguma coisa? — falo para ninguém em especial

— Você sabe quanto tempo o Nicolai vai ficar fora? — Abro os meus olhos e vejo que quem me perguntou foi o maldito do pai da Rebeca, dou um pequeno sorriso para ele.

— Por que Castellano? Está com saudades.

— Precisamos saber quando ele vai voltar e assumir o seu posto.

Me acomodo ainda mais na cadeira.

— Não está gostando da minha liderança?

Ele começa a gaguejar.

— Claro que não. É só para saber mesmo.

— Ele decide quanto tempo vai ficar, se está tão preocupado ligue para ele e pergunte.

Ele fica em silêncio. O meu celular toca e o pego para ver quem é. É soldado que coloquei para vigiar a Laura. Por algum motivo já imagino alguma merda que ela fez, atendo.

— Fala!

— Senhor, a senhorita Laura acaba de entrar em um carro.

Merda já até imagino de quem seja, o que aquela louca está fazendo saindo com ele uma hora dessas.

— Siga-os e me avise onde eles vão. — Não espero ele confirmar. Apenas desligo. O ódio já domina a minha mente, mesmo falando para ela não sair com ele, o que ela faz? Sai.

Termino a reunião o mais rápido possível. Recebo uma mensagem confirmando o endereço e para o meu completo espanto, é uma boate. Já estou na metade do caminho e o meu único pensamento é coloca-lá no meu colo e lhe dar várias palmadas para ver se aprender a me obedecer.

Depois de uns vinte minutos, que mais pareceram horas, chego na merda da boate. Entro sem nenhum problema. Procuro por eles e nada. Depois de uns cinco minutos, encontro o Gabriel no meio do salão procurando algo. Vou ao seu encontro e quando ele me ver fica surpreso. Me aproximo ficando à sua frente.

— Onde está a Laura?

— O que você está fazendo aqui?

— Não é da sua conta, me fala, cadê a Laura. — Ele fica um tempo calado e já me imagino retirando a minha arma e descarregando na sua

cabeça.

Ele dá um longo suspiro.

— Não sei, estou procurando por ela já faz um tempo e nada. Ela falou que ia ao banheiro, mas ela não está lá.

— Você já ligou para ela?

— Já, mas ninguém atende. — Me afasto dele e vou até o banheiro, procurando. Pergunto para algumas moças e nada. Descrevo como Laura é, mas sem sucesso. Agora estou conversando com um casal quando uma mulher loira se aproxima.

— Você está falando de uma garota ruiva? — Me viro para ela.

— Sim, você a viu?

— Só pode ser ela. Não vi mais nenhuma garota ruiva aqui hoje.

— Onde ela está?

— Ela estava passando mau e o seu namorado a estava levando embora

— Namorado?

— Sim, foi o que ele disse, a coitada não estava nem conseguindo

andar direito.

— Para onde eles foram?

— Ah, tem uns dez minutos que eles saíram por aquela porta — mostra com o dedo.

Me viro para ir atrás dela. Percebo que o Gabriel está vindo comigo. Me viro e acerto um soco no seu rosto e ele se segura na parede tentando se equilibrar.

— Você ficou louco? — segura o nariz, que começa a sangrar.

— A culpa de tudo isso é sua, se acontecer qualquer coisa com ela, eu vou te matar, está me ouvindo?

— Também estou preocupado com ela.

— Se você se preocupasse com ela nunca deveria tê-lá trazido para cá, ou simplesmente não a deixaria sozinha. Saia daqui Gabriel. Se o vir você de novo com ela, já sabe o que vou fazer.

Me viro e saio de perto. O soldado que estava vigiando a Laura vem comigo. Abro a porta e não vejo ninguém. Ando um pouco e ouço um barulho de choro. Corro para logo ver um desgraçado em cima da minha mulher.

Se eu pensava que estava com raiva, estava completamente enganado.

Fecho a minha mão em punho. A adrenalina corre solta nas minhas veias e um ódio me domina trazendo a tona o monstro que eu tanto tento conter. Retiro o desgraçado de cima dela e o jogo no chão. Dou vários socos em seu rosto, mas não espero ele pronunciar uma palavra sequer. Retiro a minha arma e atiro várias vezes na sua cabeça. Uma poça de sangue já se forma ao seu redor. O monstro finalmente se acalma. Chego perto dela me abaixando e seguro na sua cabeça, trazendo-a para mais perto de mim.

— Calma meu amor, estou aqui. Ninguém fará nada com você.

A vejo abrir lentamente os seus olhos e um pequeno sorriso se forma em seu rosto.

— Paollo.

Passo a mão no seu cabelo retirando uma mecha do seu rosto.

— Você ainda vai me matar de tanta preocupação, Laura, vou te levar para casa.

Ela fecha os olhos novamente, a seguro nos meus braços e a levanto. Me viro para o meu soldado.

— Dê um jeito nessa bagunça.

— Sim, senhor. — Saio do beco e vou para o meu carro, colocando-a no banco de trás. Dou a volta e me sento, posicionando a sua cabeça nas minhas pernas.

— Para onde, senhor? O hospital?

— Não, vamos para a minha casa. — Decidi levá-la para lá. Assim cuidarei dela pessoalmente.

Todo o percurso ela abre os olhos, para logo em seguida fechá-los. Aquele infeliz a drogou.

Depois de um tempo chegamos. Levo-a para o meu quarto e percebo que o efeito da droga está passando aos poucos. Agora ela consegue dar alguns passos, então a levo para o banheiro.

— Consegue tomar banho sozinha? — Ela não responde apenas fica me olhando.— Acho que não.

Chego perto e retiro a sua jaqueta depois a sua bota, mas quando vou tirar a sua camiseta ela segura a minha mão. Nossos olhos se encontram. Laura está chorando. O meu coração se aperta, seguro em seu ombro trazendo-a até mim. Ela me abraça e correspondo, apertando-a ainda mais nos meus braços.

— Calma meu amor, já acabou, não chora. — Passo a mão em seus cabelos e ficamos assim por um tempo. — Você precisa tomar um banho, Laura. Vai se sentir melhor, te prometo. Só quero te ajudar. — Ela fica quieta em meus braços.

Vejo que ela está muito mau. Retiro o meu celular, a arma e minha

carteira e os coloco na pia. Chego próximo a ela e ligo o chuveiro, continuando a abraça-la, para que Laura se sinta melhor. Ela continua a me segurar firme, com o seu rosto ainda em meu peito.

— Precisa tirar essa roupa molhada, Laura. — Ela não responde. — Merda!

Retiro as suas mãos do meu peito. Ela fica parada olhando para o nada. *Me abaixo* retirando a sua calça, seguro na sua camiseta e a tiro. Ela tenta se proteger colocando as mãos na frente. A deixo apenas de lingerie. Mesmo apenas ajudando não conseguiria deixá-la completamente nua na minha frente. Tento focar apenas no seu rosto e nada mais.

Após o banho, pego uma toalha e dou a ela. Laura se cobre e a coloco no colo, levando-a até a cama. Coloco outra toalha na sua cabeça e me sento na sua frente. Seco o seu cabelo e a deixo na cama.

Saio do quarto para pegar um copo de água e quando volto ela está deitada de barriga para baixo. Me aproximo para acordá-la, mas quando chego perto a minha respiração para por um momento.

— Mas que merda é essa? — Me aproximo para ver melhor, a toalha está de lado e o que eu vejo me deixa perplexo.

As suas costas estão cheias de cicatrizes. Não são apenas uma ou duas, mas várias. Me sento do seu lado e aproximo a minha mão, passando devagar sobre as marcas. Conheço esse tipo de cicatriz, quem fez isso a ela, fez durante muito tempo. Aperto a minha mão em punho, fecho os meus

olhos e uma raiva me domina. O meu único pensamento é fazer com que a pessoa que fez isso pague com a própria vida.

Dou um beijo no seu rosto.

— Dorme meu amor. Prometo que estarei aqui quando você acordar.

— E por alguma razão, desejo que essa promessa dure para sempre.



Capítulo 21

Laura Genova

A minha boca está seca e só quero ficar mais um pouco na cama. Ela está tão gostosa. Para falar a verdade, gostosa até demais. Abro os olhos para logo perceber que não estou no meu quarto.

— O que estou fazendo no quarto do Paollo? — Aos poucos, vou me lembrando de tudo que aconteceu, mas que, se eu pudesse, faria de tudo para esquecer. Percebo que estou só de calcinha e sutiã e uma insegurança toma conta de mim. Me sento escorada na cabeceira da cama e seguro o lençol com bastante força. Gostaria que a Isabella estivesse agora comigo. Olho ao redor e percebo que o Paollo não está aqui. Me levanto devagar e o meu estômago dói. Vejo as minhas roupas na poltrona próximo da janela, as pego e percebo que elas estão limpas e passadas.

Me visto, vou até o banheiro e procuro uma escova de dentes nova e por sorte encontro em uma das gavetas. Escovo os dentes e fico um minuto me olhando no espelho. O lado do meu rosto está um pouco vermelho, no mais, até que estou bem. O meu cabelo está uma verdadeira bagunça, tento penteá-lo com os dedos mesmo.

— Melhor que isso não vai ficar — Saio do banheiro para logo ver o Paollo colocando uma bandeja em cima de uma mesa. Ele fica me olhando por um tempo. Uma insegurança toma conta de mim, será que ele viu as cicatrizes? Ele não fala nada, vem ao meu encontro, se aproxima e me abraça. Acabo correspondendo.

Ficamos assim por um tempo sem falar nada. Estar em seus braços é uma sensação maravilhosa. Ele finalmente quebra o silêncio.

— Como você está?

— Melhor agora — respondo sem parar de abraçá-lo.

— Você me deu um susto, Laura, ainda bem que não aconteceu coisa pior.

— Ainda bem que você chegou a tempo.

— Sempre vou te proteger, te fiz essa promessa e nunca vou quebrá-la.

Não respondo, mas a cada dia que passa estou acreditando nessas palavras.

— Se senta, te trouxe o café da manhã.

Levanto o olhar e fico encarando-o. Um sorriso se forma no meu rosto.

— Você trouxe o café da manhã na cama para mim? Desculpa, Paollo, mas isso não parece uma atitude que você faria.

— Descobri ultimamente que, por você, estou fazendo muitas coisas que não costumo.

— E o que podemos concluir com isso?

Ele fica um tempo calado.

— Pode ficar tranquila, quando eu tiver certeza você será a primeira a saber.

Me perco por um momento nos seus olhos. Estar tão próximo assim me faz querer aproveitar tudo que ele já falou que iria fazer comigo.

— Por que você está tão diferente?

— Continuo sendo a mesma pessoa que você conheceu no começo de tudo.

— Não, você mudou, mas tenho que admitir estou gostando muito disso — falo passando a mão pelo seu rosto.

— Se você continuar a me acariciar dessa forma estando tão próxima, juro que não vou aguentar e irei te jogar nessa cama e você só sairá dela quando eu fizer exatamente tudo que tenho em mente para você — fala para

logo em seguida morder a ponta da minha orelha.

Juro que estou tentando me segurar, mas estando tão próximo a ele faz com que todas as partes do meu corpo entrem em colapso na hora.

Seguro em cada lado da sua cabeça e o calo com os meus lábios, as nossas bocas começam uma batalha entre si, me levando a um lugar cheio de luxúria e desejo.

— Porra, Laura, estar tão próximo de você está me deixando completamente louco.

Ele aperta a minha cintura. Jogo a minha cabeça para trás e sinto as pontas dos seus dedos subirem pelo meu pescoço e pararem no meu cabelo. A sua boca começa a beijar cada parte do meu pescoço, pequenos gemidos saem da minha boca.

— Você não imagina a vontade que tenho de ouvir você gemendo assim quando eu estiver chupando a sua boceta, mas eu sei que não vamos fazer sexo agora, então vá tomar o seu café da manhã, porque estou precisando urgentemente de um banho gelado.

Ele me dá um beijo e entra no banheiro. Fico aqui no meio do quarto sem saber o que faz e muito menos o que falar. Uma parte de mim gostaria mesmo de sentir tudo com ele e essa vontade está crescendo a cada dia que passa.

Me sento e tomo meu café tranquilamente, já estou quase terminando.

Pego uma uva e coloco na boca. A porta do banheiro se abre e logo o vejo entrando no quarto, com nada menos que uma toalha enrolando na cintura.

Ai meu pai do céu, que homem é esse? Penso. Pequenas gotas de água caem do seu cabelo e vão rolando pelo seu peitoral e passam pela sua barriga sumindo na toalha. Fico observando mais que o normal aquela região.

— Está gostando do que vê? — O que a tonta aqui faz? Balança a cabeça negando.

— Gostaria mais se você estivesse pelado — falo em voz alta e na mesma hora me arrependo. Observo o seu rosto, que está com um sorriso irônico.

— Não seja por isso.

O infeliz retira a toalha. Coloco as minhas duas mãos no rosto e um calor infernal toma conta de mim. O meu coração parece que a qualquer momento vai explodir.

— Não entendi por que a mão no rosto Laura. Não era você que queria me ver nu? Estou do jeito que você queria, pode olhar.

Meu coração se acelera ainda mais.

— Coloca essa toalha, infeliz! Vou acabar cortando o seu pau fora, estou falando sério, Paollo.

— Isso seria uma pena, se você fizesse isso nunca saberia o que é ter ele dentro de você. — fala próximo da minha orelha — Pode abrir os olhos, Laura.

— Se eu abrir os olhos e você estiver pelado já sabe o que vou fazer com você.

— É claro que sei, você irá me matar como todos os dias.

— Ainda bem que você sabe. Abaixo as mãos e abro os meus olhos. Ele está parado olhando para mim, agora está de calça de moletom cinza o que o deixa ainda mais gostoso.

— Já que terminou de tomar café, irei me vestir para podermos ir ao seu apartamento.

— Para?

— Você irá comigo para uma viagem de dois dias.

— E você decidiu isso sozinho?

— Sei que você está precisando de um tempo, Laura, estou fazendo isso por você.

Fico calada, mas no fundo, sei que é exatamente isso. Estou precisando mesmo.

— E para onde você vai me levar?

Ela dá um pequeno sorriso.

— Gostaria de te levar para o céu, mas vou te levar para a minha vinícola.



Já estamos no carro há uns quarenta minutos. Depois da nossa pequena conversa no seu quarto, me lembro do que aconteceu entre nós lá. Estaria mentindo se dissesse que cada parte de mim não estava louca para abaixar as mãos e ver ele completamente nu na minha frente.

Passamos no meu apartamento e peguei poucas coisas e uma pequena bolsa. Tomei um banho, vesti apenas um short jeans, uma camiseta preta e um tênis all star, também na cor preta, logo depois saímos.

— Vou falar a verdade, me surpreendeu saber que você tem uma vinícola.

Ele apenas dá um sorriso.

— Por que a surpresa?

— Não te vejo em uma plantação de uvas.

— Fui criado mais nessa vinícola do que na minha própria casa, o

meu avô sempre me levava para passar o final de semana com ele, acabei aprendendo tudo que sei hoje graças a ele.

Fico imaginando ele em uma fazenda.

— Se você pudesse escolher, gostaria de viver aqui?

Ele fica calado por um momento observando a paisagem pela janela.

— Estarei mentindo se dissesse que não gosto de fazer o que eu faço, e principalmente como eu faço, gosto de ficar um pouco, mas não fui feito para viver assim, gosto da agitação de tudo que envolve a máfia.

— Você não tem medo de um dia acontecer algo com alguém que você gosta, devido tudo que envolve a máfia?

— Laura, sei que o que eu e o Nicolai fazemos não é uma coisa digna, mas também sei que se um dia eu cogitar a ideia de construir uma família eles sempre estarão protegidos.

— Às vezes nem isso é o bastante você sabe, né?

— Claro que sei, quando o seu pai é morto na sua frente, você fica pensando mais que o normal sobre esse assunto.

— Sinto muito por fazer você lembrar disso — falo baixando o olhar.

— Já tem muito tempo e a pessoa responsável pagou por tudo que fez.

Fico calada, sei o que ele quis dizer, ele o matou. Mas no fundo, não o julgo. Afinal, faria a mesma coisa em relação a minha mãe. Aproximo o meu rosto da janela e fico assim por um bom tempo.

Sinto alguém passando a mão no meu rosto.

— Laura, acorda, já estamos chegando.

Abro os meus olhos, para logo perceber que estou deitada no seu ombro.

Me sento direito e observo pela janela. A paisagem mudou. Vejo uma enorme plantação dos dois lados da estrada.

— Nossa aqui é tão lindo.

— É muito bonito, mas não chega nem a um por cento de beleza, em comparação ao que estou olhando.

Me viro para ver essa coisa que é mais bonito do que essa fazenda, quando nossos olhos se encontram vejo que ele está olhando diretamente para mim. Minha pele parece que a qualquer momento vai queimar e um calor toma conta de todo o meu corpo.

— Você deve falar isso para todas que vem aqui com você.

— Você é a segunda mulher que vem comigo aqui.

No fundo, fico um pouco decepcionada.

— Claro!

— A primeira foi a minha mãe.

Um sorriso se forma no meu rosto.

Ele chega perto, aproxima a sua mão do meu rosto e parece que cada movimento seu é mais lento que o normal. Paollo coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e deposita um beijo na minha bochecha. No fundo, fico com raiva e retiro a sua mão do meu rosto. Ele fica apenas me observando com uma sobrancelha levantada. *Que tudo vá para o inferno.*, penso.

Ele fica sem reação quando aproximo os meus lábios dos dele. Demora um pouco para sentir a sua mão na minha cintura. Seguro o seu pescoço aproximando ainda mais as nossas bocas, sinto suas mãos apertarem o meu quadril. Em apenas um movimento, ele me coloca no seu colo, as minhas pernas ficam em cada lado do seu corpo. Ele separa os nossos lábios e deposita vários beijos no meu pescoço.

— Já te falei, Laura, você está me deixando completamente louco.

— É bom um pouco de loucura de vez em quando — falo com um pouco de dificuldade. Os seus lábios continuam a sua exploração lenta pelo meu pescoço.

O fogo entre nossos corpos consome até a minha alma nesse momento. Seguro no seu cabelo, fazendo com que o seu pescoço fique totalmente exposto e dou vários beijos ali.

— Porra! Laura, não comece uma coisa que você não vai querer terminar. — A sua voz sai rouca.

E uma pergunta se repete várias vezes na minha cabeça. Afinal de contas, quero terminar?

— Não precisa ter sexo para aproveitarmos — falo e dou mais um beijo perto da sua orelha.

— Por acaso você já conseguiu se segurar desse jeito, porque eu não.

— É só praticarmos.

— E se eu não conseguir parar?

Paro o beijo e olho diretamente para ele.

— Aí eu te quebro a cara.

Ele não responde, mas solta uma gargalhada.

— Estava demorando para esse lado seu aparecer. Podemos tentar — fala para logo em seguida depositar um beijo na minha testa.

— Se você quiser pode ficar do jeitinho que está, mas já chegamos.

Reparo que ainda estou no seu colo, saio de cima dele e me sento ao seu lado.

— Culpa sua, você que me colocou aí.

— Sabe o que eu gostaria mesmo? Era retirar essa sua roupa e ficarmos os dois pelados aqui pelo menos umas duas horas, aí sim, você poderia colocar a culpa em mim.

Ainda bem que o carro tem um painel preto, que impede que o motorista veja o que está acontecendo aqui atrás.

— Já falei, mas vou repetir, você é um tarado.

— Mas eu nunca disse que não era. Você não faz ideia de como eu imagino nós dois em uma cama, para finalmente fazer tudo que quero com você.

Não respondo apenas abro a porta do carro e saio. um vento gelado bate no meu rosto e um cheiro de terra invade o meu olfato. Fecho os olhos prolongando essa maravilha. Quando os abro, Paollo já está ao meu lado.

— Nossa, aqui é muito bonito.

— Está do mesmo jeito que me lembrava.

Um casarão de madeira rústica, está na minha frente com enormes janelas com cortinas brancas balançando. O vento ficou mais forte, acho que vai chover.

Passamos por um caminho todo de pedra até chegar em uma varanda com duas cadeiras de madeira. Mesmo quase tudo sendo rústico, ainda dá para ver detalhes femininos, como um jardim de rosas vermelhas do lado, ou simplesmente mais um quadro enorme na sala, parecido com os que têm na casa do Paollo.

— Quem cuida da casa?

— Uma vez na semana vem uma senhora para cuidar das coisas aqui, os funcionários ficam nos alojamentos perto da plantação.

— E agora quem está aqui?

— Somente eu e você.

Ele me leva para o segundo andar e entramos em um quarto. Coloco a minha bolsa em cima da cama e me viro para ele.

— Laura vou dar uma saída para ver umas coisas, no máximo em uma hora eu volto.

— Ok.

— Aproveita e descansa um pouco, depois podemos almoçar, o que você acha?

— Perfeito.

Ele chega mais perto, segura a minha mão me trazendo ao seu encontro. A sua boca em poucos segundos já está na minha. O beijo é lento e ficamos assim por um tempo.

— É melhor eu ir agora, senão fico aqui o dia todo. O que eu acharia ótimo, mas tenho mesmo que ver algumas coisas aqui — fala e me dá mais um beijo. Quando ele sai, me joga na cama passando a mão no rosto.

— Estou me apaixonando mais a cada minuto que passa. Estou ferrada.



Capítulo 22

Laura Genova

Fico um pouco no quarto e ligo para a Isabella. Ficamos conversando uns dez minutos, mas o que eu quero mesmo é sair um pouco. Deixo o meu celular carregando e saio do quarto. A casa é linda, mas decidi fazer um *tour* mais tarde.

Saio da casa e sou recebida pelo vento que ficou ainda mais gelado. Penso um pouco se volto para pegar um casaco, mas decidi ir assim mesmo. Passo pelo jardim de rosas vermelhas o aroma das flores fica no ar. Ando um pouco e entro na plantação de uvas. Videiras estão dos dois lados e me sinto muito bem. Abro os meus braços e vou correndo igual a uma criança, mas não me importo, a sensação é libertadora e, ao mesmo tempo maravilhosa. Fico ali por um tempo que nem percebo que começa a chover. *Merda!*

Caminho mais rápido, mas a minha roupa já está encharcada. A chuva virou uma tremenda tempestade e o meu tênis já está todo sujo de lama. Escorrego várias vezes e a minha visibilidade só piora.

— Bem feito para você, Laura. Tinha que sair. Deveria ter ficado lá na casa, mas não... prefere andar sozinha e correr igual a uma criança —

reclamo para ninguém em especial

— Agora tenho certeza que você é louca mesmo. Falando sozinha, Laura?

Olho para frente, para ver o Paollo todo molhado me encarando com uma cara superzangada

— O que você está fazendo aqui? — falo, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ele não responde. Apenas vem ao meu encontro

— Eu que deveria te perguntar isso, você não acha?

— Não, não acho.

Ele passa a mão pelo cabelo colocando todo ele para trás, fica um tempo com os olhos fechados.

— Por que você está tão nervoso, Paollo?

Ele abre os olhos e dá um sorriso, mas vejo que não tem um pinga de humor no seu gesto.

— Não sei. Talvez seja porque fui ver se você estava bem e quando chego lá, cadê você? Nada. Te liguei e só dava na caixa de mensagens. Talvez seja por isso.

Fico olhando para ele um bom tempo, sorrio só de saber que ele se

preocupa comigo. Acabo com o espaço entre nós e fico a centímetros dele, que não faz nada, apenas fica me observando.

— Desculpa, só queria dar um passeio, mas começou a chover.

A sua expressão se suaviza e ela dá um longo suspiro. — Só me avise antes, pensei que tivesse acontecido algo com você.

— Pode ficar tranquilo, não aconteceu nada. — Não falo mais, dou um beijo na sua boca que é logo correspondido por ele.

— Você ainda vai me deixar louco, sabia?

— Com certeza. — Seguro no seu pescoço quando vou dar mais um beijo nele, escorrego. Ele até tenta me segurar, mas acaba indo parar no chão comigo. Olho para ele para logo ver que está todo sujo de lama como eu. Então eu não consigo. Caio na gargalhada. Paollo fica um tempo calado, mas começa a sorrir também.

— É melhor irmos, porque daqui a pouco vamos os dois para o hospital.

Ele se levanta, estende a mão na minha direção e a pego. Paollo me levanta sem esforço algum. Depois de uns vinte minutos conseguimos chegar na casa, tiramos os sapatos para não fazer mais bagunça do que o necessário.

— Você está uma gracinha suja de lama, Laura.

— *Me fala.* Como uma pessoa pode ficar bonita suja de lama?

Ele chega perto de mim, limpando a minha bochecha. — Não sei como, mais você consegue.

Me perco no seu olhar. Nunca estive tão feliz como agora e sei que isso só aconteceu graças a ele.

— É melhor você entrar, daqui a pouco não vou conseguir deixar você sair de perto de mim.

Não respondo. Apenas entro no quarto e vou direto para o banheiro, com um sorriso que não sai do meu rosto.

Depois de um tempo consigo retirar a lama do meu cabelo e término de tomar banho. Me enrolo na toalha e retiro um vestido de renda branca. Até agora não sei por que o coloquei na bolsa, foi um presente da Isa. Amarro todo o meu cabelo no alto da cabeça e me olho no espelho.

Estou diferente. Não só a roupa, mas algo dentro de mim, está melhor. Passo a mão pelo vestido e me lembro do passado. Não gosto de ficar lembrando, mas nunca pude me vestir assim estando com ele. Por algum motivo, que só a cabeça perturbada do meu pai sabe, ele não deixava que eu usasse vestidos ou saias. As únicas roupas permitidas eram calças. E por alguma razão, eu não conseguia me vestir assim. Essa é a segunda vez que estou com esse visual e tenho que admitir que estou gostando.

Estou mudando, não só pelo Paollo, mas por mim mesma. Estou mais

feliz. Saio do quarto e desço as escadas. Um cheiro maravilhoso está por toda a casa. Passo pela sala e vou direto para a cozinha, parando próximo ao balcão, observando o Paollo mexendo em seu celular, em cima da mesa já tem uma refeição completa.

— Quem fez a comida?

Ele se vira para mim e me observa. Chega perto e fica apenas me encarando.

— Primeiro, vou te beijar até a sua boca não conseguir mais se mover, que tal?

— Por que isso agora? — falo levantando uma sobrancelha

— Porque você, Laura, está linda.

Baixo o olhar, envergonhada.

— Deixa de ser bobo, Paollo. Estou normal.

Não levanto o olhar. Me perco observando os dedos dos meus pés sobre o frio do piso de mármore.

— De todas às vezes que te vi, agora, em especial, você está perfeita.
— O observo e me perco no seu olhar, mais uma vez.

— Para de ficar falando isso.

Ele fica a centímetros do meu rosto.

— Por quê?

O meu coração se acelera, a minha mão começa a suar e por mais que eu não goste de demonstrar sentimentos, já não consigo mais.

— Porque estou acreditando em você.

Ele se aproxima depositando um beijo na minha testa. Com esse gesto fecho os meus olhos apenas sentindo o meu coração se acelerar ainda mais e um sentimento de pura felicidade transborda por cada parte de mim.

— É para você acreditar, Laura. Ultimamente tudo o que mais quero é te ver sorrir. E ser o motivo dos seus sorrisos está se tornando uma necessidade. No fundo, não sei o que está acontecendo comigo, só sei que estou gostando.

— Por que você não me beija logo?

Ele fica ainda mais perto e sinto a sua respiração no meu rosto.

— Porque do jeito que estou te desejando agora, não me contentaria só com um beijo.

— E quem te falou que quero só um beijo.— A minha voz sai extremamente rouca.

— Não brinque comigo, Laura. — Seguro na lateral do seu rosto, fazendo com que ele olhe diretamente nos meus olhos.

— Não é uma brincadeira.

Ele não fala mais nada, sinto as suas mãos irem de encontro a minha cintura, me levantando, para logo em seguida ser colocada no balcão. Ele se coloca no meio das minhas pernas.

— Você não faz ideia de como esperei para ouvir essas palavras. — E me beija.

Cada parte do meu corpo se aquece, antecipando tudo o que vai acontecer. No momento o meu desejo é ser feliz.

A cada toque, meu corpo se arrepia. A sua mão aperta o meu quadril e ele vai descendo em direção a minha perna. Aperto os dedos dos meus pés sentindo uma sensação maravilhosa. A sua mão vai subindo, apertando firmemente a minha coxa, parando na minha bunda e deixando-a ali. Faz isso sem demora. Olho diretamente em seus olhos e sei que ele vai aproveitar cada segundo. Dá para ver no seu rosto.

O prazer se mistura com uma necessidade fora do normal. Seguro na barra da sua camisa tirando-a e passo as minhas mãos pela a sua barriga, sentindo a firmeza de cada músculo. Continuo com a minha exploração pelo seu peitoral. A minha respiração está completamente irregular só de estar tocando em seu corpo. Sentir o seu cheiro está me deixando completamente

extasiada. Tento fechar um pouco as pernas, para sentir um pouco de alívio, mas sinto o seu membro completamente duro. O meu rosto começa a esquentar ainda mais.

— Se você continuar a apertar suas pernas, não vou conseguir fazer tudo que quero com você — fala me dando vários beijos no pescoço. Engulo em seco tentando me controlar. Ele para e olha para mim.

— Sabia que adoro a cor que suas bochechas ficam quando está com vergonha? Ficam da cor do seu cabelo — fala segurando o meu cabelo para logo em seguida soltá-lo. Sinto quando caem pelas minhas costas. — Você é absurdamente linda, Laura. Vou te levar para o meu quarto, porque o que quero fazer com você, não conseguirei aqui.

Não respondo, apenas quero continuar *sentindo ele* assim, completamente próximo a mim. Ele sobe as escadas, comigo entrelaçada à sua cintura. Abre a porta e me coloca em sua cama. Esse quarto não é tão diferente do que eu estou, a única diferença é a cor escura, que prevalece aqui.

Na hora que ele segura o meu vestido para tirá-lo, sinto um arrepio, mas não de prazer e sim de vergonha. Não do meu corpo, mas sim das minhas costas. Seguro as suas mãos e o impeço. Ele para na hora e olha para mim.

— O que foi? Fiz algo de errado?

— Não, está perfeito, mas você se importa se apagarmos a luz?

Ele fica me observando por um momento, segura na minha mão e a aperta.

— O motivo são as suas costas, Laura?

O meu coração parece que vai parar a qualquer momento. Acho que desaprendi a respirar e sem perceber começo a tremer.

— O que você falou?

Ele dá um longo suspiro.

— É esse o motivo não é? Jurei para mim mesmo que não te perguntaria sobre isso, mas vejo que é algo impossível. Mesmo não conseguindo ver direito com a luz apagada, isso não me impediria de sentir.

— Como você soube? — falo baixo, sem reconhecer a minha própria voz. Fecho os meus olhos, tentando lutar comigo mesma para não chorar na sua frente.

Sinto quando ele deposita um beijo na minha testa, ficando ali por um tempo. O meu coração parece que está sendo estrangulado aos poucos.

— Eu vi quando te deixei na minha cama. Nunca senti tanta raiva na minha vida e, ao mesmo tempo, uma grande necessidade de te abraçar e não soltar mais. Gostaria mesmo que você me dissesse quem foi que fez isso com você. Porque o meu maior desejo é matar esse infeliz, lentamente.

Não vou falar para ele que foi o meu pai, eu o odeio, mas não ao ponto de querer matá-lo e sei que será isso que Paollo vai fazer caso descubra a verdade. Não quero que ele se condene ainda mais, principalmente por causa de mais uma morte. Mesmo meu pai sendo um monstro, não quero vê-lo morto.

— Não quero falar sobre isso, por favor.

— Ok, Laura vou respeitar o seu silêncio, sei que você me contará quando se sentir pronta. Não irei pressioná-la.

Ele afirma isso, mas não sei ao certo. Algo me diz que ele não vai deixar as coisas assim.

— Se você quiser, podemos parar — fala e dá um beijo em meu ombro.

Mesmo ele sabendo a verdade, não quero parar, quero continuar a vivenciar tudo que estou sentindo com ele.

— Quero continuar. No fundo, até prefiro que já saiba das minhas cicatrizes. Para não sentir repulsa depois que vê-las.

— Nunca mais fale isso, Laura. De todas as coisas que sinto por você, repulsa nunca foi uma delas. O que eu sei, é que sinto uma atração inexplicável por você. Uma sensação de necessidade de estar ao seu lado todos os dias. A verdade, é que já tive vontade de te matar várias vezes, mas,

ao mesmo tempo de te beijar a noite inteira. Então, uma coisa eu te falo, gosto de estar com você, sentir a sua pele e principalmente o sabor único da sua boca.

Não respondo. Apenas o calo com a minha boca. Ele não perde tempo e segura o meu vestido retirando-o. Fico somente de calcinha na sua cama, pois não estou usando sutiã. Os bicos dos meus seios ficam duros na mesma hora. A sua mão começa uma massagem gostosa, apertando-os para, logo em seguida, aproximar a sua boca dos meus mamilos. Ele suga e dá pequenas mordidas no processo. Um calor infernal toma conta de mim, me deixando completamente extasiada. Enquanto sua boca se concentra em um seio, a sua outra mão aperta o outro, me levando à loucura em poucos segundos. Fecho os meus olhos tentando prolongar essa sensação maravilhosa que é tê-lo assim.

A sua boca vai descendo, distribuindo beijos na minha barriga, causando arrepios por todo o meu corpo. Paollo continua em direção a minha calcinha e travo as pernas, vendo o que ele vai fazer. Ele para e olha para mim.

— Pode destravar essas pernas.

— Não precisa fazer isso não, Paollo.

Ele me dá um sorriso.

— Você não faz ideia de quantas vezes me imaginei chupando a sua boceta, Laura, então sim, eu preciso fazer isso.

Não respondo. Apenas relaxo e deixo ele fazer o que quer.

Ele retira a minha calcinha, me deixando totalmente nua à sua frente. Fecho os olhos, sentindo ele morder levemente a minha coxa, me causando uma leve dor. Sem perder tempo, a sua boca começa uma exploração pela minha intimidade. Ele usa a língua, passando levemente pela minha entrada e indo em direção ao meu clitóris. Fica ali o sugando e massageando-o em movimentos circulares. Eu tento me controlar, mas não consigo. Parece que a qualquer momento meu corpo vai virar uma gelatina.

Sinto os primeiros espasmos. Seguro sua cabeça com força e as minhas pernas tremem sem parar. Isso só faz com que ele acelere os movimentos e penso que a qualquer momento vou morrer. O orgasmo para e só assim respiro normalmente. Ainda estou sentindo os últimos espasmos quando ele me beija mais uma vez e sinto o meu gosto na sua boca.

— Valeu a pena esperar cada segundo.

Não consigo responder. Ainda estou completamente extasiada com as sensações. Ele se levanta, retira as suas calças e logo em seguida a sua cueca, ficando completamente nu na minha frente. O nervosismo se apodera de mim. Estaria mentindo se falar que o seu pênis é normal, porque com certeza não é. Paolo sobe em cima de mim e deposita beijos no meu pescoço, me explorando com as suas mãos. Seguro no seu pescoço e o trago para mais perto, beijando-o sem demora e aspirando o seu cheiro maravilhoso. Ele se afasta e pega algo na sua carteira. Tira uma camisinha e a coloca, para, logo em seguida, vir em minha direção.

O meu coração se manifesta mais uma vez de tanta expectativa. Paollo abre bem as minhas pernas colocando a cabeça do seu pênis na minha entrada. *Me beija* mais uma vez, demoradamente, até que esqueço, por um momento, que ainda sou virgem. Sinto quando ele entra de uma vez, em uma estocada rápida e travo um grito de dor na minha garganta. Fecho os olhos. É como se ele estivesse me rasgando por dentro e os meus olhos se enchem de lágrimas, mas não as deixo cair. Abro os olhos lentamente para ver o Paollo me olhando. Até parece que não estava respirando.

— Você é virgem?

Respiro profundamente e olho para ele.

— Era virgem, você que dizer.

Aos poucos, vou me acostumando com o seu tamanho e consigo respirar mais lentamente.

— Por que você não me falou que era virgem, Laura? — O seu tom de voz é de pura acusação.

— Não era tão importante assim.

— Como não, é lógico que era. Tenho certeza que te machuquei — fala tentando se afastar, travo as minhas pernas na sua cintura e o impeço de continuar.

— Não se atreva a fazer isso. Desculpa por não ter falado antes, mas não me senti à vontade. Mas eu quero continuar.

— Me sinto feliz por você querer continuar, Laura, só estou preocupado.

— Eu sei.

Ele dá um longo suspiro e deposita mais um beijo na minha boca. Paollo começa com movimentos de vai e vem e sei que ele está se controlando, mas não me importo, até prefiro.

Aos poucos ele aumenta as estocadas e ainda sinto uma ardência, mas nada que atrapalhe o prazer que estou sentindo. Gemidos saem sem permissão e o suor se forma entre nós dois. Passando um tempo ele não consegue mais controlar mais e as estocadas ficam cada vez mais fortes, indo até o fundo. As paredes da minha boceta o apertam.

Sinto que o seu pênis incha ainda mais. As suas mãos apertam o meu quadril, me aproximando mais do seu corpo. Ele dá uma estocada superforte o que me causa um pouco de dor, mas logo o orgasmo vem me e deixa ainda mais molhada. Depois de mais algumas estocadas, Paollo também goza.

Respiro com dificuldade, não só pelo ato, mas também pelo seu peso. Ele sai de cima de mim, retira a camisinha e a joga fora, se deitando ao meu lado e beijando a minha boca.

— Desculpa sei que não foi como a primeira vez dos seus sonhos. Acabei sendo rude demais, me perdoe.

— Você não foi tão rude assim — me viro para o seu lado e com o gesto sinto a minha parte íntima arder.

Ele coloca o braço abaixo da minha cabeça e me traz para mais. Descanso o meu rosto em seu peito e fecho os olhos, prolongado a sensação que o seu toque me dá.

— Sei que fui, me desculpe mesmo. Te prometo que na próxima serei mais gentil.

Retiro o meu rosto do seu peito e o encaro.

— Mal terminamos e você está pensando na próxima?

— Na verdade, nas próximas. Porque descobri que estou completamente viciado em você — fala e me aperta ainda mais nos seus braços.



Capítulo 23

Laura Genova

Ainda não estou acreditando em tudo o que aconteceu. Tê-lo tão perto como estamos agora é tão bom. A minha cabeça está repousada em seu peito e estou ouvindo os batimentos do seu coração, em um ritmo constante. Levo a minha mão até o seu peito acariciando devagar e os seus batimentos aumentam.

— Se continuar a me tocar assim, juro que não deixarei que você saia daqui. Nunca!

— Não é uma má ideia. — Dou um leve sorriso, levantando a minha cabeça e olhando para ele.

Ele me aperta ainda mais. Parece até que quer me fundir ao seu corpo.

— Não me tente desse jeito. Sei que você está dolorida — fala e segura uma mecha do meu cabelo, enrolado-a em seu dedo.

— Está me subestimando, senhor?

— Estou apenas narrando os fatos, senhorita. — Me dá um lindo sorriso.

Estou me apegando rápido demais a esse homem. Só de estar ao seu lado, sentindo o seu cheiro, já fico louca. De um jeito nunca pensei que ficaria. Paollo está se tornando uma droga para mim e sinceramente, não quero largá-la.

— Estamos nos tratando formalmente agora? — Levanta uma sobrancelha.

— Parece que sim. — Me aproximo da sua boca.

— Você é linda sabia?

Olho diretamente em seus olhos.

— Não sabia. Mas continue, estou gostando de ouvir.

— Pois eu poderia repetir isso o dia todo e só observar cada parte o seu corpo.

O meu rosto começa a esquentar. Até parece que estou no inferno, diante do próprio demônio, mas sem nenhuma intenção de sair de lá.

— Você que é lindo.

Ele sorri mais uma vez.

— Continue.

Dou um pequeno soco no seu braço.

— E convencido,. Aposto que fica na frente do espelho se contemplando todos os dias.

Ele coloca a mão no queixo fingindo estar pensando.

— Com certeza. E dou um beijo em cada músculo, logo em seguida agradecendo aos deuses por ter nascido tão gostoso — sorri.

— Palhaço!

— Não esqueça que foi você que começou. Agora deixando a brincadeira de lado, é sério, Laura, estou adorando ficar com você aqui.

No fundo, meu coração pede para saber se depois que ele teve o que quer, ainda vai querer ficar comigo. Jogo esse pensamento para o lado e tento focar apenas no agora. E no momento, eu só quero prolongar essa felicidade que estou sentindo ao seu lado. Aproximo a minha boca da sua, deixando que meus lábios saboreiem o sabor único dos dele.

A sua mão segura no meu quadril e me traz para cima dele. Os meus pulmões pedem por ar. Ele distribui beijos no meu ombro e sinto o calor dos seus lábios na minha pele, me levando ao limite de tudo. Estou simplesmente adorando esses novos sentimentos.

— Está sentindo como você me deixa louco? — fala para logo em seguida se esfregar em mim, sinto o seu membro duro como uma rocha perto da minha barriga. Isso só faz com que o fogo me consuma ainda mais. — Isso é porque você não imagina como eu estou. — Acabo falando e voz alta.

— Não seja por isso, estou muito interessado em saber como você está. — Paollo coloca uma mão entre nossa corpos e o calor dos seus dedos se encontram com a minha boceta encharcada. — É bom saber que te deixo molhada assim.

A sua voz sai rouca e abafada. Seguro nos seus cabelos mais uma vez, sentindo a maciez em cada toque. Trago a sua boca ainda mais para perto. Os seus dedos começam uma exploração dolorosamente gostosa, intensificando entre lenta e rápida. O meu corpo começa a se preparar e uma deliciosa corrente elétrica se inicia nos dedos dos meus pés e vai subindo e se instalando onde ele está massageando.

— Não vou conseguir segurar, Paollo. — Minha voz sai baixa.

— Não quero que se segure, quero que apenas sinta, Laura — sussurra próximo da minha orelha e o meu corpo parece que estava apenas esperando a sua autorização, porque logo em seguida, tenho mais um orgasmo e me contorço em sua mão.

— Você não imagina o prazer que é ver você gozando. — Fecho os meus olhos e não consigo responder. O meu corpo ainda não se recuperou da sensação.

— Se você diz — falo, ainda de olhos fechados.

— Eu vejo. — Sua boca começa uma exploração pelos meus seios e a esse momento, os bicos já estão rígidos, de puro prazer. — Você está muito dolorida?

— Por que a pergunta? — Ele olha para mim.

— Porque estou louco para sentir o meu pau dentro da sua boceta novamente.

Abro a boca para responder, mas não consigo.

— Esquece o que falei. Sei que está dolorida. Eu espero você melhorar. Não sei você, mas estou com muita fome. Quer tomar banho comigo e depois comer algo?

— Se você não se importar, prefiro tomar banho sozinha.

— Claro que não. — Ele me dá mais um beijo e se levanta.

Apesar de já tê-lo visto pelado, não me acostumei ainda. Paollo fica de costas para mim e vejo cada músculo das suas costas largas e bem definidas. Vou descendo o meu olhar até aquela bundinha dura. Falo com propriedade, pois já tive o prazer de senti-la. Meu corpo fica quente igual ao inferno, mais uma vez. Ainda estou observando quando ele se vira e meus Deus, me dê forças, porque está difícil.

— Gostou do que viu? — Me dá um sorriso.

— Tenho que admitir que estou adorando — falo retribuído o seu sorriso.

— Tem certeza que não quer tomar um banho comigo?

— Tenho.

— Ok. — Ele se vira e entra no banheiro. Logo em seguida ouço o barulho do chuveiro ligado. Jogo minha cabeça para trás, me sentindo muito bem. Recolho as minhas roupas e me enrolo em um lençol, saindo do seu quarto. Mesmo ele me afirmando que éramos apenas nós dois na casa, não quero surpresas.

Entro no outro quarto e vou direto para o banheiro, ficando lá um bom tempo. A minha parte íntima arde um pouco, mas é uma coisa que dá para aguentar. Saio do banheiro e me visto com um short jeans e uma camiseta branca. Deixo o meu cabelo solto. Pego o meu celular e vejo que tem uma mensagem da Isa, me perguntando como eu estou. Respondo que estou bem e fico mandando mensagens até chegar na cozinha e quando entro lá, vejo que o Paollo já está me esperando. Então me sento ao seu lado.

— Como você está? — Me dá um beijo.

— Estou bem e você?

— Melhor agora que você chegou.

— Você não respondeu na primeira vez, quem fez a comida?

— A mulher de um funcionário da vinícola. Sempre que venho aqui, é ela que cuida da casa. Depois a apresento.

Apenas balanço a cabeça. Comemos em silêncio e Paollo me serve uma taça de vinho de produção própria. O sabor é delicioso, tenho que admitir.

Me levanto para lavar as mãos e o sinto atrás de mim. A sua boca vai de encontro a minha orelha.

— Estou gostando bastante de ficar com você aqui.

— Eu também. — Me viro.

Sem demora, a sua boca já se encontra na minha e ficamos assim, apenas sentindo um ao outro.



Capítulo 24

Paollo Salvatore

A respiração de Laura está irregular. Seguro na sua cintura, aproximando o seu corpo ao máximo. Estar tão próximo a ela, está me transformando em um adolescente novamente, fazendo com que o meu coração se acelere só de estar na sua presença.

— Você está tão cheirosa. — Aproximo o nariz do seu pescoço.

Ela me olha sorrindo.

— Acabei de tomar banho, seu bobo.

Retribuo o sorriso.

— Eu sei, mas não estou falando do cheiro do sabonete.

Ela não responde, apenas encosta a cabeça no meu peito. Ficar assim com ela, me faz querer que o tempo pare. Balanço a cabeça espantando os pensamentos. *Mas o que estou pensando?* Estou parecendo um idiota. Me mexo sem jeito e ela se afasta sem graça.

— Aconteceu alguma coisa? — fala e segura um braço, como se quisesse se proteger.

— Nada. Só preciso sair por uns minutos. Tenho que resolver algumas coisas.

Ela me observa por um momento, mas acaba dando um lindo sorriso. Como pode existir uma mulher mais linda do que essa no mundo?

— Posso ir com você?

Meu inconsciente fica repetindo para que eu a leve, mas ignoro. Preciso ficar sozinho.

— Dessa vez não vai dar, você se importa? — ela me dá um sorriso sem graça.

— Sem problemas.

Me aproximo lhe dando um beijo na testa. Ela se afasta e a vejo subir as escadas.

— Merda, o que estou fazendo? — falo para mim mesmo. Estou me comportando como um adolescente de quinze anos. Passo a mão pelo rosto, frustrado. Mas afinal, o que eu estou sentindo? Isso é uma coisa que eu nunca senti antes. Estar com ela assim está acabando comigo. Não vou mentir, no começo era apenas atração, mas agora necessito da sua presença. Não sei o que fazer.

Saio dali, entro no carro e dirijo sem rumo. Preciso de um tempo para saber o que eu quero. Não acho justo com ela. Sei que já foi muito machucada e eu não quero ser mais um a magoá-la novamente.

Paro o carro, pego o meu celular e mando uma mensagem para um detetive que trabalha para mim. Preciso saber tudo sobre a Laura. Alguma coisa dentro de mim sabe que tem algo de errado e preciso descobrir o que é.

Fico ali uns minutos, tentando colocar meus pensamentos em ordem e nada. Não consigo decidir o que fazer. Bato com força no volante do carro.

— Inferno!

Dirijo de volta e vou deixar que aconteça. Não sei qual o nome dar ao que eu estou sentindo, mas uma voz na minha cabeça fica se repetindo. *Você sabe o que sente por ela, só não quer admitir.*

Volto para casa depois de um tempo. Chego e não a encontro. Subo as escadas e vou direto para o seu quarto. Abro a porta para vê-la sentada na cama, mexendo no seu celular, ela levanta o olhar ao sentir minha presença.

O seu cabelo está solto, caindo em cachos pelas suas costas. A sua boca se abre apenas um pouco. Fico apenas a admirando seu belo rosto. Se alguém me perguntasse, eu saberia responder exatamente quantas sardas ela tem.

Não consigo mais me controlar e vou ao seu encontro com uma única

certeza em minha mente: quero ficar com ela, independente de ela aceitar, ou não.

— Aconteceu alguma coi...

Antes que ela termine a frase, a calo com os meus lábios, beijando-a intensamente e sentindo as suas mãos no meu pescoço. Tê-la assim em meus braços, faz com que eu a deseje mais. Paro o beijo e a observo.

— Aconteceu... descobri que quero ficar com você.

Ela me olha espantada e o seu peito sobe e desce rapidamente.

— O que quer dizer com isso?

Seguro na lateral do seu rosto.

— Quero dizer que gosto de ficar com você, não tenho certeza do nome desse sentimento. A única coisa que sei, é que você me faz bem. Só de estar na sua presença, me sinto melhor. Até arrisco dizer que necessito de você.

Ela fica apenas um minuto me encarando, mas para mim parece uma eternidade. O seu silêncio está me deixando louco.

— Fala alguma coisa.

— Eu não sei o que dizer — fala baixando o olhar.

— Apenas me fale que sente o mesmo que eu.

Ela fecha os olhos lentamente. É nítida a batalha que está travando com ela mesma.

— E se você me machucar?

A aproximo mais do meu corpo.

— Por que você tem tanto medo de se machucar?

Ela dá um longo suspiro.

— Já fui muito machucada na vida, Paollo. Não gostaria que você fosse uma dessas pessoas, no final.

— Não irei te machucar, Laura.

Ela fica nos meus braços por um tempo.

— Você não pode prometer isso.

— Posso e vou — falo levantando o seu rosto. — A última coisa que quero é te ver machucada. O meu único desejo é te ver feliz e sorrindo e se eu puder fazer parte da sua felicidade, já será perfeito para mim.

— Você está acabando comigo.

— Digo o mesmo em relação a você. O que me diz?

— Vou ser sincera. Gosto de você, Paollo. Fico muito feliz, mas, ao mesmo tempo, isso me deixa em pânico. Espero apenas que não acabe me magoando no final.

— Isso é um sim?

Ela se aproxima, me beijando.

— Isso é um sim.

A seguro pela cintura e a coloco sentada em meu colo. Encosto a minha boca na dela mais uma vez. Nunca pensei em dizer essas palavras para uma mulher, mas sinto que logo as pronunciarei para ela. Eu estou completamente e loucamente apaixonado por essa garota. Ela me faz ter o sentimento de ódio e paixão, tudo entrelaçado e ao mesmo tempo. Quero protegê-la de tudo e de todos e nunca deixarei que alguém a faça mal. Nem que para isso, tenha que matar qualquer um. Isso eu garanto.



Capítulo 25

Laura Genova

Não consigo abrir os olhos.

— Por que eu não posso ir, mãe?

— Seu pai não deixa, minha filha.

— Mas todos da sala vão, só eu que não posso ir.

Minha mãe continua a pentear os meus cabelos.

— Eu só queria ir.

— Eu sei meu amor, eu sei.

— O que você sabe, Lorena?

Minha mãe fica tão estranha quando está com meu pai.

— Não é nada importante, Vicente. A Laura recebeu um convite para

o aniversário de um coleguinha de classe.

— Você sabe muito bem que não é para ela ir.

— Acho que não tem problema ela ir nesse.

— Vem cá, agora!

Vejo a minha mãe tremendo e seguro na sua mão.

— Calma, meu amor, só vou ver o que o papai quer e já volto para terminar de arrumar o seu cabelo — fala e me dá um beijo no rosto. Pego a minha boneca e fico brincando.

A mamãe está demorando e seguro a minha boneca bem próximo ao meu corpo, saindo do quarto. Quando chego até o quarto da mamãe, a vejo no chão, chorando baixinho. Aproximo o meu corpinho do dela.

— O que você tem, mamãe?

Ela se senta e me coloca no seu colo.

— Não é nada, meu amor. A mamãe caiu, só isso.

Uma angústia tão grande toma conta de mim e sinto que a qualquer momento vou morrer. O meu coração se acelera e ele começa a se apertar a cada respiração que eu dou. Me sento na cama, tentando controlar a minha respiração, mas não consigo.

— O que aconteceu? Laura, você está bem? LAURA, calma, calma, respira.

Não consigo, não consigo. Tento falar, mas não consigo. Eu sei que eu era pequena demais para entender o que aconteceu naquele quarto, mas agora sei o que o meu pai fez. Por que eu não ajudei? Por quê? Tento me controlar. Baixo a minha cabeça, lágrimas já rolam pelo meu rosto e uma dor forte toma conta de mim. Sinto os braços do Paollo me abraçando, só aí, consigo respirar normalmente.

— Calma, já passou. Respira, você vai ficar bem.

Só de ouvir a sua voz já me sinto melhor. O meu coração vai se acalmando. Já tem um tempo que não tenho uma crise como essa. A imagem da minha mãe fica se repetindo na minha mente e me aperto ainda mais nos braços de Paollo, tentando me controlar.

— Está melhor?

Não consigo falar nada agora, apenas balanço a minha cabeça. A sua mão está no meu cabelo, acariciando devagar. Esse simples gesto faz com que eu me sinta protegida e finalmente consigo ficar calma.

Ele fica calado, respeitando o meu silêncio. Ficamos assim um bom tempo. Estou encostada no seu ombro, que percebo estar molhado pelas minhas lágrimas. Seco o meu rosto e me afasto dele.

— Desculpa.

— Pelo amor de Deus, Laura. Não precisa me pedir desculpas, apenas me fale, você está bem?

— Estou.

— Vem cá — fala e se aproxima do seu corpo novamente.

— Que bom que você em está melhor. O que aconteceu? Você estava dormindo tranquilamente e de uma hora para outra começou a se debater.

Não consigo falar para ele o real motivo, gostaria, mas não consigo.

— Foi apenas um pesadelo.

— Tem certeza? Você não estava bem, pode se abrir comigo. Não gostaria de presenciar esse episódio novamente, me senti impotente e detesto isso.

— Pode ficar tranquilo, foi só um pesadelo mesmo. Vou fazer de tudo para você não presenciar isso novamente.

— Acho que você não entendeu — fala e segura o meu rosto. — Não estou preocupado comigo, mas sim com você. A impotência é por não poder te ajudar. Ficar vendo você desse jeito acabou comigo. Eu gostaria de tirar a sua dor, mas não consegui. Só de saber que alguém ousou tocar em você, te machucando, me tira do sério. Posso ser um ogro às vezes, mas nunca teria

coragem de encostar um dedo sequer em você e saber que isso já aconteceu, me deixa com um ódio fora do normal — fala e aperta a mão em punho.

Coloco a minha mão em cima da dele.

— Obrigada por tudo, Paollo. Você não sabe o que isso significa para mim. — Ele deposita um beijo na minha boca e não o deixo se afastar. Seguro o seu rosto e continuamos o beijo, que já se misturou com sabor salgado das minhas lágrimas.

— Prometi que iria te proteger e nunca quebro uma promessa. Você pode me tirar do sério, mais vezes do que qualquer um e nunca cala essa boca por nada. Mas fique sabendo, Laura, que eu estou completamente apaixonado por você. Esse sentimento me deixa confuso, mas te garanto que nunca me senti tão feliz como agora.

Um sentimento bom toma conta de mim e a felicidade invade o meu coração. Nunca pensei que me sentiria tão feliz como agora.

— Eu também estou apaixonada por você, seu troglodita — digo sorrindo.

— É muito bom saber disso, sua louca — fala e me dá um beijo. — Minha louca.



Já tem uma semana que voltamos da Vinícola e estou cada dia mais

feliz. O vejo quase todos os dias e cada oportunidade de estar ao seu lado é melhor do que a outra. Além disso, finalmente a Isa chega de viagem e estou feliz e ansiosa para contar tudo para ela.



Estou no seu apartamento junto com Paollo há uns vinte minutos, esperando por eles. A porta se abre e revela uma Isabella toda feliz. Ela corre em minha direção.

— Para de correr, Isa — falo e a abraço.

— Estava morrendo de saudades de você.

— Eu também. sua boba. Vamos, me conta tudo.

— Vou te contar, mas primeiro tenho que te mostrar o que o Nicolai me deu de presente de casamento.

Ela vai ao encontro do Nicolai e ele me cumprimenta com um leve aceno de cabeça. Correspondo educadamente. A Isa pega uma caixa fina e muito comprida e vem ao meu encontro.

— Nunca que você vai adivinhar o que ele me deu — fala e dá um sorriso para mim.

— Fala logo, Isabella.

Ela abre a caixa, retirando uma espada de dentro. Chego próximo, pego o presente e a empunho.

— Mentira! É a espada do Jon Snow?

— É sim, não é linda?

— É perfeita. Nossa, Nicolai, nunca pensei que você fosse dar um presente desse para ela. — Me viro para ele e vejo dar um pequeno soco no Paollo, que não para de sorrir com a cena.

— Pode acreditar, nem eu. Vamos, Paollo, precisamos resolver umas pendências. — Os dois se retiram indo para o escritório.

Me sento no sofá com a Isa. Preciso contar tudo para ela.

— Como está a minha afilhada? — falo e passo a mão pela barriga da Isa.

— Ela está bem, não para de mexer. Além disso, vivo comendo sem parar.

Foco no rosto da Isabella.

— Toma vergonha, Isabella. Até parece que você não comia assim.

— Nossa, Laura, para o seu governo, estou comendo mais por causa da gravidez.

— Deixa de ser falsa. Coitado do Nicolai, vai acabar falindo de tanto comprar comida para você. — Jogo a minha cabeça para trás, rindo da cara dela.

— Vaca!

— Vaquinha, Isabella, vaquinha.

— Mesmo você sendo uma palhaça, estava morrendo de saudades.

— Eu também, sua boba. Aposto que até mais do que você.

— Duvido.

— Você é minha irmã, Isa. É lógico que estava morrendo de saudades de vocês duas.

— Me fala o que aconteceu de especial enquanto estive fora?

— Por que a pergunta? — falo desconfiada.

— Aconteceu alguma coisa entre você e o Paollo? — Ela finge não estar com interesse.

— Desembucha. Por que a pergunta?

— Ah, Laura... digamos que... reparei o jeito que ele estava te

olhando.

— O que tem o olhar dele?

— Estava com os olhos brilhando só de te observar. Anda, me conta logo, aconteceu algo?

— Estou muito feliz, Isa. Estamos nos conhecendo melhor.

Ela dá um gritinho.

— Para de gritar, doida.

— Eu sabia que tinha algo a mais naquelas brigas, nunca erro.

— Tá bom.

— Mas você está bem?

— Como nunca pensei que poderia estar.

— Que bom, Laura, que bom. Só quero que seja feliz, você merece.

— Obrigada.

Ficamos conversando sobre a sua viagem enquanto Paollo e Nicolai ficam trancados no escritório por um bom tempo. Marquei de ir embora com Paollo, então tenho que esperá-lo. Também fico de almoçar com a Isabella

amanhã. Depois de quase duas horas conversando com ela, os dois saem do escritório e decidimos ir embora, afinal, Isa e Nicolai devem estar cansados da viagem.

Um sorriso não sai do meu rosto.

— Você gostou mesmo de vê-la, né?

Me viro para ele.

— Com certeza, você não imagina a felicidade que estou.

— Dá para perceber. — Ele se aproxima e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você está ainda mais linda hoje — fala aproximando o seu rosto do meu pescoço, um arrepio passa por todo o meu corpo.

— Estamos no carro, Paollo.

— Você já deveria ter percebido que não me importo muito com isso. — Sinto a maciez da sua boca em contato com a minha pele e aperto uma perna na outra, tentando controlar o fogo que consome a minha alma nesse momento.

Pequenos gemidos saem sem permissão da minha boca, que são logo silenciados pelos seus lábios. O beijo não é calmo e nesse momento o meu único pensamento é que Paollo também não seja. Seguro no seu pescoço, aproximando mais os nossos corpos e o meu coração bate acelerado.

— Que tal irmos para a minha casa? — fala para logo em seguida me beijar mais uma vez. Não consigo nem responder de tanta vontade que estou de não ter nenhuma roupa entre nós para me impedir de fazer o que eu realmente quero. Esse pensamento me pega desprevenida, mas não tenho nenhuma intenção de mudá-lo.

— Pensei que tivesse algo para resolver com o Nicolai.

— Tenho, mas é só à noite.

Não tenho motivos para falar não, na verdade, cada parte do meu corpo anseia por mais. Mordo o meu lábio superior e imagens dele no meio das minhas pernas não saem dos meus pensamentos.

— Adoraria.

Ele não me responde. Em vez disso, me beija mais uma vez. Ficamos nesse agarra, agarra até chegar na sua casa. Ele abre a porta para mim e seguro firmemente na sua mão. Entramos e sem ter tempo de nem pensar direito, sou encostada na parede.

A sua boca já está no meu pescoço e a sua mão na minha nuca. Inclino o meu pescoço ainda mais e os seus lábios exploram cada canto.

— Ah... Laura, você não faz nem ideia de como te desejo. O meu único pensamento é em tê-la exatamente assim, sendo explorada pelas minhas mãos e principalmente pela minha boca. — A sua voz sai rouca e me

deixa completamente louca.

As suas mãos vão para as minhas pernas, me levantando. Entrelaço-as em sua cintura e seguro no seu pescoço, aproveitando e dando beijos ali. O seu perfume já está impregnado em mim. Ele sobe as escadas comigo entrelaçada a ele e me esfrego querendo sentir mais do seu corpo.

— Se você continuar a se esfregar em mim desse jeito, não te levarei para o meu quarto, vou te comer aqui mesmo.

Dou um pequeno sorriso.

— Isso é uma opção?

Ele fica me observando por um momento.

— Te conheço. Acho difícil você querer fazer sexo aqui — fala já próximo da porta.

— Por enquanto, Paollo, por enquanto. — Entramos e ele me coloca em pé. A sua mão já está retirando a minha blusa e seguro no seu blazer, retirando-o. Desabotoo cada botão para logo em seguida ver sua pele. Passo as minhas mãos por cada parte, sentindo a rigidez de cada músculo. O desejo que sinto por ele só aumenta cada vez mais. — Você é muito gostoso. — A minha voz sai rouca. Passo a minha mão pelas tatuagens espalhadas do seu braço, até o peitoral.

Me aproximando ainda mais, a sua mão já está no meu short. Ele o

retira, me deixando completamente arrepiada com a sua exploração.

— Eu juro que gostaria de ir mais devagar com você, mais não consigo. — Ele mesmo termina de retirar a sua roupa, ficando completamente nu na minha frente. O meu rosto está quente e o meu coração parece que a qualquer momento vai explodir. A minha boca está seca, parecendo que não vê uma gota de água faz tempo.

— Tudo o que eu quero é você — falo e dou beijos no seu pescoço.

— Você precisa entender uma coisa, Laura. Eu já sou seu. — Com suas palavras se repetindo na minha cabeça, deixo qualquer dúvida que ainda possa ter em relação a ele e me entrego a esse sentimento. Paollo está me fazendo sentir algo que achei que não fosse digna de receber: amor.

Todos as peças de roupas já estão no chão e todas as dúvidas, deixei guardadas. Decido apenas viver. Sei que estou completamente apaixonada por ele. Esse sentimento está se tornando maior a cada dia que passa e tenho que admitir, nunca estive tão feliz.

Ele me leva para casa depois que passamos a tarde juntos. Cada toque, cada beijo e carícias estão presentes na minha mente. Abro a porta e ele, observando o local por um tempo.

— Você gosta de morar aqui?

— Claro, por que a pergunta? — Coloco o meu celular no balcão da cozinha e me viro para ele.

— Se você quiser posso arranjar um apartamento maior.

— Você já deveria ter percebido que não aceito ajuda de ninguém.

— Não seria uma ajuda.

— E seria o que, então? — Levanto uma sobrancelha.

— Apenas daria um apartamento para a minha mulher.

— Sua mulher?

— Sim, minha— fala e se aproxima de mim.

— Nunca que você vai me ver te pedindo esse tipo de ajuda, Paollo. Gosto desse apartamento, está perfeito para mim. Gosto de conquistar as minhas coisas por mérito próprio, sem a ajuda de ninguém. Então, por favor, não me ofereça mais nada, principalmente um apartamento. — Dou um beijo no seu rosto e me afasto para vê-lo supersério. Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas se cala. — Aconteceu alguma coisa?

Ele balança a cabeça negando e se aproxima, me dando um beijo.

— Não é nada, preciso ir, mas amanhã te vejo.

— Ok, tenha cuidado.

— Sempre tenho. — Ele sai e tranco a porta. Já estou indo para o banheiro quando ouço o meu celular. Pego e leio uma mensagem do Gabriel.

Primeiramente gostaria de te pedir desculpas pela boate. Segundo, gostaria de saber se quer tomar um café comigo na quarta feira. O seu livro será lançado em dez dias e queria acertar os últimos detalhes com você.

Não tenho muito o que pensar, afinal esse sempre foi meu sonho. Confirmo com ele o local e deixo certo o encontro.



Capítulo 26

Laura Genova

— Tem certeza que vai comer isso tudo, Isabella? — Observo à mesa a minha frente com uma variedade de bolos.

— Claro que não, você vai me ajudar a comer — fala e coloca um pedaço de bolo de chocolate na boca.

— Acho que nem em uma semana vamos conseguir comer isso tudo.

— Fale por você.

— Depois que a senhorita estiver passando mal, não vou te ajudar.

— Você me conhece há um bom tempo. Por acaso já me viu passando mal com comida? — diz e levanta uma sobrancelha.

— Eu sei disso, sua tonta. Mas olha a quantidade de coisas que você pediu.

— Se eu não conseguir comer aqui, levo para casa.

Solto um suspiro.

— Ok. Então come, Isabella.

A vaca sorri para mim, com a boca cheia de bolo.

— Credo!

— Boba.

— Para de falar com a boca cheia. — A infeliz continua. — Você dá sorte que está grávida, senão você ia me pagar.

— Te pago com bolo, anda logo, começa a me ajudar a comer isso.

Não respondo, mas como dois pedaços. Ela já está no seu quarto pedaço. Balanço a cabeça sorrindo. Isabella não tem jeito, adora comer.

— Tem alguma coisa que você goste de fazer a não ser comer? — Ela dá um sorriso safado para mim.

— ISABELLA — falo e dou um tapa no seu braço. — Safada.

— Só um pouquinho. Vai, me fala que você e o Paollo não fizeram nada até agora. — O meu rosto começa a esquentar.

— É claro que fizemos.

— Pela cara de tarado que ele te olhava dava para perceber. —
Começa a sorrir.

— Para com isso, fico sem graça.

— Não precisa ficar sem graça, sua boba. E vamos combinar, né? O Paollo é um pedaço de mau caminho. E com aquele estilo de cabelo, ele fica ainda mais irresistível — fala se abanando.

— Acredita que coloquei o apelido nele de cachinhos dourados?

— Sério? Até imagino a cara dele quando você o chamou pela primeira vez assim. Gostaria de ter visto essa cena.

— Ele ficou até roxo de tanta raiva, aquela cena merecia ter sido gravada.

— Isso eu tenho que concordar com você.

Ficamos por quase uma hora naquele restaurante. Aproveitamos para comprar umas coisas para a minha sobrinha.

— Deixa que eu levo as sacolas — falo e as pego da sua mão.

— Não precisa, eu consigo.

— Deixa de ser teimosa, Isa!

— Olha quem fala, você é pior que eu.

— Só um pouquinho. — Saímos da loja e os seguranças que ficam com a Isa estão nos esperando próximo ao carro.

— Você que ir comigo para casa?

— Adoraria, mas poderia ser outro dia? Tenho que tomar vergonha na cara e começar a escrever meu próximo livro.

— Sem problemas. E qual vai ser o nome dele?

— Ainda estou pensando, depois te falo.

— Tá bom, então.

Em menos de vinte minutos chegamos. Me despeço dela e entro no meu apartamento, indo direto ao banheiro. Tomo um delicioso banho e fico lá um bom tempo, relaxando. Ouço a campainha tocar enquanto seco os meus cabelos, ainda estou de toalha, mas vou atender mesmo assim, curiosa. As únicas pessoas que vem aqui são o Paollo e a Isabella. Dúvido que seja a Isa e um sorriso se forma no meu rosto. Será que é o Paollo?

— Quem é?

— O amor da sua vida, a quem você colocou o apelido de troglodita.

Sorrio, abrindo a porta.

— Não se esqueça de cachinhos dourados.

Ele me olha dos pés à cabeça.

— Porra, Laura, só de toalha.

— Não tenho culpa, estava tomando banho.

Ele entra sem falar nada.

— Mas não muda o fato que é uma adorável surpresa,= te encontrar assim. — fala se aproximando. — Só percebi que estava morrendo de saudades de você agora que te vi.

Não respondo e ele encurta a distância entre nós, ficando na minha frente.

— Se você continuar a falar assim, vou acabar acreditando que você seja romântico.

Ele dá um pequeno sorriso de lado.

— Esse tempo que estou com você, estou descobrindo coisas que pensei que nunca iria fazer na vida.

O meu coração se acelera.

— Que coisas?

— Quero te proteger de tudo — fala depositando beijos no meu pescoço. Nesse momento a minha boca já está super seca. Até parece que não bebo água há dias. — Quero te dar o mundo. A sua voz sai rouca, fazendo com que eu queime por dentro.

A cada frase que sai da sua boca, um beijo depositado no meu pescoço.

— Quero fazer coisas com você que tenho certeza que nunca imaginou em fazer na vida, mas te mostrarei o prazer que será. Quando você descobrir tudo que se esconde na minha mente para você, tenho certeza que você vai adorar.

A sua boca sai do meu pescoço parando a centímetros da minha boca. Olho diretamente para os seus olhos e engulo em seco.

— E o mais importante... — A sua mão vai para a toalha, segurando-a e em um único movimento, ela já se encontra em volta dos meus pés. O seu olhar passa por todo o meu corpo, fazendo com que eu sinta um arrepio passando por mim e gelando até a minha alma. — Quero você na minha vida, para sempre.

Não consigo responder. A sua boca me devora em poucos segundos, me levando ao limite de tudo e a certeza de que o ódio que um dia eu senti por ele, se transformou em amor.

Sem perder tempo ele já me coloca na cama vindo logo em seguida. A todo o momento sinto que vou desmaiar de tanta felicidade; Seguro em seu pescoço trazendo-o para mais perto e acaricio a sua nuca sentindo o seu cabelo mais uma vez. Ele para o beijo e fica olhando para mim.

— O que foi?

— Da próxima vez, pode me espera nua. Juro que não vou me importar. — Um sorriso não sai do seu rosto.

— Tenho certeza que não — falo com ironia.

Ele me beija mais uma vez, segurando meus seios e apertando-os.

— Porra, Laura! Você é muito gostosa.

Seguro na sua blusa desabotoando-a e quando não tem mais nenhum botão a retiro. Paro um pouco, apreciando o que vejo. Passo as minhas mãos pelo seus ombros, devagar, sentindo a maciez da sua pele, em contraste com a rigidez de cada músculo do seu corpo.

Quando ele vai me beijar, o seu celular começa a tocar. Tento ignorar, igual ele faz, mas não consigo. Respiro profundamente.

— Atende, pode ser algo importante.

— Merda!

Ele se afasta, pega o celular e atende sem nem olhar quem é.

— Fala... Tem certeza disso. — Se levantando em um rompante.

Tento me cobrir com as mãos, ficando totalmente sem graça. Ele desliga, passa a mão pelo cabelo. Totalmente frustrado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Infelizmente preciso ir agora. Aconteceu um problema em uma boate.

— Que pena — falo sinceramente.

— Faço das suas palavras a minha. Você não faz ideia da vontade que estou de mandar todos irem se foder, para assim poder fazer o que quero com você.

— Podemos continuar depois — falo me sentando. Ele se aproxima ficando na minha frente e se abaixa para poder olhar diretamente para mim.

— É o que eu mais quero. Vou fazer de tudo para me encontrar com você ainda hoje, mas não vou prometer, ok.

— Não precisa ter pressa, vou estar aqui te esperando.

A sua mão acaricia o meu rosto em movimentos lentos. Fecho os meus olhos, prolongando essa sensação.

— Essa certeza em suas palavras me deixa muito feliz. Até mais tarde
— fala depositando um beijo na minha boca. Paollo se veste e sai. Fico
deitada só imaginando ele aqui comigo.



Capítulo 27

Paollo Salvatore

Deixo o seu apartamento, mas gostaria mesmo é de ficar com ela. Jogo a minha cabeça para trás e imagens do seu corpo, e principalmente do seu rosto, não me deixam concentrar em nada. Mando uma mensagem para o Nicolai avisando da merda que está acontecendo na boate.

Recebo a sua resposta, me avisando que me encontrará lá. Aperto as minhas têmporas, já imaginando que vou ficar resolvendo essa merda a noite toda.

Depois de uns minutos, chego na boate e um cheiro de cigarro invade o meu nariz. Vou direto para o escritório e a porta já está aberta. Lá dentro se encontra a Sofia, uma dançarina daqui que faz uns serviços a mais. Ela se aproxima, me abraçando.

— Que bom que você chegou, meu amor — fala tentando me beijar, mas a impeço.

— Desde quando sou seu amor, Sofia? — Me afasto.

— Você sabe que te amo. Sei que não vivo uma vida muito digna,

mas isso nunca me impediu de te amar. Estava morrendo de saudades de você.

— Não tenho nada a ver com suas loucuras. Se você sente isso por mim, sinto muito, mas não posso corresponder a esse sentimento.

Ela se aproxima, ficando na minha frente. O seu olho está inchado e esse é o motivo pelo qual tive que deixar a Laura sozinha. Por algum motivo, um idiota decidiu bater nas garotas daqui, começando uma confusão.

— Você está bem?

— Levei um soco, o que você acha? — ironiza.

— É, deu para perceber.

— Esse olho não é nada em comparação ao meu coração, que você insiste em machucar toda vez que nos encontramos.

— Machucaria mais se te iludisse. O que tivemos foi apenas sexo, nada mais que isso — falo retirando a sua mão do meu ombro.

— Para você pode ser só sexo, mas para mim não.

— Para com isso! Não estou com paciência para isso agora. Se o motivo de você estar aqui é para me comover com seus machucados, sinto te informar, mas não deu certo. Se está tão ruim assim, você não acha melhor ir a um hospital?

Ela começa a chorar. *Oh, inferno! Eu mereço.*

— Interrompo algo? — fala o Nicolai, entrando. *Graças a Deus!*

— Não, ela já está de saída. — Até que fim ela percebe. Sai, mas antes me lança um olhar de puro ódio.

Me joga na poltrona.

— Ainda bem que você chegou.

— A Sofia ainda nutre por você esse sentimento louco dela?

— Infelizmente.

— Logo passa, já passei por isso. Ela se apaixona por qualquer um que lhe dê um pinga de atenção — fala e se serve de uma dose de uísque.

— Tivemos muitos prejuízos?

— Não muito, apenas umas mesas quebradas e duas garotas machucadas. A Sofia e a novata.

— Ok, sabemos o motivo da confusão?

— Segundo o Apolo, um idiota se achou no direito de tentar agarrar a Safira. E como você sabe, ela é apenas dançarina. Aí começou a confusão.

— E o cara?

— Levou uma boa surra e está proibido de frequentar qualquer boate nossa.

— Melhor assim. Dê uma semana de folga para a novata.

— Farei isso.

— Você ficará aqui hoje?

— Sim, conversarei com os seguranças e aproveito para falar com a Safira.

— Quantos anos essa garota tem?

— Ela fala que tem vinte, mas duvido muito. Você sabe que as garotas daqui mentem a idade. Acho que deve ter uns dezoito. Uma vez a vi sem toda essa maquiagem que elas usam e me pareceu ser bastante jovem. Por que a pergunta?

— A última vez que estive aqui e vi a sua apresentação, mesmo com toda aquela maquiagem e as roupas, tive a impressão que já a vi antes.

— Posso pedir para investigar. O que você acha?

Ele me observa um pouco. Tantos anos que convivo com o Nicolai,

mas até hoje, ele é um mistério para mim.

— Por enquanto, não. Acho que ela não será um problema.

— Se você mudar de ideia me avise.

— Já vou indo. A Isabella não está se sentindo bem. Qualquer novidade me avise.

Ele não espera a resposta apenas se vira e sai.

Saio do escritório, vou à procura dos seguranças e encontro-os no bar. Aviso sobre a proibição do infeliz. Ao terminar de falar com eles, vou à procura da Safira. A encontro digitando algo no seu celular. Sua boca tem um pequeno corte. Me aproximo, ficando na sua frente. Ela me olha dos pés à cabeça e se levanta toda sem jeito.

— Gostaria de alguma coisa, senhor?

Ela é uma garota linda. O seu rosto tem uma inocência fora do comum. *Me pergunto* o que uma garota como essa está fazendo em um local como esse.

— Você está bem?

— Estou sim, senhor. Apenas machuquei a minha boca — fala encostando a mão no local.

— Que bom, vim te avisar que você pode ficar essa semana em casa para descansar.

Ela começa a ficar vermelha, segura com força o celular, apertando-o cada vez mais forte.

— Por favor, senhor, eu realmente preciso desse emprego. Não me demite, por favor. — Observo o seu rosto. Lágrimas já inundam os seus olhos.

— Calma, garota. Não estou te demitindo.

Ela dá um longo suspiro.

— Não?

— É claro que não, só acho que você precisa de um tempo, só isso.

— Desculpa por isso, então. É que preciso muito mesmo desse emprego. Se não for incomodar, prefiro trabalhar.

— Tem certeza?

Ela dá um sorriso meigo para mim.

— Absoluta!

— Ok, então você que sabe.

— Obrigada, senhor.

Não respondo apenas me retiro.

— Que garota mais estranha. — Balanço a cabeça.

Fico na boate até às três da manhã. Mando uma mensagem para a Laura, avisando que não poderei me encontrar com ela.

Chego em casa quase às quatro da manhã. Tomo um banho rápido, relaxando um pouco e fico acordado até a cinco. Só depois disso consigo dormir.

Já são dez horas e termino de me arrumar. Preciso ver a Laura. A cada dia que passa me sinto mais atraído por ela. Pego a minha carteira e quando vou pegar o meu celular, ele começa a tocar.

— Fala.

— Bom dia, Paollo.

— Alguma novidade, Rodrigo?

— Consegui descobrir algumas coisas sobre a sua amiga.

Até tinha me esquecido desse detalhe.

— Desculpa, tinha até me esquecido de te pedir para cancelar a investigação.

— Tem certeza? Acho que você vai gostar do que descobri.

A merda da curiosidade vence.

— Ok. Então, fala.

— Laura Denaro só existe há apenas um ano e três meses.

— O que você está falando?

— Não tem registro dela antes disso.

— Impossível.

— Na verdade, não. Se você quiser apagar algo do seu passado, nada melhor do que uma identidade nova. Nova vida, entendeu?

— Sim, entendi, descobriu mais alguma coisa?

— Tenho um amigo no FBI. Pedi para ele um favor. No máximo em uma semana terei tudo, aí te envio.

— Obrigado, Rodrigo, não preciso te falar que essa investigação é sigilosa, né?

— Com certeza, te mantenho informado.

Desligo e a minha cabeça começa a doer ainda mais. Quem é você, Laura? Isso se esse for o seu verdadeiro nome.

Quando vou abrir a porta ela se abre, revelando a mulher que está me deixando completamente louco. Ela entra e fecha a porta. Tem algo errado. Me aproximo e quando vou segurar a sua mão, ela me impede.

— O que aconteceu, Laura?

Ela levanta a cabeça e os seus olhos estão vermelhos. Lágrimas rolam pelo seu lindo rosto. Tento me aproximar mais uma vez e nada, ela não deixa.

— Só me fale que é mentira, por favor. — Ela limpa o rosto. — É verdade o que o Gabriel me falou?

O meu coração se aperta, merda, se for o que eu estou pensando ela não vai me perdoar jamais.



Capítulo 28

Laura Genova

Fico esperando por ele até tarde da noite, mas desisto e acabo indo dormir. Acordo com o meu celular tocando. Nem vejo quem é, apenas atendo.

— Alô?

— Bom dia, Laura.

Me sento na cama, esfregando os olhos.

— Quem é?

— Vou levar em conta que parece que você acordou agora, mas me sinto ofendido de não se lembrar da minha voz. É o Gabriel.

— Nossa desculpa. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Estou te ligando pra te chamar para tomar café comigo. E antes que diga não, realmente preciso falar com você. A data de lançamento do seu livro foi marcada para daqui a uma semana e precisamos acertar os

últimos detalhes.

— Sério? — Um sorriso não sai do meu rosto depois dessas palavras.
— Você não faz ideia de como estou feliz em saber isso.

— Imagino. Então, aceita tomar café comigo?

Penso um pouco e decido aceitar.

— Claro, me mande o endereço.

— Ok, daqui a pouco mando, te espero.

Desligo me jogando na cama. Coloco as minhas mãos no rosto, não acreditando que finalmente vou realizar o meu sonho. Levanto-me e tomo um banho. Visto uma calça jeans, camiseta branca e uma jaqueta preta. Calço meu all star e deixo os meus cabelos soltos. Olho no relógio e vejo que já são oito horas da manhã. Saio de casa e pego um táxi. Logo chego no endereço da cafeteria e o vejo sentado em uma mesa afastada. Vou em sua direção.

Ele logo me vê, se levanta e se aproxima de mim.

— Bom dia, Laura — fala pegando na minha mão, beijando-a. Fico totalmente sem graça com esse gesto.

— Bom dia, Gabriel. Como foi a viagem?

Ele não responde. Apenas puxa a cadeira para mim.

— Tranquila. Acabei descobrindo mais duas autoras muito promissoras — fala se sentando. — E você como está? — Me observa, atentamente.

— Estou ótima e você?

— Para falar a verdade estou melhor agora que te vi. Está cada dia mais linda.

Não estou gostando disso.

— Obrigada — falo totalmente sem graça.

— Estou com a primeira cópia do seu livro na editora, pedirei para lhe enviar hoje mesmo, aí poderá dar uma olhada.

— Seria ótimo. Sobre o que você gostaria de conversar comigo?

— Tenho que lhe pedir desculpas, não fui totalmente sincero com você.

— Do que está falando? — falo desconfiada

— Poderia ter resolvido tudo com você pelo telefone, mas queria te ver pessoalmente. Gostaria de te conhecer melhor, o que você acha?

— Você está confundindo as coisas, Gabriel. Te vejo apenas como o

meu editor, nada mais que isso. — Ele tenta segurar a minha mão, mas não deixo. — Acho melhor eu ir embora.

Ele começa a sorrir balançando a cabeça para mim, fico apenas observando.

— Não estou entendendo, o que é tão engraçado?

— A parte engraçada nessa história é você se fazer de difícil. Pode retirar a máscara, Laura, nós dois sabemos a verdade.

— De que verdade você está falando?

— Sério, vamos fazer assim então. Vai me falar que não estranhou em momento nenhum a minha relação com o Paollo?

— Você bebeu, do que está falando?

— É por que ele é rico? Pode ficar tranquila sou mais rico do que ele, te darei tudo que precisar.

— Espera aí, o que você está querendo dizer? Você acha que estou com ele por causa do dinheiro?

— Não me importo que esteja com ele por dinheiro. Afinal, você é jovem e bonita. Garotas com a sua aparência querem o melhor, não julgo.

— Você é um idiota prepotente. Me desculpa se você só se envolve

com mulheres assim, mas isso não te dá o direito de me ofender. Quer saber? Já chega! Não vou ficar ouvindo isso de você — falo me levantando.

Ele também se levanta, ficando na minha frente.

— Sai da frente, Gabriel. Ou juro por Deus que vou quebrar seus dentes, um por um.

— Para de se fazer de santa, Laura, nós dois sabemos porque você está com o Paollo.

— Sabemos é? Então me fale, qual é o motivo de eu estar com ele?

— Você que mesmo que eu fale? Ok. Sabemos que se não fosse pelo pedido que ele me fez, eu nunca teria lido o seu livro. Você deveria ser grata. Raramente um editor chefe como eu pega um manuscrito de uma autora desconhecida para ler.

A minha respiração se acelera e as minhas mãos começam a suar na hora.

— O que você falou?

Por favor, que eu tenha ouvido errado, por favor.

— Isso mesmo que você ouviu. Vai se fazer de desentendida, agora?

— O Paollo pediu para que você publicasse o meu livro? — A minha

voz sai baixa e sinto que a qualquer momento vou morrer.

— Na verdade, ele não me pediu. Ele me cobrou uma dívida — fala se aproximando.

Não estou conseguindo acreditar. Por que ele fez isso comigo? Meus olhos ardem de vontade de chorar, mas não vou dar esse prazer para o Gabriel.

— E você aceitou brincar com os sonhos das pessoas? Porque você, Gabriel, no final das contas, é ainda pior do que o Paollo. Agora eu sei porque são amigos, vocês dois não valem nada.

Saio de perto dele e aperto a mão em punho de tanta raiva. Parece que o meu coração vai sair do peito e o meu único pensamento é estar cara a cara com aquele desgraçado. Quando vou passar por ele, paro e olho diretamente para os seus olhos.

— Aproveita e rasgue aquele contrato. Não quero saber de você nunca mais na minha vida.

— Não é assim, Laura — fala segurando o meu braço. Grande erro. Estava me segurando para não fazer um show aqui dentro, mas vejo que é impossível. Dou um soco com toda a minha força no seu rosto e ele me solta.

— Você ficou louca, garota, quem você pensa que é para fazer isso? — fala colocando a mão no nariz que agora começa a sangrar.

— Sou a pessoa que só não acaba com você agora, porque tenho que ir matar o Paollo. Porque se não fosse por isso, terminaria o que comecei. — Não espero que ele me responda e saio dali com o meu coração em pedaços. Lágrimas já rolam pelo meu rosto. Por que logo você Paollo? No fundo, não quero acreditar nas palavras do Gabriel.

Pego o primeiro táxi que vejo e com um pouco de dificuldade falo o endereço. Seco o meu rosto e tento controlar as lágrimas que insistem em cair. Mas não dura muito. Continuo chorando. O táxi para e pago o motorista. Entro em sua casa sem problemas, afinal todos aqui já me conhecem. Uma angústia toma conta de mim. A empregada me fala que ele ainda está em seu quarto, então vou para lá.

Entro sem bater. A minha cabeça está baixa, pois não consigo olhar nos seus olhos. O meu coração dói só de pensar nas palavras do Gabriel. Ele tenta segurar na minha mão, mas não deixo. Do jeito que estou, não suporto que ele me toque. Levanto a cabeça, olhando diretamente para ele.

— O que aconteceu, Laura? — fala tentando segurar a minha mão mais uma vez, não deixo.

— Só me fala que é mentira, por favor. — Limpo o meu rosto. — É verdade o que o Gabriel me falou? — Tento controlar as lágrimas, mas não consigo, a minha respiração está irregular e estou me segurando para não desabar ainda mais na sua frente.

— O que ele te falou? — tenta se aproximar e dou um passo para trás.

— Por favor, não se aproxima.

— Como não? Estou vendo que você está mal. Deixe-me te ajudar.

Começo a sorrir da sua prepotência.

— Me ajudar? Você não acha que já me ajudou demais, como você pôde, Paollo? Como?

Me aproximo ficando cara a cara com ele.

— Eu deveria ter acreditando na minha intuição, nunca deveria ter acreditado em você. Me fale, como você pôde fazer isso comigo?

— Calma, Laura. Só queria pagar a dívida que eu tinha com você.

Balanço a cabeça.

— Que dívida, você ficou maluco, seu IDIOTA? — grito.

— Por você ter me ajudado a fugir.

— Pera aí, você... — falo colocando o dedo no seu peito — Destruíu o meu sonho só por que nessa sua mente podre, você me devia algo?

— Sim, foi isso. Naquela época, não fazia ideia que me apaixonaria por você. Esquece isso, Laura. Já ficou no passado.

— Você falar isso só mostra que não me conhece nada. — A minha voz sai baixa. Dói tudo. Decepção e o ódio estão lado a lado. — Sempre te falei que não precisava de nada seu... A única coisa que eu queria de você era o seu amor, nada mais que isso.

— Você já tem isso! Entenda, PORRA! Eu te amo. como nunca pensei em amar alguém na vida. Desculpa, tá bom? Não sabia como te falar isso. No fundo, sabia que você não iria me perdoar.

— Em uma coisa você está certo. Nunca irei te perdoar por isso. A única coisa que lhe pedi foi para não me machucar e foi exatamente isso que você fez. Mentiu para mim.

— Você não é a melhor pessoa para falar de mentiras, Laura.

— Do que você está falando?

— Deixa de ser cínica, no final, somos iguais. Dois mentirosos.

— Do que você está falando?

— Não sei nem se posso te chamar de Laura. Afinal, esse é seu verdadeiro nome? — Sinto-me tonta, não sei nem como estou de pé ainda

— O que você está querendo dizer com isso?

— Descobri que esse nome só existe há apenas um ano e pouco. Me fale. Por quê?

— Como você descobriu isso? Mandou alguém me investigar, seu infeliz — falo, dando socos no seu peito. Ele segura os meus pulsos, me empurrando em direção a parede e se coloca na minha frente. Começo a gritar e a tentar me soltar. Ele continua a me prender, mas diferente de tudo que imaginei, ele me abraça, suportando tudo sem falar nada. Continuo a gritar e chorar nos seus braços, até não ter mais voz. A minha garganta se fecha e choro.

Respiro fundo.

— Por favor, sai, me solta, Paollo. Eu não suporto mais ficar próxima a você — falo baixo.

— Não fala isso, meu amor. Já pedi desculpas por isso. O que você quer mais?

Respiro profundamente.

— Quero apenas sair daqui. Preciso pensar em tudo. Quero apenas um tempo, por favor.

Ele me solta, mas continua na minha frente como uma muralha.

— Sei que fui errado em ter mentindo para você, sei disso, mas entenda, Laura, fiz isso por você.

— Não, Paollo. Você não fez isso por mim, fez isso para você. Em

momento nenhum pensou em mim, porque se tivesse pensando por um momento apenas, saberia que não aceito favores de ninguém.

Meu coração se aperta a cada minuto que fico na sua frente.

— Vou embora agora, não suporto mais ficar aqui.

— Vamos terminar essa conversa, Laura.

— Você não entende? Não consigo mais ficar aqui, me dê um tempo, por favor.

— Deixa eu te levar em casa.

— Não precisa — falo limpando o rosto. — Vou pegar um táxi, tchau Paollo.

Não espero a sua resposta. Apenas saio o mais rápido que posso. Quando estou entrando no táxi, o vejo na calçada, gritando o meu nome.

Ignoro e falo o endereço da Isa para o motorista. Ligo para ela e no segundo toque ela atende.

— Bom dia, minha linda.

Não consigo responder.

— Laura? Está me ouvindo.

— Bom dia, Isa.

Ela fica um tempo em silêncio.

— O que aconteceu Laura? Por que sua voz está estranha?

— Posso passar na sua casa? Preciso conversar com você.

— Claro que pode, o que aconteceu?

— Chegando aí te falo.

— Você está me deixando preocupada, onde você está? Posso pedir para o Nicolai te pegar.

— Não precisa, já estou indo para aí.

— Ok. Então, vou estar te esperando. Calma vou te ajudar.

— Eu sei.

Fico mais uns vinte e cinco minutos no táxi, mas decido para umas ruas antes de onde ela mora. Não quero que ela me veja assim. Pago o motorista e saio, andando devagar e tentando digerir tudo que aconteceu.

Calma, Laura, você consegue. Não pode chegar assim na casa da Isa. Respira, você consegue. Entro em um beco para cortar caminho e acabo

batendo em alguém. Quando vou pedir desculpas o meu coração para. Se pensei que estava me sentindo mal, eu estava completamente enganada.

A minha respiração se acelera e o meu coração parece que vai sair pela boca. Meu corpo todo treme.

— Pai?

— Sentiu saudades, filha? — fala com um sorriso irônico no rosto.

Depois disso não vejo mais nada. Tudo fica escuro e desmaio.



Capítulo 29

Paollo Salvatore

Saio de casa e a minha cabeça está doendo de novo. Pego o meu celular e fico tentando ligar para a Laura e nada. Na verdade, já tem uns quarenta minutos que estou tentando falar com ela, mas o seu celular só dá fora de área ou desligado. Estou preocupado. Só quero saber se ela está bem, só isso. Quando vou guardá-lo, ele começa a tocar. É o Nicolai.

— Aconteceu alguma coisa, Nicolai?

— Aconteceu. Tem como o senhor me falar o que fez com a Laura, seu infeliz?

— Isabella?

— É claro que sou eu, anda me responda?

— Não é da sua conta.

— Grande engano, tudo que acontece com a Laura é da minha conta sim.

— O que ela falou para você?

— Ela me ligou com uma voz muito estranha, no final, sabia que tinha a ver com você.

— Você é prepotente hein, garota. Se ela não falou nada, que direito você tem para concluir que eu fiz algo?

— O direito de ser a irmã dela.

— Espere ela chegar, com certeza vai te contar.

— É, seu inútil. Acontece que ela falou que estava chegando aqui há vinte minutos e até agora nada. Você sabe aonde ela está? Já estou quase morrendo de medo que tenha acontecido algo.

— Você já tentou ligar para ela?

— Não, Paollo. Estou ligando para você porque gosto de ouvir a sua voz. É lógico que já liguei!! Só que só está dando caixa postal.

— Não vou nem te responder, Isabella. Mas é algo preocupante. Nunca a Laura não iria te atender. Agora fiquei preocupado. Estou indo para aí, o Nicolai está com você?

— Está. Se não fosse por isso, já teria ido atrás dela, mas ele é outro infeliz. Não deixa.

— Ok, estou perto daí. Daqui a pouco chego.

— Ok. Vou continuar a ligar.

— Ok.

Que inferno! Por que essa merda de intuição está me alertando que aconteceu algo? Merda! Se acontecer algo com ela, não vou me perdoar jamais.

Logo chego no apartamento deles Isabella e está toda desesperada. Ela fica andando de uma lado para o outro. Já o Nicolai está no celular com alguém.

— Alguma novidade?

— Até agora não. — O meu coração diz que ela está precisando de ajuda.

— Calma, talvez ela só queira ficar sozinha meu amor — fala o Nicolai, tentando acalmar a Isabella.

— Você não entende. Ela nunca ficaria com o celular desligado. E tem mais, ela me ligou falando que já estava vindo para cá. Então não, ela não está bem.

Tento ser mais otimista nesse momento, mas está ficando difícil. A certeza nas palavras da Isabella não saem da cabeça.

— Anda, me fale, Paollo, o que você fez para ela? — fala tentando me bater, mas o Nicolai a segura pela cintura.

— Se controle, Isabella, que droga! Ficar assim não vai resolver nada. E além do mais, você está grávida.

Ela para e passa a mão pela barriga. Quando ela levanta o olhar, ele está cheio de lágrimas. Ela às enxuga.

— Tem razão — fala pegando o seu notebook.

— O que você vai fazer?

— Vou rastrear o celular dela.

— E você consegue fazer isso? — Ela levanta o olhar.

— Você se surpreenderia se soubesse o que eu consigo fazer.

Não respondo, fico apenas andando de um lado para o outro, por uns cinco minutos.

— Encontrei — fala se levantando. — Vamos.

— Vamos coisa nenhuma, você fica aqui. Eu e o Paollo vamos lá.

— Você me conhece há um bom tempo para saber que não ficarei

aqui, amor.

— Que inferno, Isabella, não vê que isso pode ser perigoso.

— Não estou nem aí. Vou com vocês. Não ficarei aqui sozinha, morrendo de preocupação.

Observo o Nicolai fechar a mão em punho de pura raiva. Já a Isabella, sustenta o seu olhar.

— Você não vai sair do carro.

Ela dá um sorriso para ele.

— Claro.

— Por que não consigo acreditar nas suas palavras?

— Talvez seja porque você me conheça.

Saímos e em poucos minutos, chegamos a um beco. Me viro para a Isabella.

— Tem certeza que é aqui?

— Tenho. Esse é o último lugar onde o celular dela teve sinal.

— Ok —falo, saindo. As minhas mãos suam sem parar de tanta

preocupação. Uma angústia sem fim toma conta de mim. Que ela esteja bem, por favor. Só quero vê-la. Só isso.

O Nicolai vem comigo, logo em seguida a Isabella, com seu notebook.

— Não sei como ainda me surpreendo com você.

— Para falar a verdade, também não.

— Aqui não tem nada, QUE MERDA! — falo, chutando um balde de lixo.

A Isabella não fala nada, apenas fica observando a tela do seu computador. Se aproxima de mim, pega algo no chão e me entrega.

— Ela estava aqui — fala olhando para cima e observando as casas e pequenos prédios. Aperto o celular da Laura na mão, com força.

— O que você está fazendo, Isabella? — fala o Nicolai.

— Estou tentando ver se tem alguma câmera de segurança aqui perto — fala andando de um lado para o outro. Eu e o Nicolai fazemos a mesma coisa.

— Aqui tem uma — falo, apontando para a câmera.

— Boa.

— Acho que consigo conversar com um amigo que trabalha no sistema de controle de tráfico, talvez consiga algo.

— Até parece, isso vai demorar demais.

— O que você sugere então?

— Fácil ué, vou invadir o sistema da polícia e de segurança pública e descobrir o que aconteceu com a minha amiga — fala se dirigindo ao carro. Me viro para o Nicolai.

— Ela consegue fazer isso?

— Não tenho dúvidas — fala e vai atrás dela. Já no carro, fico observando ela digitar sem parar no seu notebook.

Em poucos minutos, chegamos novamente no seu apartamento.

— Consegui!

— E o que aconteceu? — falo, me aproximando dela.

— Consegui o vídeo da câmera de segurança do beco, agora vamos saber o que aconteceu.

Me sento ao seu lado e o Nicolai fica do outro. Nós três atentos a gravação.

Depois de uns minutos, ainda não estou acreditando no que nós vimos.

— Quem é aquele homem?

— Não faço a menor ideia, mas parece que a Laura sabe quem é. Você viu o espanto no rosto dela?

— Vi, aquilo era medo. — Algo me diz que foi aquele desgraçado que a machucou. Se for isso mesmo, vou matá-lo lentamente.

— Você consegue focar na placa do carro? Talvez assim conseguiremos identificar esse infeliz.

— Ok vou fazer isso agora mesmo. — Ela começa a digitar sem parar. O ódio consome a minha alma o meu único pensamento é encontrar aquele infeliz, para enfim, saciar essa raiva. A Isabella para e fica olhando para o nada. Nicolai percebe também e se aproxima dela.

— O que aconteceu Isabella, você está sentindo algo? — fala segurando a sua mão.

— Descobrir quem ele é.

— Isso é ótimo. Por que você está assim?

Ela me olha um tempo, a sua respiração está irregular e ela fecha os

olhos por uns segundos. Depois de um tempo ela os abre.

— O nome dele é Vicente Denaro, aquele homem é o pai dela.

— O que mais você descobriu?

— Eu vou matá-lo com minhas próprias mãos — fala, se levantando.

— O que mais você descobriu? Calma, você vai acabar passando mal

.

O Nicolai segura mais uma vez a sua mão, tentando acalmá-la

— Vocês não estão entendendo. Aquele infeliz foi o motivo da Laura ter fugido de casa.

— Por que ela fugiria dele? — fala um Nicolai totalmente desconfiado.

— Longa história, mas não posso falar nada. Afinal, não é minha para isso.

— Fala, Isabella o que descobriu? — Já estou impaciente.

— Consegui descobrir que o carro é desse infeliz. Então aproveitei e entrei na sua conta bancária e tudo mais. — Ela respira fundo. — Ele tinha uma boate nos arredores da Sicília, mas foi a falência há um ano. Nessa boate ele mexia com tráfico de mulheres, mas o que mais revoltante é a troca de

emails que consegui dele com um tal de Hernanes. Aquele desgraçado vendeu a própria filha.

Ando apressado em direção a porta.

— O que você vai fazer, Paollo?

— O que mais? Vou atrás da minha mulher e matar o desgraçado do pai dela.

— Vou com você.

— Você está louca, Isabella?

— Você acha que vou deixar você dois irem sem mim? Nunca! Vamos, estamos perdendo tempo.

Observo o Nicolai. Ele fecha os olhos e suspira lentamente.

— Ok você vai, mas dessa vez não sairá do carro. E isso é uma ordem. — Ele se vira para mim. — Paollo, eu sei o que você está querendo, mas temos que pensar primeiro. Não vamos resolver nada desse jeito. Ligue para o José e mais uns dez homens. Não sabemos o que vamos encontrar nesse local.

Apenas balanço a minha cabeça, pego o meu celular e saímos.

Te encontrarei, meu amor. Isso eu prometo.



Capítulo 30

Laura Genova

A minha cabeça dói. Tento erguer a mão, mas não consigo. Abro os olhos lentamente para ver o motivo.

— Mas que merda! De novo. — As minhas mãos estão presas atrás das costas.

— Pensei que ficaria acordada o dia todo.

Observo o homem que deveria me proteger, mas que só me causou dor e sofrimento. por muito tempo tive medo. Fugi e tive pavor de me encontrar com ele novamente. No fundo, pensei que a culpa era minha por ele me tratar daquele jeito, mas hoje posso ver que não tive culpa nenhum. A culpa de tudo é única e exclusivamente dele.

— O que estou fazendo aqui? — A minha voz sai firme, porque não tenho mais medo.

— Olha, olha, que tom de voz é esse, sua putinha? — Ele vem em minha direção, segura o meu rosto, fazendo com que eu o encarre cara a cara.

— Me solta! Você não tem o direito de me manter aqui.

Ele começa a sorrir, mas de uma hora para outra o seu rosto se transforma em pura raiva.

— Tenho todo o direito do mundo, garota ingrata. Você me deve e é hora de pagar.

— Que você é um louco psicopata eu já sei, mas vejo que piorou com o tempo. EU NÃO TE DEVO NADA — grito.

— Cala a boca sua inútil, você me deve sim. Por cada prato de comida que te dei durante todos aqueles anos, sua imprestável.

— Eu não te devo nada, era mais do que a sua obrigação. Afinal, você é meu pai.

— Não me lembre disso. Infelizmente sou, mas não se engane. Te criei apenas para que quando completasse dezoito anos, pudesse lucrar com você.

— O que você está querendo dizer com isso?

Ele anda de um lado para o outro.

— Mas você tinha que estragar os meus planos, não é mesmo?

— Eu não fiz nada — tento falar mais firmemente, mas acabo falando

baixo.

— Mas é uma inútil mesmo, eu tinha um acordo com o Hernanes.

— Mais que merda! Quem é esse ?

— O homem que me emprestou o dinheiro para que eu abrisse a minha boate, mas perdi tudo por sua culpa, como sempre.

— Você é louco.

— Isso eu tenho que concordar com você. — Ele dá mais um sorriso.
— Se não tivesse fugido, teria quitado a minha dívida com ele, mas você fugiu e perdi tudo. Mas te encontrei e consegui entrar em contato com ele novamente. Não é o que ele queria, mas vai servir para que eu não morra no final.

As minhas mãos começam a suar. A sensação é ter algo pesado no meu peito. Começo a tentar puxar mais ar para os meus pulmões.

— O que você fez?

— O que mais? Te usei como moeda de troca, pelo menos para isso você serviu. Você está usada, mas servirá para o que ele tem em mente.

Tento me soltar, forçando as cordas, mas não consigo. Lágrimas já escorrem dos meus olhos. Como esse homem consegue dormir à noite sabendo que vendeu a própria filha para um estranho.

— EU TE ODEIO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS. O MEU ÚNICO DESEJO É QUE VOCÊ MORRA, SEU DESGRAÇADO INFELIZ.
— A minha garganta fica seca. Me debato na cadeia tentando me soltar.

— Você tem muita sorte. Gostaria de te dar o corretivo que merece, mas o desgraçado do Hernanes mandou eu lhe entregar sem nenhum arranhão. Você iria ver. Te faria lembrar do meu chicote. — Dou um sorriso para ele.

— Você nunca mais vai tocar em mim. — A minha voz é puro ódio.

— Isso eu tenho que concordar. Afinal, quem terá esse prazer será outro homem — fala enfiando uma seringa no meu pescoço. Tento lutar, gritar e a cada gesto meu corpo vai ficando mais lento. Ouço só a minha respiração. Os meus olhos vão fechando gradualmente.

— Pode ficar tranquila, fiquei sabendo que ele gosta de brincar um pouco.



Abro os olhos lentamente, sentindo o meu corpo inteiro doer com o movimento. Me sento e percebo que estou em um quarto. Na merda de um quarto! Respiro profundamente.

Levanto, sentindo as minhas pernas um pouco bambas. Observo ao redor e há apenas um colchão no chão e uma janela. Corro até ela tentando

abri-la, mas não consigo. Coloco toda a minha força, mas em vão.

— Droga.

Me viro em direção a porta e coloco o meu rosto bem próximo, para tentar escutar alguma coisa. Ouço apenas ruídos. Tento encontrar algo que eu possa usar como arma, mas não há nada. De repente, alguém tenta abri-la, me afasto, sento no colchão e espero pelo que estar por vir.

Uma homem entra, se aproxima, ficando na minha frente. Qualquer deslize que ele der, sairei daqui.

— Acordou, meu passarinho?

Mas quem é esse louco?

— Não sou seu passarinho, seu imbecil.

— Vejo que terei que te amansar não é mesmo? — fala se aproximando. chego mais próximo da parede, tentando colocar um pouco de distância e ele segura no meu rosto, apertando-o e fazendo com que eu fique em pé. Aproxima o seu rosto do meu pescoço e o cheira, o meu estômago se embrulha.

— Você é ainda mais linda do que nas fotos.

— Me solta — ordeno, fechando a mão em punho.

— Por que faria isso? Afinal, você é minha e estamos só começando.

A sua mão vai para a frente da minha blusa, tentando retirá-la. Aproveito para jogar a minha cabeça em direção ao seu rosto.

— Vadia — fala se afastando e segurando o nariz. Corro em direção a porta. Estou a apenas um passo de distância e um sorriso surge no meu rosto. Vou sair daqui. Entretanto, bato com força em algo. Levanto o olhar e um homem enorme está na minha frente. *Merda!* como tudo minha vida, nada é fácil.

— Traga essa vadia para mim. Agora!

Não espero ele terminar a frase e tento passar pelo armário, mas ele segura no meu braço, me forçando a parar. Dou um impulso e acerto o meu pé no seu rosto. Ele me solta e fica me observando. Fecho as minhas mãos. Não sairei daqui sem lutar.

Ele se aproxima e vou em sua direção. Consigo acertar um soco no seu rosto. A minha mão lateja, mas tento controlar a dor. Ele é forte, mas sou mais rápida.

Dou mais uma pesada no seu estômago e ele se curva. Aproveito para aceitar o meu joelho em seu rosto. Levanto a minha perna, acertando nas suas costas e ele cai no chão em baque surdo.

Corro mais uma vez em direção a porta, o mais rápido possível e caio com tudo no chão, mais uma vez. A minha cabeça começa a doer e pequenos pontos de luz se fazem presentes na minha frente. Tento levantar, mas sou

colocada de pé. Foco no desgraçado que me acertou um soco. Ele dá um sorriso para mim. Mais dois homens aparecem e ficam na porta, impedindo que qualquer um passe. Fico indignada, mas tento focar só no que está na minha frente.

Fecho a minha mão mais uma vez.

O miserável que tentou abrir a minha blusa anda em direção ao outros homens.

— Podem bater nessa vadia, mas não a matem, não terminei com ela ainda.

Tento ser otimista, mas está cada vez mais impossível. O desgraçado sai me deixando com os outros. Dou um chute no que está me segurando e ele me solta. Tento me aproximar do cara que eu fiz desmaiar, para poder pegar a sua arma, mas sou incapaz de chegar até lá.

O que ficou para trás, logo segura o meu cabelo me fazendo parar. Os outros dois apenas ficam me observando da porta.

— Você gosta de brincar? Pode ficar tranquila também gosto. — Sou jogada na parede e bato minha cabeça força, sinto o sangue escorrer. Antes que eu faça algo, o homem vem em minha direção e segura no meu pescoço, me suspendendo.

Não consigo respirar. Tento me soltar, dando um soco no seu rosto, mas não é forte o suficiente. Arranho, bato, mas nada acontece.

— Não se esqueça, o chefe falou que a quer viva — fala um dos caras da porta.

— Eu sei disso, porra! — Ele solta uma mão para logo em seguida, acertar com toda a sua força o meu estômago. Finalmente me solta e caio no chão. Respiro profundamente, tentando colocar ar nos meus pulmões. Com esse gesto o meu corpo todo dói. Me curvo segurando a minha barriga, tentando em vão controlar a dor.

— Vamos sair daqui, acho que ela já entendeu o seu lugar. — Eles saem arrastando o seu companheiro e logo em seguida fecham a porta.

Tento sentar, mas não consigo. A minha garganta está ardendo e o meu estômago dói a cada movimento.

Então fico quieta. Lágrimas descem livremente pelo meu rosto. Tento me manter acordada, mas aos poucos vou fechando os olhos até tudo ficar escuro. Igual a minha alma nesse momento.



Capítulo 31

Paollo Salvatore

Entramos no carro. As minhas mãos estão tremendo de pura raiva. Como um homem que se diz pai de alguém, faz isso com a própria filha? Para mim, isso não tem perdão.

O meu único pensamento é colocar as minhas mãos naquele desgraçado, vou matá-lo lentamente. Imagens das costas da Laura ficam passando pela minha cabeça. Fecho os olhos tentando me controlar. A cada minuto, o ódio domina cada parte de mim.

— Calma, Paollo. Dá para sentir a sua raiva daqui — Isabella suspira.
— Até entendo, mas se controle.

Abro os meus olhos e observo a Isabella. Por um momento tinha até me esquecido dela. O seu rosto está vermelho e sei que não sou só eu quem está assim. Afinal, sei o significado da amizade dela com a Laura. Me viro para o Nicolai e ele continua inabalável como sempre. Até hoje me pergunto como ele consegue ser assim.

— Estou tentando.

— Vamos encontrá-la.

— Eu sei disso. A minha preocupação é o estado que ela vai estar.

Ela não responde, mas deve ter pensado a mesma coisa. Sei como esses tipos tratam as mulheres. Conhecendo a Laura como eu conheço, sei que ela vai lutar até o final, mas o meu coração se aperta só de imaginar o que eles estão fazendo com ela

— É melhor vocês dois manterem a calma, se continuarem a ficar assim, vão mais atrapalhar do que ajudar — ele se vira para a esposa. — Conseguiu o endereço do infeliz?

— Rastreei o carro dele até uma casa nos arredores da Sicília. Eles ficaram lá por uns quarenta minutos, logo depois seguiram viagem para uma região mais afastada. Perdi o sinal do celular dele lá.

— Você rastreou o celular dele?

— Sim, depois o do Hernanes. Os dois sinais sumiram no mesmo lugar. Então procurei casas nessa região e acabei encontrando uma fazenda. É lá que eles estão.

Não falo em voz alta, mas tenho que admitir, a Isabella é incrível. Sem ela não teríamos nem a metade dessas informações.

O Nicolai se vira para ela.

— Eu sei o que a Laura significa para você, mas por favor, fique no carro. Pense na nossa filha.

Ela fica olhando para ele por um tempo e baixa a cabeça.

— Eu sei disso, mas é a Laura lá dentro, eu quero ajudar.

— Como você acha que vai ajudar? Entenda, meu amor, já vou ficar preocupado com você. Se você me desobedecer e ir atrás de nós, isso tudo vai acabar em merda. Não suportaria perder vocês duas.

— Eu prometo, ficarei no carro.

— Me sinto melhor agora — fala pegando o colete a prova de balas e colocando. Faço o mesmo.

Finalmente estamos perto. Paramos a uma distância segura. Mais dois carros pararam atrás de nós. Saio do carro com a adrenalina a mil. Verifico a minha arma, a coloco no country, pego a MP5 e a seguro com força, sentindo o frio do metal na minha mão. Fico imaginando a cara de cada desgraçado que vou matar hoje.

Mordo o meu lábio superior com força, tentando me controlar, mas não ajuda muito. Já fiz isso várias vezes nesse tempo que estou na máfia, mas dessa vez é completamente diferente. Afinal, é a minha mulher que está lá.

— Quero tudo com calma — o Nicolai fala olhando para mim. O encaro de volta. Sei que tenho que ser frio, mas é impossível. Fico só

pensando nela.

— Não é a primeira vez que fazemos isso. O Luiz vai ficar aqui com a Isabella, quero mais um do lado de fora do carro protegendo-a. Não preciso nem falar o que devem fazer. Só quero duas pessoas vivas no final. A Laura e o desgraçado do pai dela.

Eles apenas balançam a cabeça, concordando com Nicolai. Cada um viu a foto da Laura e do maldito do pai dela. eles são muito bem treinados e sabem o que devem fazer.

Nos dividimos em três grupos, com três pessoas cada. Eu, o Nicolai e o Elai seguimos para a entrada e nos escondemos. Contornamos as árvores, usando-as quando necessário. Apenas o pequeno barulho das nossas botas na grama se faz presente e a luz da lua é a única testemunha de que hoje, mancharei minhas mãos de sangue mais uma vez.

Ouçõ o meu coração disparando a cada passo que dou. Respiro fundo, tentando me acalmar e observo quando o Elai para. Nós fazemos a mesma coisa e nos abaixamos atrás de uma árvore por um tempo. Logo depois, ele faz um sinal e seguimos. Olho para a minha frente e já vejo a fazenda. Chegamos no muro sem problemas.

Contornamos um carro e o usamos como esconderijo. Levanto a minha cabeça e observo dois homens no portão. Me abaixo.

— Tem quantos?

— Dois, mas com certeza deve ter mais no interior.

— Se tivesse só dois não teria graça, não é?

— Sempre brincando né, Elai?

— Sempre, Paollo. Você me conhece — o infeliz sorri para mim.

— E eu te conheço. Fica com o da esquerda que eu fico com o da direita.

— Preferia o da direita, mas fazer o quê?

— Tem como vocês dois pararem com isso — Nicolai diz irritado.

— Claro chefe, perdão, força do hábito.

Fico me perguntando como que esse palhaço está vivo até hoje.

Posiciono a minha MP5, mirando na cabeça do infeliz e dou um único tiro certo, bem no meio da sua testa. O seu corpo cai no chão e um sorriso se forma no meu rosto. Finalmente o monstro acordou. Estou indo te pegar meu amor.

As próximas cenas são rápidas. Entramos e mato mais um que estava indo ajudar seus companheiros. O local é grande e passamos pela lateral da piscina, onde atravessamos um jardim para finalmente chegar na casa principal. Vejo dois dos soldados se aproximando do outro lado. Faço um

sinal para eles seguirem. O Nicolai está ao meu lado, já o Elai está na retaguarda.

Dou um chute na porta e ela se abre com um barulho alto. Tiros são disparados em nossa direção e fico atrás da primeira pilastra que vejo. Acerto um capanga que estava no alto da escada e ele cai em cima de uma mesa de vidro, quebrando-a em vários pedaços. Corro em direção às escadas, observando cada canto dessa maldita casa, a procura da Laura.

Tem dois corredores e nos separamos. Passo por cada porta abrindo e nada. Nem sinal dela. Será que a Isabella se enganou? Não pode ser, ela tem que estar aqui.

Ouçoo um barulho estranho e viro em um corredor. Vejo um homem olhando de um lado para o outro, logo depois aparece mais um. O seu nariz está sangrando e ele o segura com um lenço, tentando controlar o sangramento. Por alguma razão, sei que quem fez isso foi a Laura. A imagem dela, no banheiro da festa de casamento da Isabella e a lição que ela deu na Rebeca me vem na mente.

Me aproximo, já disparando no primeiro homem. O seu corpo cai sem vida. O outro infeliz tenta correr, mas sou mais rápido e chego perto dele já socando o seu rosto. Ele tenta se defender, mas não dou nenhuma chance. O jogo na parede, segurando o seu pescoço. Ele tenta tirar a minha mão, mas sou mais forte e aperto com mais força. O seu rosto já começa a ficar roxo, só aí, eu o solto. Ele segura na garganta tentando respirar.

— Vou te perguntar somente uma vez, onde está a Laura?

Ele tosse sem parar e levanta o olhar.

— Isso tudo por conta de uma simples mulher? Se esse é o problema, posso arrumar quantas mulheres você quiser.

Não permito que termine a frase. Acerto um soco no seu estômago e ele se contorce de dor.

— Eu te fiz uma pergunta, desgraçado. Onde está a Laura?

— Te falo onde ela está se me deixar ir.

Dou um sorriso para ele.

— Em algum momento pareceu uma negociação para você?

Ele não responde e dou um tiro no seu joelho, fazendo-o cair no chão. Pressiono a minha bota no local e ele solta um grito de dor.

— Você só tem mais dez segundos para me responder. Um... dois...
— Começo a contar, com a minha arma apontada para o seu rosto.

— Tá bom, eu te falo — ele respira fundo. — Aquela vadia está no último quarto desse corredor. — Aponta para a última porta.

Saio de perto dele, mas antes de prosseguir paro e olho diretamente para o seu rosto.

— Aquela garota é minha mulher, desgraçado. — Dou três tiros na sua cabeça. Sangue já começa a se formar ao seu redor. Sorrio com a cena à minha frente.

Saio de perto dele e vou em direção a porta, dando um chute e abrindo-a. O quarto está escuro. Entro me aproximando do colchão no chão e o que eu vejo me deixa sem reação. Laura está deitada, com os braços em volta da barriga. Me aproximo, ficando de joelhos e retiro uma mecha de cabelo do seu rosto, vendo um hematoma na lateral. Fecho a minha mão em punho, imaginando pelo que ela passou.

Os seus olhos se abrem e um pequeno sorriso se forma em seu rosto.

— No fundo eu sabia que você viria.

— Nunca tenha dúvidas disso. O meu arrependimento é não ter chegado antes.

— O importante é que você veio.

— Estava morrendo de medo de te perder.

Lágrimas rolam pelo seu lindo rosto.

— Você nunca vai me perder, seu troglodita. Afinal, sou a sua louca.

Não respondo apenas aproximo a minha boca do seu rosto e lhe dou

um beijo.

— Você consegue andar?

— Acho que sim — ela tenta se levantar, mas não consegue.

— Calma, vou te ajudar. — Seguro seu braço e a ajudo. Aperto a minha arma com força, observando cada canto.

— Merda! — Paro perto da porta.

— O que foi?

A observo e vejo que não está sendo fácil para ela andar. Gostaria de levá-la, mas é impossível.

— Tem certeza que consegue andar?

Ela dá um longo suspiro.

— Não Paollo, estou apenas fazendo charme. É lógico que eu consigo andar e se estiver duvidando, me dê uma arma que é capaz de eu conseguir matar alguém até o final. E reze para que essa pessoa não seja você. — Ela olha diretamente para mim, com um bico enorme, igual a uma criança. Não respondo. Apenas lhe dou um abraço forte.

— Devagar, porque estou machucada, inferno! — ralha, colocando a mão na barriga.

— Desculpa.

— Por que o abraço?

— Agora eu tenho certeza que está bem. Afinal, já está querendo me matar. — Dou um sorriso para ela. — E respondendo a sua pergunta. Não te darei uma arma.

— Por quê?

— Sei que você é doida o suficiente para me dar um tiro, não vou te fornecer o objeto para isso.

— Deixa de ser idiota, me dê logo uma arma ou juro por Deus que vou pegá-la de você.

— Você não está em condições de ameaçar ninguém, amor.

— Quer testar a sua teoria? Amor — provoca com um tom de ironia.

— Sabia que eu adoro o seu jeito. — Coloco a mão no seu rosto, que é logo retirado por um tapa dela.

— Pode ir tirando a mão, não te perdoei. Ainda.

— O meu consolo é esse ainda no final da frase.

— E o meu, é saber que posso, pelo menos, atirar na sua perna até o final disso.

— Juro, às vezes tenho medo de você.

— Receio, Paollo, apenas receio. E vamos logo quero sair daqui.

Andamos devagar. Sei que ela se faz de durona, mas está muito machucada. Observo todos os lados e ao mesmo tempo a observo a cada instante. Cadê os outros? Chegamos nas escadas sem problemas e vejo uma movimentação no outro corredor. Me preparo para atirar.

— Sou eu Paollo. — O Nicolai chega até nós e para perto da Laura.

— Você está bem, Laura?

Ela dá um pequeno sorriso.

— Melhor agora, obrigada.

— Não me agradeça ainda. Temos que te levar sã e salva para a Isabella. Se demormos mais que isso, sei que ela é capaz de aparecer aqui e tenho certeza que se pudesse, estaria com sua espada.

— Onde está o Elias?

— Ele foi na frente, tinha que levar uma pessoa para mim.

A minha expressão se suavizou, conheço o Nicolai. Essa pessoa é o pai da Laura, ele só não que falar para ela.

— Ótimo! — O meu coração se acelera só de imaginar em ficar cara a cara com aquele desgraçado. A adrenalina corre solta nas minhas veias.

Lá fora encontramos o restante do pessoal. Felizmente não perdemos ninguém, mas dois dos nossos acabaram se machucando. Tirando isso, até que não foi a pior operação que fizemos.

O nosso carro para na entrada e chego até a Laura, a pego nos braços e baixo o meu olhar para logo ver suas bochechas ficando vermelhas.

— Não precisa disso, vou andando.

— Tem como você parar de se fazer de durona, INFERNO! Nós dois sabemos que você não está em condições de andar sozinha.

— NÃO PRECISA GRITAR COMIGO — grita.

— Estou vendo que não preciso gritar, você já está fazendo isso.

Ela dá um longo suspiro.

— A culpa é sua, você me irrita.

— Você que é estressada.

— Não sou estressada.

— Com certeza você é, mas pode ficar tranquila, gosto de você assim.

Chegamos no carro e antes que eu tenha a chance de abrir a porta, ela já se abre. A Isabella sai de lá igual a uma doida e me obriga a colocar a Laura no chão. As duas se abraçam.

— Estava tão preocupada com você, Laura.

— Calma, Isa. Agora está tudo bem, fica calma.

Fico de lado, olhando aquela cena se desenrolar na minha frente. As duas começam a chorar.

— Que tal as duas ficarem dentro do carro?

A Isabella para o que está fazendo e começa a me olhar, fechando a cara.

— Para de atrapalhar o nosso momento, Paollo.

Lanço as minhas mãos para cima em sinal de rendição.

— Quer saber, desisto. Vocês duas são iguais.

Saio de perto delas e vou atrás do Nicolai. Estou louco para saber onde está o desgraçado do pai dela. Afinal, tenho um encontro com ele.



Capítulo 32

Laura Genova

— Estava enchendo o saco do Paollo, mas é melhor você ficar sentada Laura.

Gostaria de negar, mas tenho que admitir, estou cansada demais para isso, por isso entramos no carro. Ela fica olhando para mim, toda sem jeito.

— Pode perguntar, Isa. O que você quer saber?

— Eu sei que você não está bem, não quero te encher de perguntas agora. O importante é que você está aqui sã e salva. — Suas palavras estão imersas em lágrimas.

— Assim eu vou ficar aqui chorando sem parar com você.

— Você não imagina o medo que eu estava, não suportaria se tivesse acontecido algo com você. — Me abraça.

— Isa, calma. Você sabe que sou dura na queda. Eu iria lutar até o final.

— Eu sei disso, mas nunca fiquei tão preocupada.

— Eu sei boba, mas estou aqui. Tirando essa dor na barriga e a dor de cabeça estou bem — sorrio para ela.

— Sabe um que ficou superpreocupado? Foi o Paollo.

Só de ouvir o nome dele, o meu coração se acelera.

— Ele me magoou muito, Isa. — Limpo meus olhos com as mãos.

— O que foi que aconteceu entre vocês dois?

— Você acredita que foi ele que mandou o Gabriel publicar o meu livro?

— Por que ele faria isso?

— Aquele palhaço achava que estava me devendo.

Ela me olha com uma cara de não está entendendo nada.

— Depois te explico essa parte.

— Acho bom. Por que não estou conseguindo entender nada.

— Eu sei. Resumindo... ele achou que me devia e o idiota achou uma

boa ideia fazer o desgraçado do Gabriel publicar o meu livro.

— E o Gabriel aceitou?

— Aquele infeliz aceitou, você não faz ideia da vontade que eu tiver de matá-lo.

— Faço ideia. Ok, agora me diga. O que o Paollo te falou?

— Fui na casa dele, brigamos feio. Na verdade, não faço ideia do que fazer. O que você acha?

— Pelo o que eu entendi, ele fez isso no começo, não foi?

— Foi.

— Laura, vou ser sincera com você. Não vou falar que o que ele fez foi certo, porque não foi, mas ele te ama. Está na cara isso. Mas também sei que o seu sonho era poder viver só escrevendo livros e ele acabou estragando isso. Me fale você, acha que pode perdoar ele por isso? Coloque na balança tudo que você viveu com ele e me diga se isso é o que você quer?

— Eu amo aquele infeliz, mas toda hora que eu penso nisso sinto uma grande vontade de arrancar cada fio de cabelo daquela cabeça. Não sei.

— Acho que você já perdoou ele, só não que admitir para você mesma. Porque me desculpa, mas você é igualzinha a ele. Dois cabeças duras, isso sim.

— Eu não sou cabeça dura.

— Com certeza você é. Conversa com ele com calma. Tenho certeza que depois dessa conversa, você se sentirá melhor.

— É por isso que te amo!

— Eu sei.

Ficamos mais uns dez minutos no carro conversando, depois disso o Paollo e o Nicolai entram. A Isabella fica sentada com o Nicolai e eu com o Paollo. Ficamos assim por um tempo, sem ninguém falar nada.

— Você vai ficar lá em casa né, Laura, pelo menos por hoje?

— Acho melhor eu ficar na minha, não quero incomodar.

— Você sabe que não é incômodo nenhum.

Quando vou responder, sinto o calor da mão do Paollo na minha. Gostaria que o meu coração não se manifestasse desse jeito perto dele, mas vejo que é impossível. Eu amo esse infeliz e o traidor do meu corpo sabe disso. Por isso é ainda mais difícil sentir raiva dele.

— Fica comigo hoje? Precisamos conversar.

Observo o seu rosto e meu único pensamento é poder tocá-lo como

antes. Gostaria de abraçá-lo, sentir o seu calor e esquecer de tudo que passei. Mas principalmente adormecer nos seus braços.

— Não acho uma boa ideia.

— Por favor — pede baixo para que somente eu ouça.

Respiro fundo, olhando para ele.

— Você se importa se ficarmos juntas amanhã, Isa? — falo, me virando para ela.

Ela nos olha por um tempo e depois dá um sorriso para mim.

— Claro que não. Amanhã você fica comigo, mas você não acha melhor ir a um hospital primeiro.

— Pode ficar tranquila. Já passei por coisas bem piores do que isso, vou ficar bem.

— Tem certeza?

— Absoluta!

— Ok então, qualquer coisa me avise.

— Pode deixar.

Eles nos deixam na casa do Paollo e vão embora. Me viro para ele.

— Vamos somente conversar, ok?

— Está perfeito para mim.

Não respondo. Dou um passo em direção a porta da casa dele, mas sou impedida. Ele me pega nos braços mais uma vez.

— De novo, Paollo?

— De novo, Laura — fala me levando para a sua casa. Sem esforço nenhum ele me leva até o seu quarto e me coloca na cama, sentando-se ao meu lado, olhando diretamente para o meu rosto. Fico sem graça e baixo o olhar.

— Para de ficar me olhando desse jeito.

— Você não faz ideia do quanto estou feliz por você estar bem. — Me abraça, mas dessa vez mais carinhoso. Fecho os olhos por um momento, prolongado a sensação de estar com ele assim.

— Quero conversar com você, mas primeiro vou pegar um remédio. Sei que deve está toda dolorida. Você consegue tomar um banho sozinha ou precisa de ajuda?

— Consigo sozinha.

— Ok então. — Me ajuda a levantar e me deixa no banheiro, saindo para me dar privacidade.

Retiro a minha roupa e entro debaixo do chuveiro. A água quente me abraça e me deixa totalmente confortável. Lágrimas descem livremente pelo meu rosto. Mesmo eu odiando o meu pai, me sinto muito mal. Ele é um ser desprezível. Como aquele infeliz dorme a noite, sabendo que fez tudo isso com a própria filha?

Saio do banheiro enrolada em uma toalha. Paollo não está no quarto, mas deixa umas peças de roupas na cama para mim. Sorrio com esse gesto. Coloco a calça de moletom e logo em seguida uma blusa de frio. Ficou enorme, mas o importante é que está limpa e superquentinha. Me deito um pouco e meu corpo já está bem melhor.

Ele entra com uma bandeja cheia de coisas. Se senta ao meu lado e a coloca nas minhas pernas.

— Peguei algo para você comer e um remédio para dor. — Me entrega um comprimido. O tomo e depois bebo um pouco de suco. Logo em seguida, ele me entrega uma bolsa de água quente.

— Para que isso?

— Vi que você está sentindo dores na barriga. Isso vai ajudar um pouco a aliviar. — Levantando a minha blusa, ele contorna o hematoma do lado esquerdo, para logo em seguida fechar a mão em punho, de raiva. Seguro na sua mão e ele me observa.

— Desculpa não ter chegado antes.

— Para com isso, Paollo. Você não tem culpa de nada.

— Pior é que tenho sim. Se você não tivesse saído daqui daquele jeito, nada disso teria acontecido.

— O que aconteceu não é culpa sua.

Ele segura na minha mão e a aperta.

— Me perdoa por ser um completo idiota com você. Sei que o que eu fiz foi horrível. Poderia te falar que não gostava de você no começo, mas sei que é mentira. Desde o começo me senti atraído por você, mas demonstrei da pior forma possível.

— Você sabia o que significava a publicação do meu livro. Nunca quis depender de ninguém, principalmente de você. Queria conquistar as coisas por mérito próprio, não queria ajuda.

— Eu sei, Laura. Eu errei, mas eu te peço perdão. Não acho que consiga viver sem você ao meu lado. Porque o que eu mais quero, é te fazer feliz. Quando eu acordar, quero que o seu rosto seja a primeira coisa que eu veja de manhã. Quero ser o motivo do seu sorriso bobo. Quero te fazer feliz todos os dias da minha vida. Eu quero amar você hoje, amanhã e para sempre. Quero ser a primeira pessoa que você procure quando se sentir triste. E principalmente quero te amar como você merece, por toda a minha vida.

Os meus olhos estão ardendo e o coração está martelando no peito a um ritmo acelerado.

— Merda, por que você tinha que falar isso, hein ?

— Porque é a mais pura verdade. Sei que posso errar com você ainda, mas te peço um pouco de paciência, às vezes consigo ser um completo idiota.

— Eu te amo, Paollo, como nunca pensei amar alguém na vida. Você me machucou muito. Me dê um tempo apenas, para pensar um pouco.

— Te darei o tempo que precisar. E saiba sempre estarei aqui por você, nunca se esqueça disso. — Deposita um beijo no meu rosto. — Agora coma um pouco e descanse. Vou tomar um banho também. Ficarei no outro quarto, mas dúvido que eu consiga dormir com você tão perto — fala e sai me deixando sozinha. Entretanto, o meu coração pede para que ele fique aqui comigo.



Capítulo 33

Paollo Sallvatore

Me afasto e vou para o quarto de hóspedes, mas a minha vontade é de ficar com ela. Principalmente essa noite. Retiro a minha roupa completamente e fico debaixo do chuveiro um bom tempo.

Saio de lá e me visto, como sempre com um dos meus ternos. Pegó o meu celular e confirmo onde está o miserável do pai da Laura. Não queria deixá-la sozinha, mas tenho que fazer isso. Não conseguirei ficar aqui sabendo que ele ainda está vivo.

Entro no quarto e me aproximo da cama devagar, para logo a vê-la dormindo tranquilamente. Me aproximo ficando ao seu lado e observo cada sarda do seu rosto, como se precisasse gravar cada detalhe. Levo a minha mão ao seu rosto, sentindo a maciez da sua pele. Ela se mexe ficando de lado.

Como pode uma coisinha tão pequena caussar essa diferença na minha vida em tão pouco tempo? Só de lembrar das suas respostas, um sorriso bobó surge no meu rosto, me fazendo lembrar dos nossos encontros.

— Continue dormindo, meu amor, logo voltarei para ficar aqui com você.

Saio sem olhar para trás. Hora de fazer aquele desgraçado pagar por tudo que fez.

Em menos de trinta minutos chego ao galpão. Nicolai não está aqui. Ele sabe que Vicente é somente meu.

Dois soldados o mantiveram acordado, esperando por mim. Retiro o meu blazer, dobro as mangas da minha blusa, tentando controlar o ódio que sinto só de olhar para ele. Me aproximo, ficando na sua frente. Dou um sorriso vendo como esse animal está.

As suas mãos estão presas em correntes no teto, fazendo com que ele fique nas pontas dos pés.

— Que bom que está acordado. Iria ficar desapontado se chegasse aqui e você estivesse dormindo.

— O que você quer comigo, miserável? Não deveria ter me matado naquela fazenda?

— Por que eu te mataria lá? Não, não. Afinal, não teria graça nenhuma em ver você morrer com um simples tiro na cabeça. Você merece algo mais... digamos... especial. — Aproximo a faca do seu rosto e ele tenta se balançar para evitar o corte, mas não consegue. Sinto a ponta da faca rasgar a sua carne, centímetro por centímetro. O líquido vermelho desce livremente pelo seu pescoço.

Dou um sorriso maligno para ele. Estou adorando isso. Saber que vou causar essa dor a ele está me fazendo sentir um prazer fenomenal.

— Você é um louco. Isso tudo por uma simples mulher. A minha filha é bonita, mas não é isso tudo, seu desgraçado.

Deixo a faca de lado e começo a desferir vários socos no seu rosto. A raiva toma conta de mim e o meu único desejo é que ele sofra. Apenas sofra só de lembrar do nome dela.

— Ela não é sua filha, seu miserável. Se fosse, você nunca teria feito o que fez com ela. Então não a chame de filha.

Ele começa a ficar mole e está quase desmaiando, mas não vou deixar. Pego um balde de água fria e despejo todo o conteúdo em sua cabeça. Logo ele abre os olhos.

— Você nunca mais vai encostar um dedo nela, seu animal.

— Por quê? Ficou com pena das pequenas cicatrizes nas costas dela?
— Ele começa a sorrir. — Pode falar a verdade, ficou uma perfeita obra de arte.

Começo a bater nesse infeliz sem parar, não me importando com a dor nas mãos. O meu único pensamento é que ele sofra. Depois de me cansar de bater, observo o seu rosto todo ensanguentado.

— Você é um lixo. Não merece nem que eu suje as mãos com um

monte de merda igual a você. Mas pode ficar tranquilo. Cuidarei da Laura para sempre. Uma coisa que você deveria ter feito, mas não foi capaz.

Ele apenas fica olhando para mim, mas o olhar continua a mesma coisa. Esse infeliz não tem sentimento e nunca terá.

— Não ficarei nem mais um segundo com você, vá para o inferno!

Pego a minha arma e disparo duas vezes na sua cabeça. Um peso sai do meu corpo ao saber que esse miserável nunca mais vai encostar um dedo na mulher que eu amo.

Ao voltar pra casa, fecho os meus olhos e respiro fundo. Entro no quarto de hóspedes e vou direto para o banheiro. Ligo o chuveiro e deixo a água quente percorrer pelo meu corpo. Finalmente a Laura vai ter paz, aquele animal não fará mal a mais ninguém. Saio do banheiro e coloco uma calça de moletom e vou ver como a minha pequena louca está.

Abro a porta e ela continua dormindo tranquilamente, me aproximo dando um pequeno beijo na sua testa e fico ali apenas observando-a dormir.

— Você vai ficar a noite toda me vendo dormir? — Abre os olhos e me encara.

— Pensei que estava dormindo. — Ela se ajeita na cama se sentando.

— Estava apenas com os olhos fechados. — Dá um pequeno sorriso.

— Como você está?

— Estou bem, a dor de cabeça está melhor e como você falou, a bolsa de água quente ajudou bastante.

— Que bom, fico mais tranquilo em saber disso. — Ela não responde, apenas fica me observando por um tempo.

— Bom acho melhor você dormir mais um pouco. — Me levando e quando vou dar um passo, sinto a sua mão segurar a minha. Fico parado apenas olhando as nossas mãos juntas.

— Você quer alguma coisa?

— Eu não te perdoei.

— Eu sei disso.

— Mas você poderia ficar comigo essa noite? — fala com a cabeça baixa.

— Você não se sentiria melhor sozinha?

— Sério, Paollo? Você acha que me sentirei melhor sozinha — fala com um tom de ironia.

— Não sei, me responda você? — Dou um pequeno sorriso para ela.

Ela respira fundo e olha para mim.

— Vamos discutir agora?

— Não estou discutindo com você, apenas fiz uma pergunta.

— Até parece que não te conheço, você quer que eu repita, não é?

— Não seria uma má ideia.

— Não vou repetir. — Vira o rosto.

— Não precisa repetir, não teria outro lugar que eu gostaria de estar mais do que ao seu lado.

— Sêrio?

— Quando você vai entender, Laura? Eu te amo e lógico que quero ficar com você. Só que pensei que você não quisesse.

— Você continua falando essas coisas, me deixando mais confusa.

— Não quero que fique confusa. Quero apenas que grave nessa sua cabecinha o tanto que te quero. Principalmente adormecer todos os dias ao seu lado.

Ela não fala nada, apenas fica me observando atentamente.

— Mas isso é conversa para outra hora, agora quero somente ficar com você assim.

Não espero resposta, me deito ao seu lado a trazendo para mais perto de mim.

— Não fica se aproveitando.

— Laura, se eu estivesse me aproveitando de você, pode ter certeza, eu não estaria usando calças para isso.

— Paollo! — Me dá um pequeno soco no peito.

— Vamos brigar outra hora, agora você precisa dormir. — Seguro na sua mão e a trago aos meus lábios, beijando-a. — Apenas descanse.

Ela não responde nada. Depois de um bom tempo, sinto a sua respiração se normalizar. Aproximo ainda e dou um beijo no alto da sua cabeça. Não tem outro lugar no mundo que eu queira estar além do que aqui com ela.



Capítulo 34

Laura Genova

Já tem um mês que tudo aconteceu. O meu coração pede para que eu dê uma chance para ele, mas ao mesmo tempo me sinto insegura em relação a tudo. A verdade é que não faço a menor ideia do que fazer, mas no fundo, quero a mesma felicidade de quando estava nos seus braços.

— E o Paollo?

— O que tem?

— Alguma novidade?

— Ele me manda mensagens todos os dias, perguntando se estou bem.

— E afinal de contas, você está bem?

Observo a Isa atentamente, por mais que eu tente esconder o que estou sentindo agora, ela percebe que não estou bem.

— Por que não estaria?

— Laura você foi sequestrada, terminou com a pessoa que você ama e o seu pai morreu. Desculpa se acho que você não está bem.

— Nada na minha vida foi fácil Isa. Já estava demorando para que algo acontecesse para estragar tudo. Pelo meu histórico já deveria ter dado merda há muito tempo.

Ela se aproxima, segurando a minha mão.

— Não fala isso. Você é uma pessoa incrível em todos os sentidos. Nunca se esqueça disso. Eu te amo, sua boba.

— Eu também te amo, mas o que te falei é a mais pura verdade.

— Laura, não conheço mais ninguém que mereça ser feliz, mais do que você. Você merece tudo, nunca se esqueça dessas palavras.

— Às vezes é meio difícil de suportar tudo.

— Eu sei, mas saiba que eu sempre vou estar aqui por você. E no fundo, eu sei que você ama o Paollo, só não quer perdoar ele.

— Para falar a verdade eu quero perdoar ele, mas não sei o que fazer.

— Ah, Laura! Viva a sua vida. Você já sofreu demais. Se quer perdoar ele vai lá e faz. A vida é curta demais para que viva sem saber o que é o amor de verdade.

Ela está certa. Eu o amo e o meu coração dói em saber que não estou ao seu lado. Me levanto e fico na sua frente.

— Você tem razão.

— Eu sei, sua boba.

— Vou na casa dele!

— Você não precisa ir na casa dele.

— Por que não?

— Ele está no corredor esperando o elevador chegar, corre que você ainda o encontra.

— Mas como você sabe que ele está lá fora?

— Laura, corre e vá atrás do seu homem, anda.

Dou um sorriso. Ela tem razão. Eu amo aquele infeliz e quero ficar com ele. Saio dali correndo igual a uma doida, mas não me importo. Quase que caio da escada, mas consigo alcançar o elevador quase fechando. Foi por pouco, mas consegui. Baixo a minha cabeça, tentando controlar a minha respiração.

— Às vezes ainda me surpreendo com você. Por que estava correndo desse jeito?

Levanto a cabeça olhando diretamente para aquela imensidão verde que ele chama de olhos.

— Porque eu precisava te encontrar.

— Aconteceu algo com você?

— Aconteceu. — Ele segura no meu braço e começa a me olhar de cima a baixo.

— Você está bem, se machucou?

— A única coisa machucada é o meu coração nesse momento. — Respiro profundamente olhando para o seu rosto. — Porque eu te amo Paollo e se você ainda quiser, gostaria de ficar com você.

A sua expressão não muda, ele se vira e aperta um botão. O elevador para, assim como o meu coração nesse momento.

— Querer? — O seu sorriso aumenta aos poucos, ele dá um passo em minha direção, encurtando a nossa distância.

— É o que eu mais quero nesse mundo. E saber que você está disposta a ficar ao meu lado me torna o homem mais feliz desse mundo.

— Então é um sim?

— Com certeza é um sim, meu amor.

Em poucos segundos já estou nos seus braços, sentindo a sua boca na minha. Seguro no seu rosto, sentindo a maciez da sua barba e imaginando que não gostaria de estar em outro lugar a não ser aqui com ele.

Ele se separa, mas fica a centímetros de mim. A minha respiração está inconstante. Respiro profundamente, olhando para ele.

— Você não faz ideia de como eu imaginei em ficar assim com você. A felicidade que estou sentindo agora não se compara a nada nesse mundo.

— Eu te amo tanto, sabia? Desculpa se demorei a aceitar isso.

— Valeu a pena cada segundo, o importante é que você está aqui comigo.

— E espero que por muito tempo.

— Por mim, para sempre.

Em pouco tempo chegamos na garagem e o seu segurança já está nos esperando. Ele abre a porta e entramos. A todo momento as nossas mãos estão juntas e sinceramente quero que isso aconteça sempre.

— É muito bom ficar assim com você, a minha felicidade não tem tamanho nesse momento.

— Eu também, seu bobo. Como você está?

— Para falar a verdade, não deixo de imaginar nós dois em uma cama.

— Ah, é? E o que você está pensando? — Ele aproxima a boca a centímetros da minha orelha e fecho os olhos.

— A minha imaginação é bem ampla, mas em todas, vejo você gemer a noite toda. — Ele dá uma pequena mordida ali e um arrepio percorre o meu corpo todo.

— Você continua o mesmo tarado de sempre. Já te falei que vou te matar uma hora dessas?

— Laurinha, Laurinha. E eu já te disse se for de prazer, sinta-se a vontade para fazer o que quiser?

— Palhaço! — Dou um pequeno soco no seu peito. Ele segura a minha mão depositando um beijo ali.

— Pode me chamar de palhaço, troglodita do que você quiser, afinal sou seu e você é minha. Te amo sua louca.

Juro que pensei que nunca iria ser tão feliz como agora. É uma sensação tão boa que até parece não ser real. Apenas respiro profundamente, me olhando no espelho do quarto do Paollo. Estou com um vestido preto com pequenos cristais por todo busto.

— Você está linda meu amor — Paollo fala segurando a minha cintura. Me viro em sua direção e passo os meus braços em volta do seu pescoço, me aproximando ainda mais dele.

— Obrigada, não preciso nem falar o tanto que você está gostoso nesse terno, ou tenho? — Dou um sorriso para ele.

— Pode falar, eu não me importo.

— Tenho certeza que não, vamos.

— Estou pensando seriamente em não ir a essa festa e ficar aqui com você, esse vestido me deu ótimas ideias. — Ele deposita beijos no meu pescoço.

— Você sabe que tenho que ir, a Isa está me esperando.

— Um dia vou ser mais importante do que a Isabella?

Me afasto olhando diretamente para ele.

— Você é o amor da minha vida Paollo, mas a Isa é a minha alma gêmea.

— Eu sei disso, estava apenas brincando com você. Sei que a sua ligação com a Isabella é única. Não me importo. Me contento em ser o amor da sua vida.

— Em relação ao seu plano, podemos ficar lá um pouco e depois fazemos o que você quiser. — Dou um beijo na sua boca.

— Não me tente, você não faz ideia do que estou planejando fazer com você.

— Verdade eu não sei, mas estou sentindo que vou adorar.

— Pode ter certeza disso.

Sáímos e em poucos minutos chegamos a um evento beneficente que o Nicolai é benfeitor. Já entro no salão a procura da Isabella e a encontro em uma mesa próxima. Vou em sua direção.

— Cheguei, minha porquinha. — Dou um beijo no seu rosto.

— Laura, você tem sorte que te amo demais, porque senão eu ia te dar uns tapas. Para de me chamar de porquinha.

Me sento em uma cadeira ao seu lado e o Paollo vai conversar com o Nicolai.

— Pode falar a verdade, esse apelido combinou perfeitamente com você.

— Não combinou não.

— Combinou sim, com esse barrigão e sem falar que você fica toda vermelha com raiva, parece até aquelas porquinhas brancas.

— Desisto, como você está?

— Estou bem e você? Ainda acho que não deveria ter vindo. A data do parto é para semana que vem.

— Eu sei, mas eu queria tanto vir. Já estou cansada de ficar em casa sem fazer nada, só comendo.

— Você não existe sabia.

— Por quê?

— Isa, você adora ficar em casa comendo.

— É, mas antes eu não engordava tanto.

— Deixa de ser boba, assim que minha filha nascer você pode ir comigo fazer umas aulas de defesa pessoal, o que acha?

— Não gosto muito de fazer exercícios físicos não.

— Mentira, sério? — ironizo.

— Para falar a verdade gosto de comer. Se isso fosse exercício seria a melhor.

— Com certeza você seria medalha de ouro em mastigação. — Nós duas começamos a rir sem parar.

O Paollo e o Nicolai se sentam olhando para nós.

— O que é tão engraçado?

— Nada importante, a Laura que é uma boba.

Nicolai se senta ao lado da Isabella dando um beijo na sua bochecha.

— Como você está?

— Estou bem, por quê?

— Se você não se sentir a vontade me avise. A qualquer hora podemos ir embora.

— Pode ficar tranquilo, estou bem.

— E Nicolai, estou cuidando dela.

Ele apenas balança a cabeça para mim, me viro para o Paollo.

— E você como está?

Ele se aproxima, parando a centímetros da minha orelha.

— Sinceramente, estou pensando em chegar logo em casa para finalmente fazer o que quero com você. — Sinto a sua mão acariciando a minha perna e fico vermelha com o seu gesto. Coloco a minha mão tentando impedir que ele continue.

— Você ficou louco? — sussurro.

— Com certeza sou louco. Louco por você.

— Você está passando mal, Laura?

— Por que a pergunta?

— Você está vermelha.

O Paollo começa a sorrir. Dou um beliscão na sua barriga o que o leva a me olhar com raiva. Dou um sorriso em resposta.

— Estou bem, acho que é apenas o calor.

— Ok. — Ela se vira e continua a conversar com o Nicolai. Também me viro e encaro o Paollo.

— Já falei que gostaria de te matar hoje?

— Já estava estranhando, até agora não.

— Palhaço, você me paga. — Ele se aproxima de novo.

— Vamos fingir que você não gostou.

— Não gostei.

— Gostou sim e nós dois sabemos disso.

Com o passar da festa começo a me entupir de doces. Olho para o lado e vejo Isabella com o dobro do que eu tenho. Balanço a cabeça, olhando para ela.

— O que foi?

— Nada. — Continuo a comer.

Depois de dançar com o Paollo por um bom tempo, volto para a mesa, mas antes de sentar a Isabella se levanta.

— Vem comigo ao banheiro?

— Claro.

Dou um beijo no Paollo e vou com ela.

— Por que você está quase correndo? — pergunto, tentando acompanhá-la.

— Não deveria ter comido tanto doces.

— Já entendi, vamos.

Nós duas saímos quase correndo no meio do salão. O banheiro está sem ninguém e a Isabella entra na cabine e fica lá. Aproveito para dar uma olhada na maquiagem.

— Está tudo bem aí? — ela não responde. — Isa?

Já estou quase quebrando a porta quando ela abre.

— O que aconteceu?

— Laura, acho que sua afilhada vai nacer agora.

Entro em desespero e ela começa a suar bastante.

— Calma, você consegue.

— Eu sei que consigo, mas está doendo muito. — Segura na porta.

— Merda, merda, merda nós temos que ir a um hospital.

— Nisso eu tenho que concordar.

— Respira devagar, tenho que ir falar com o Nicolai.

— Eu sei.

A coloco sentada e quando vou me levantar ela segura a minha mão.

— Está doendo muito e as contrações estão em intervalos curtos demais para o meu gosto.

— Percebi.

A porta se abre e uma moça, que provavelmente tem a mesma idade que nós entra.

— O que aconteceu aqui? — pergunta, se aproximando.

— Ela entrou em trabalho de parto.

— Merda! — Ela se posiciona ao meu lado. — Você quer que eu te ajude a levá-la a um hospital?

— Tenho que encontrar o marido dela.

— Pode ir fico, aqui até você chegar.

Olho para a Isa e meu coração dói. Não quero deixá-la sozinha e por mais que essa moça pareça legal, eu não a conheço. A Isabella começa a gritar.

— Não queria te falar isso agora, mas eu acho melhor você ligar para

uma ambulância

— Por quê?

— Moça, a sua amiga não vai ganhar esse bebê em um hospital.

— Como você sabe disso?

— O intervalo das contratações estão muito curtos. Por que você não liga para o pai do bebê? Acho melhor.

— Você é enfermeira? — Ela balança a cabeça em negativa.

— Não, sou apenas uma funcionária da cozinha, mas já vi muitos nascimentos.

— Se você não trabalha como enfermeira, como você viu tantos nascimentos assim?

— Moça!

— Laura, pode me chamar de Laura — falo, ligando para o Nicolai.

— Laura, eu nasci em uma fazenda, vi várias vacas parindo.

— VACAS? — eu e a Isa perguntamos juntas.

— Sim, vacas. Mas nas condições da sua amiga, acho que sou a sua

melhor opção. A propósito meu nome é Ana.

Abro a boca para responder, mas a porta se abre. O Paollo entra e observa a cena, passando a mão pela cabeça.

— Por que em todas às vezes que vou te procurar em um banheiro, te encontro em uma cena mais bizarra que a outra.

— Não sei, mas estou me fazendo essa mesma pergunta.

Ele entra parando do meu lado e encara a moça que está nos ajudando.

— Safira?

A moça fica totalmente sem graça.

— Oi, senhor Paollo. — Fico olhando para essa cena sem entender nada.

— Vocês se conhecem?

— Sim, mas depois te explico, vou atrás do Nicolai — fala saindo.

Ligo para a emergência e a ambulância vai chegar em quinze minutos.

— Você conhece o Paollo?

Ela fica vermelha.

— Sim, eu trabalho como dançarina na boate dele e do Nicolai.

— Ok, você acha que consegue ajudá-la, Ana.

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance, Laura — fala dando um pequeno sorriso para mim, por alguma razão confio em suas palavras.

— Ok, em que posso te ajudar? — pergunto apertando a mão da Isabella.



Capítulo 35

Laura Genova

Seguro com mais força a mão da Isa e ela me olha com os olhos cheios de lágrimas, o que faz com que o meu coração se aperte. Se eu pudesse trocaria de lugar com ela.

— Fique tranquila, estou aqui com você — ela apenas balança a cabeça, olhando para mim. — Cadê o Paollo que não chega? — observo a Ana

— E aí, Ana?

— Já estou vendo a cabeça, vou precisar que você empurre quando a contração vier, ok

— Ok — a Isabella fala, mordendo o lábio inferior

— Vai dar tudo certo, estou aqui com você.

Ela começa a gritar ao mesmo tempo que empurra.

— Ótimo, está quase, dessa vez mais forte, você consegue. Daqui a

pouco você estará com o seu bebê nos braços, força.

Ela empurra e nada dos desgraçados chegarem. Eu vou matar o Paollo e o Nicolai..

Até parece que eles ouviram. Os dois entram correndo no banheiro.

— Até que fim vocês chegaram.

Nicolai corre em direção a Isabella, ficando do outro lado.

— Calma meu amor, estou aqui com você. — Ele segura na outra mão dela, dando apoio

— Isabella, a cabeça já saiu. Na próxima contração quero que você empurre com toda a sua força, entendeu?

— Entendi. — Nicolai olha para a Ana e logo em seguida para o Paollo, em uma conversa silenciosa.

A Isa coloca toda a sua força e o seu rosto fica totalmente vermelho, então a Ana segura a minha afilhada no colo

— Ela está bem?

A Ana a coloca de barriga para baixo no seu braço e começa a dar pequenos tapas nas costas do bebê.

— Ela está ótima. — Depois que ela fala ouvimos o barulho do choro dela. As lágrimas que eu estava tentando controlar descem livremente. Olho para a Isa e um sorriso não deixa o seu rosto.

— Me dê o seu blazer, Nicolai. — Ele o retira e o entrega. Ana enrola a minha princesinha e entregar ao Nicolai. Ele aproxima o bebê da Isabella e ver a felicidade no rosto da minha amiga faz com que a minha felicidade aumente ainda mais.

— Ela é linda — fala segurando a mãozinha da sua filha.

— Ela se parece com você.

Me meto no meio.

— Isso eu tenho que concordar com você, ela é a cara da Isabella.

— Os paramédicos chegaram. — Paollo entra, ficando ao meu lado. Chego próximo a Ana.

— Não sei nem como agradecer por você ter nos ajudando.

Ela dá um sorriso sem jeito para mim.

— Não foi nada. Que bom que deu tudo certo. A filha da sua amiga é linda.

— Ela parece uma bonequinha — observo o Nicolai babando na filha.

Já a Isabella está sendo colocada em uma maca.

O Nicolai vem ao nosso encontro.

— Muito obrigado por ter feito isso pela a minha mulher, Safira. — O rosto dela fica vermelho na hora.

— Pode me chamar de Ana, senhor Nicolai.

— Muito obrigada, Ana. Acho que nunca vou poder te agradecer pelo seu gesto hoje.

— Não precisa agradecer. O importante é que tudo deu certo e a sua mulher e filha estão bem.

— Obrigado por tudo.

Ela apenas balança a cabeça para ele. Depois de dar o meu número de telefone para ela saímos dali. Nicolai vai na ambulância com a Isa, e eu e o Paollo no carro. Jogo a minha cabeça para trás e suspiro alto. Que bom que tudo deu certo.

— Você está bem? — Me viro para o Paollo

— Estou muito feliz. Ainda bem que deu tudo certo. Mudando de assunto, a Ana trabalha para você?

— Não sabia que o nome dela era Ana. Todos nós a conhecemos

como Safira. Mas sim, ela é dançarina na boate

— Estranho, ela me parece uma garota tão reservada. Até para falar conosco ela ficava com a cabeça baixa. Se eu pudesse dar uma profissão para ela, nunca que seria dançarina de boate.

— Já me fiz essa mesma pergunta.

— Peguei o número do celular dela, tenho certeza que a Isa vai querer agradecer pessoalmente.

— Nossa noite terminou diferente do que imaginei.

— Sei muito bem o que você imaginou, — falo sorrindo —, mas não se preocupe, teremos várias noites daqui para frente.

Ele se aproxima e passa a ponta dos seus dedos no meu rosto me causando uma sensação gostosa.

— É o que eu mais anseio. Poder ficar com você todas as noites. — Ficamos ali abraçados, fecho os meus olhos e suspiro alto. Nunca pensei que seria tão feliz como agora.

Já tem uma semana que a Isa teve a sua filha e para o meu completo desespero, a égua deu o nome da filha dela de Elizabeth, como a personagem do meu livro preferido Orgulho e Preconceito. A minha vida está indo muito bem. Fico bastante tempo na casa da Isa ajudando em tudo que eu posso com a nossa filha.

Há uns dois dias recebi uma proposta de uma editora para publicar o meu livro. Ela não é grande igual ao do Gabriel, mas não me importo. Enfim, consegui que uma editora olhasse para um livro meu por mérito próprio. Estou tão feliz que às vezes me pergunto se é um sonho. Em pensar que tudo isso começou quando eu dei um tiro no Paollo. Começo a sorrir daquela cena.

— Por que você está sorrindo? — Observo o Paollo sentado no sofá. Chego próximo a ele com a Liz nos braços.

— Só algo que lembrei — ele não responde, mas fica olhando para a bebê. Sei que ele quer segurá-la, mas fica sem graça.

— Nossa!

— O que foi?

— Esqueci que tenho que preparar a mamadeira da Liz. Fique com ela. Volto já — falo, colocando ela nos braços dele.

— Laura, eu não acho uma boa ideia, não sei segurar um bebê — fala tentando segurar todo sem jeito. Ajudo-o a arrumá-la nos seus braços. Ele para e fica me olhando com uma cara de desespero.

— E se eu deixá-la cair?

— Calma, ela está bem, olha para você ver. — Ele baixa o olhar e a Liz fica olhando para ele sem parar.

— Ela é linda. Mas o meu medo é em deixá-la cair. Você será a primeira a querer me matar.

— Não tenha dúvidas disso. — Me afasto dele e vou para a cozinha. Enrolo um pouco lá e quando eu vou para a sala vejo a cena mais linda da minha vida. Paollo está andando com ela, segurando a sua mãozinha e sussurrando coisas. Paro e fico apenas olhando essa cena linda na minha frente.

Consigo colocá-la para dormir, finalmente. A Isa aproveita e vai tomar um banho. Me sento no sofá ao lado do Paollo

— Nossa... cuidar de um bebê cansa muito mesmo — Ele não responde, apenas fica parado, olhando para o nada

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto e ele se vira para mim

— Observando você com a Liz, me fez perceber que quero isso com você

— Isso?

Ele segura as minhas mãos e meu coração parece que vai explodir de tanto que está acelerado.

— Quero tudo com você, Laura, desde casamento a filhos. O que me leva ao agora. Sei que sou uma pessoa difícil, sei também que às vezes você

vai ficar com muita raiva de mim, mas o que eu realmente sei é que te amo como nunca pensei amar alguém na vida. Você é o meu tudo é a minha eterna louca. Então eu te pergunto, aceita se casar comigo?

A minha boca fica seca de uma hora para outra, o meu coração se acelera e aproximo a minha mão do seu rosto, sentindo a maciez da sua pele.

— Não há nada no mundo que eu queira mais do que ser a sua mulher.

— Então é um sim?

— Com certeza é um sim

Ele me beija e seguro na sua cintura para me aproximar ainda mais. Ele para o beijo e olha diretamente para o meu rosto.

— Podíamos estar em casa agora, que te mostraria o tanto que te amo. Porque vou ser sincero com você, estou me controlando para não tirar a sua roupa nesse instante.

— Você nunca vai deixar de ser tarado não é. Por isso tenho vontade de te matar todos os dias.

— Laura Genova, se você não o tivesse desejo de me matar todos os dias, essa não seria você. Eu te amo, sua louca.

— Eu também te amo, seu troglodita. — Respiro fundo. — Meu

troglodita.

(FIM)

.



Sobre a autora

Este é seu segundo livro, mas ela já tem cinco prontos, só esperando coragem de publicá-los. Quando não está no seu computador, você pode encontrá-la lendo.

Casada mãe de dois filhos, Amanda nasceu em Rio do Prado no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, mas hoje reside em Betim.

Sempre sonhava acordada, então decidiu tornar seus sonhos realidade, por meio de livros.

Próximo lançamento: Entre Danças e Livros. Que já está sendo postado no Wattpad.

Contato:

Facebook: Amanda Pereira

Instagram: Amanda170117